

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO SAÚDE MENTAL E PRÁTICAS SOCIAIS**

Alexandra Motta de Araujo Barreto

**REFAZENDO FIOS DA EXISTÊNCIA:
ESTUDO REFLEXIVO SOBRE A ESCUTA PROFISSIONAL FRENTE AO
DESENCANTO COM A VIDA**

Santa Cruz do Sul

2025

Alexandra Motta de Araujo Barreto

**REFAZENDO FIOS DA EXISTÊNCIA:
ESTUDO REFLEXIVO SOBRE A ESCUTA PROFISSIONAL FRENTE AO
DESENCANTO COM A VIDA**

Trabalho Final apresentado ao Programa Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Psicologia, Área de Concentração em Saúde Mental e Práticas Sociais. Linha de Pesquisa I: Práticas Clínicas Contemporâneas, Políticas Públicas e Saúde Mental, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), como requisito parcial para o título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Jerto Cardoso da Silva.

Santa Cruz do Sul
2025

Alexandra Motta de Araujo Barreto

**REFAZENDO FIOS DA EXISTÊNCIA:
ESTUDO REFLEXIVO SOBRE A ESCUTA PROFISSIONAL FRENTE AO
DESENCANTO COM A VIDA**

Trabalho Final apresentado ao Programa Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Psicologia, Área de Concentração em Saúde Mental e Práticas Sociais Linha de Pesquisa I: Práticas Clínicas Contemporâneas, Políticas Públicas e Saúde Mental, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), como requisito parcial para o título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Jerto Cardoso da Silva.

Aprovado em ____ de _____ de 2025

Jerto Cardoso da Silva
Professor orientador - UNISC

Edna Linhares Garcia
Professora examinadora - UNISC

Nilton Sousa da Silva
Professor examinador – UFRRJ

Santa Cruz do Sul
2025

CIP - Catalogação na Publicação

Araujo, Alexandra

Refazendo fios da existência : estudo reflexivo sobre a escuta profissional frente ao desencanto com a vida / Alexandra Araujo. – 2025.

180 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Psicologia) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Jerto Silva.

1. psicologia. 2. formação profissional . 3. psicologia clínica. 4. suicídio. 5. sentidos de vida. I. Silva, Jerto. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Começar é um desafio, talvez seja por isso que deixei para fazer o início no final. Pensei inúmeras vezes em como dar corpo a essa escrita, aos agradecimentos. Como agradecer? Descrever como uma carioca, nascida e estabelecida na cidade do Rio de Janeiro foi parar em Santa Cruz do Sul para fazer um mestrado. Decidi começar pelo começo da minha relação com o Rio Grande do Sul, que é antiga.

Na graduação em psicologia, uns 30 anos atrás, mais ou menos ou perto disso, conheci minha querida amiga Simone Vargas, que é de São Sepé, hoje mora em Caxias do Sul. Ela foi para o Rio passar umas férias e por lá ficou cerca de 20 anos. Sempre digo que só me formei na graduação em psicologia por causa dela, da sua generosidade, seriedade, compromisso, e acima de tudo amizade. Aí começa minha gratidão e admiração pelo RS. E pela Simone, naturalmente.

Eu via ordem, compromisso, retidão, palavra honrada, tudo que no Rio de Janeiro é mais frouxo, mais elástico ou mais caótico. Eu queria imensamente dizer muito organizadamente, por tópicos lineares, que as coisas se deram por planejamento, levantamento de dados e organização contínua, foco, força e persistência. Mas as coisas comigo não têm esse desenho. Queria, mas vou ficar devendo. Já aceitei que essa forma de fazer não é a minha. Ansiei por ser assim, tentei por considerar a maneira “certa” de se fazer as coisas, mais adequada. Eu quis me enquadrar quando meu formato é mais arredondado. Minha origem é outra, meu jeito é outro, faz parte de quem eu sou a despeito do que acho mais chique. Agradeço então minha origem e destino, também o solo onde piso, e o tempo em que estou.

Assim, peregrinando a minha maneira, conheci a Prof. Ana Luisa Teixeira de Menezes, que me apresentou a Unisc. Cheguei pela via do coração, não da razão. Eu tinha que estudar a questão do suicídio, como e de que maneira eu não fazia ideia. Ela me estendeu as mãos, a casa, seus afetos, sua escuta. Foi firme quando eu amolecia. Obrigada, obrigada e obrigada.

Então, não cheguei pelos altos índices ou porque a região central do RS é um dos epicentros em números absolutos de mortalidade por suicídio no país. Foi por sentir que era o que devia fazer e onde devia fazer, foi assim, sem saber muito bem onde estava indo, nem os porquês. Lembro da primeira vez que estive na Unisc, olhei pela janela e senti que estava fazendo exatamente o que deveria, onde eu deveria, quando eu deveria. Uma inspiração oxigenada, uma emoção que tive poucas vezes nesse meu quase meio século de existência. As palavras são demasiadamente pobres em descrever, ou eu sou menos poética do que elas merecem. Os índices mesmo, eu só tive conhecimento quando fui elaborar o curso, já no segundo ano do mestrado, falo dele mais a frente.

Conheci meu orientador, e toda sua generosidade e carinho, já com o mestrado em curso. Rimos muito, ficamos amigos. Eu devaneava e ele sintetizava. Cada um a sua maneira, aprendi tanto que não caberia aqui. O sentido da palavra diversidade e respeito se fez mais vivo e mais claro. Obrigada, obrigada, obrigada.

Conheci tantos maravilhosos ao longo desse percurso, teria que fazer uma obra autobiográfica para agradecer a todos e com certeza ficaria faltando um montão de gente. Para esses também, obrigada, obrigada, obrigada.

A todos que estiveram comigo nessa jornada e trajetória, que de dispuseram a compartilhar suas histórias, em especial a Nemo, Alice e Mariana.

A minha família que é meu centro, meu porto seguro, meu ninho, meu lar. Meus afetos e amigos, que me aguentam em devaneios, lágrimas e risos. Vou por ordem alfabética na tentativa de ser justa, não sei mensurar, matemática não é o forte por aqui: Beatriz de Araujo Waichenberg; Clarisse Ivo; Fabiana Araujo; Fabio Henninger de Araujo; Fernanda Bazzanella; Luciana Maurin Borges; Mara Dias; Maria Clara Araujo de Carvalho; Mario de Araujo Waichenberg; Pedro Araujo Barreto; Prof. Tasat (Pepe); Tatia Rangel; minhas três mães (que estão do lado de lá).

Vou agradecendo então nas palavras de meu conterrâneo Jorge Aragão dizendo:

Mais um pouco e vai clarear
Nos encontraremos outra vez
Com certeza nada apagará

Esse brilho de vocês
O carinho dedicado a nós
Derramamos pela nossa voz
Cantando alegria de não estarmos sós...

Obrigado, obrigado, obrigado!

Quem sou eu?

Quem eu fui?

Quem serei?

Em parte

Sou partes daqueles que vieram antes

Em parte

Sou parte

partes daqueles com quem convivo

Com vivo

Vivo com

os amores

as dores

os sabores

os saberes

as forças

os esforços

as lágrimas

os sorrisos

as amarras

E...

as marras

E...

as farras

Assim, vivo!

Assim viverei!

Com quem veio antes

Com quem virá depois...

E com os que estão agora

(autoria própria)

RESUMO

O estudo aborda a reflexão sobre temática do suicídio e sentidos de vida. A pesquisa buscou os conteúdos simbólicos que emergem sobre a temática e a importância de criar espaços de diálogo sobre o assunto. O percurso da pesquisa foi feito algumas vezes, refletindo a complexidade e a profundidade da questão. O objetivo principal foi investigar os motivos que levam alguém a querer viver, explorando experiências e significados relativos à vida e à morte. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com diferentes abordagens metodológicas: Inicialmente, centrada na análise de implicação, conforme proposta por Georges Lapassade e René Loureau, foi desenvolvido um curso como ferramenta para promover discussões sobre suicídio, vida, morte, acolhimento, cuidado, escuta profissional e seus simbolismos, enfatizando a valorização e respeito ao singular. Posteriormente, foram realizadas - entrevistas, renomeadas "encontros" - com participação de três pessoas que tentaram suicídio e se (re)conectaram com a vontade de viver. Recorremos as "histórias de vidas" e o estudo foi norteado, principalmente, via "amplificação simbólica" de Carl Gustav Jung, engajando-se em um trabalho em circunvolução simbólica, aos temas que emergiram na medida em que recontavam suas experiências. Os conteúdos promovidos durante o curso para universitários, onde se discutiu abertamente sobre suicídio e suas implicações, contribuiu diretamente para o desenvolvimento do produto técnico final - um livro intitulado: "Fio da meada", direcionado a terapeutas. Este material busca auxiliar na formação profissional ao abordar a temática do suicídio de maneira sensível e criativa. O que permite destacar a importância das encruzilhadas simbólicas da vida e a necessidade de integração dos aspectos da vida e da morte em um fluxo contínuo. A pesquisa abre caminhos de suporte para promover espaços de troca e aponta para as múltiplas formas de viver e existir, respeitando as singularidades de cada indivíduo em sua jornada.

Palavras-chave: Suicídio. Sentidos de vida. Formação profissional. Psicologia clínica.

ABSTRACT

The study addresses the reflection on the theme of suicide and the meanings of life. The research sought the symbolic contents that emerge from this experience and the importance of creating spaces for dialogue on the subject. The research path was repeated several times, reflecting the complexity and depth of the issue. The main objective was to investigate the reasons that lead someone to want to live, exploring experiences and meanings related to life and death. This is a qualitative research with different methodological approaches: Initially, it focused on the analysis of implication, as proposed by Georges Lapassade and René Loureau. A course was developed as a tool to promote discussions on suicide, life, death, reception, care, professional listening and their symbolism, emphasizing the appreciation and respect for the singular. Subsequently, interviews were conducted, renamed "meetings" - with the participation of three people who attempted suicide and (re)connected with the will to live. We used "life stories" and the study was guided mainly by Carl Gustav Jung's "symbolic amplification", engaging in symbolic convolution work, with themes that emerged as they recounted their experiences. The content promoted during the course for university students, where suicide and its implications were openly discussed, contributed directly to the development of the final technical product - a book entitled: "Fio da meada", aimed at therapists. This material seeks to assist in professional training by addressing the topic of suicide in a sensitive and creative way. This allows us to highlight the importance of symbolic crossroads in life and the need to integrate aspects of life and death in a continuous flow. The research opens up support paths to promote spaces for exchange and points to the multiple ways of living and existing, respecting the singularities of each individual on their journey.

Keywords: Suicide. Meanings of life. Professional training. Clinical psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Cabelo, cola branca e caneta (acervo pessoal – autoria própria).....	58
Figura 2 - Meu centro - papel preto e caneta dourada (acervo pessoal – autoria própria)	59
Figura 3 – Vala (Wikipedia)	66
Figura 4 - Estrela (Alice).....	69
Figura 5 - Aprendendo os pontos (acervo Pessoal – autoria própria)	70
Figura 6 - Aquarela e linha (acervo pessoal – autoria própria).....	70
Figura 7 - Árvore (acervo pessoal – autoria própria).....	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
APA	American Psychological Association
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
NAAC	Núcleo de Apoio Acadêmico (Unisc)
PPGPSI	Programa de Pós Graduação em Psicologia
RE	Relato de Experiência
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
SIS	Serviço Integrado de Saúde (Unisc)
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFF	Universidade Federal Fluminense
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul
WHO	World Health Organization (Organização Mundial da Saúde)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	ENTRE A VIDA E A MORTE: UM ESTUDO SOBRE A SENSIBILIZAÇÃO PARA O SUICÍDIO (ARTIGO)	16
3	PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES: OUTRAS ANCORAGENS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	17
3.1	Uma pincelada teórica.....	19
3.2	Metodologia.....	26
3.3	Procedimentos das “entrevistas”: Encontros.....	28
4	OS ENCONTROS.....	30
4.1	O centro e o sagrado	36
4.2	Emergência e importância	40
4.3	Profundidade e mar	41
4.4	Dor.....	44
4.5	Artefatos mágicos, fios e cordas.....	45
4.6	Tabu, Vida, Morte e Suicídio	48
4.7	Ruas, entradas e saídas	51
4.8	Trem	52
4.9	Solidão, eu e o(s) outro(s), conexão, conversas.....	53
4.10	O Narrador que conta sua história	55
4.11	Pesquisadora/ tutora de imagens.....	56
5	O FIO DA MEADA: PRODUTO TÉCNICO	59
6	“NAS ENCRUZILHADAS DA VIDA”: CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
	REFERÊNCIAS.....	67
	APÊNDICE A – PRODUTO TÉCNICO.....	73
	APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE DADOS BIOSOCIODEMOGRÁFICOS	146
	APÊNDICE C – PERGUNTA CHAVE	147
	APÊNDICE D – QUESTÕES NORTEADORAS:	148
	APÊNDICE E– TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	149
	APÊNDICE F – CARTA DE APRESENTAÇÃO CEP.....	152
	ANEXO A – CARTA DE ACEITE INSTITUIÇÃO SIS.....	153
	ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO CEP	154
	ANEXO C – ATESTADO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA E INTERVENÇÃO ...	159
	ANEXO D – ATESTADO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA E INTERVENÇÃO SIS	160

1 INTRODUÇÃO

Quando escolhemos o título, meu orientador e eu, não imaginávamos que já se anunciava o caminho, refeito tantas vezes no decorrer dessa jornada. A ideia inicial de pesquisar os universitários que tentaram suicídio e se reconectaram com a vida - quais conteúdos simbólicos emergiriam desse encontro - para então elaborar uma dissertação, delinear algum percurso, teve que ser “re pensada”, “re calculada” e “re feita”, assim como o título enunciava. Mas sem perder o fio da meada. Afinal, como me contou uma das pessoas com quem tive “os encontros”, quando temos um emaranhado de linhas temos que nos concentrar em um fio, desse modo conseguimos desembolar e alinhar. Qual era meu fio condutor? O suicídio e a (re) conexão com a vida. Estava interessada nos motivos que fazem querer viver. E os universitários? Fui caminhar no escuro com aquilo que se apresentava como realidade, em busca de pontos de luz que indicassem por onde andar. Os universitários tiveram sua parte, mas de outro lugar. Assim, foi necessário fazermos uma alteração no título de: “Refazendo fios da existência: Investigação sobre significados emergentes após tentativas de suicídio em jovens universitários” para: “Refazendo fios da existência: Estudo reflexivo sobre a escuta profissional frente ao desencanto com a vida”.

Dessa forma, fizemos duas intervenções, a primeira com os universitários. Elaboramos um curso de extensão universitária para pensar e criar um espaço para falar, ouvir, refletir, sobre suicídio, vida, morte e seus sentidos, simbólicos, sensoriais, culturais, e o que mais viesse à tona. Eu elaborei o curso, a metodologia, escolhi os conteúdos, mas estive lá para ouvir, trocar e principalmente aprender. A partir desse encontro o produto técnico foi criando forma, consistência. Um livro para que terapeutas possam refletir sobre a temática, e dinamizar sentidos em si a partir do encontro. Como um recurso, especialmente durante a formação profissional. Contudo, suas possibilidades são amplas, é um convite à criatividade de cada um.

No primeiro capítulo dessa dissertação apresento na íntegra o relato de experiência (RE) do curso mencionado, intitulado: “Reflexões sobre o

comportamento suicida, dimensões de cuidado, acolhimento e sentidos de vida”. Está em formato de artigo, e foi submetido à revista “Fractal”, da Universidade Federal Fluminense (UFF), até o momento aguardando aprovação. Como fio condutor metodológico usamos a análise de implicação, a partir da proposta de Georges Lapassade e René Loureau. Esse fio – análise de implicação - perpassa toda a dissertação, uma vez que a proposta final visa, também, como ferramenta, auxiliar na formação profissional de psicólogos. Somos nosso próprio instrumento de trabalho. Assim, alinhados teoricamente à Psicologia Analítica, que em sua ética de formação propõe a experiência analítica de cada terapeuta. Ou seja, a técnica terapêutica precisa ser uma realidade interior, para então poder ser “inteligível, transmissível e praticável” (Bonaventure, 1972, p.9). Uma vez que, os fenômenos psíquicos são observados pela própria psique. Há que se levar em conta a subjetividade logo, não existe conhecimento psíquico sem autoconhecimento (Gambini, 2020).

No segundo capítulo apresento outras ancoragens teóricas e metodológicas, que aportaram e aportam esse percurso, onde também mapeio procedimentos. No terceiro capítulo temos as falas e imagens que vieram a partir do que chamei de “encontros”, juntamente com as “ampliações simbólicas”, ou “cultivo da alma”, em exercício criativo. No início exponho sobre a dificuldade em encontrar pessoas para participar, principalmente de receber indicações para o trabalho. Em contrapartida, o desejo de cada um com quem estive em contar sua história, assim como o privilégio que tive em escutá-las.

O produto técnico está descrito no quarto capítulo, e suas imagens reproduzidas como anexo. É o resultado desse processo, composto de questões trabalhadas do curso, relatos das pessoas que me contaram suas histórias, e as imagens que foram surgindo, com alguma feição. Desenvolveu-se um produto de editoração em formato de livro, intitulado: “Fio da meada: movimentos clínicos frente ao des encanto com a vida.” Direcionado, principalmente, como ferramenta didática na formação de psicoterapeutas. O livro sintetiza a caminhada, como um arremate da trajetória, corpo e alma. Por fim, as considerações finais, suas cruzadas, no quinto capítulo.

Nesse caminho, conforme a escrita ia tomando corpo, fui percebendo a coesão entre o fazer, o ser, o escrever. A dificuldade em concluir cada etapa se dava pela própria proposta em deixar um espaço aberto para criação. Como um fazer vaso, deixando espaço em seu interior. Vaso é contorno e recipiente, corpo que acolhe e possibilita a criação da própria vida. Como o útero que também é vaso em sua forma. Há momento de abertura e fechamento. Há momento de entrada, de fertilização, comunhão. Há momento de crescimento, nutrição, amadurecimento. Há momento de saída, nascimento. O caminho natural de entrada é o mesmo de saída, ainda que factualmente os partos possam ser realizados por outros meios, mas isso já é uma outra história.

Humanos tendem a criar soluções aos seus problemas, questionamentos e apetites diversos. Fizemos casa para nos abrigar de questões ambientais, a agricultura veio em auxílio a solucionar escassez alimentar, e assim progressiva e sucessivamente, chegamos à atualidade. Com todas as suas problemáticas, após nós, humanos, gerarmos soluções ou mais problemas. Sem a cobra ainda estaríamos comendo uvas ou laranjas no paraíso.

Herdeiros da expulsão do paraíso, tal qual o nascimento, seguimos em dinâmicas múltiplas e em problemáticas e momentâneas soluções, ciclicamente, como a vida e a morte. Desse modo, não vemos com clareza onde começa ou onde termina de fato esse trabalho, mas há uma convocação ao percurso, ao fazer, um convite a circular pelas linhas que se seguem nos próximos capítulos. Às problemáticas se se transpuseram a mim, acolhi e alinhabei como pude.

2 ENTRE A VIDA E A MORTE: UM ESTUDO SOBRE A SENSIBILIZAÇÃO PARA O SUICÍDIO (ARTIGO)

Este capítulo foi submetido à revista “Fractal: Revista de Psicologia”, vinculada à UFF, em 10 de fevereiro de 2025. Área de atuação: psicologia. Assim segue os padrões de formatação indicados pela mesma.

Entre a vida e a morte: Um estudo sobre a sensibilização para o suicídio

Between life and death: A Study on Suicide awareness

Entre la vida y la muerte: Un estudio sobre la concienciación del suicidio

Título abreviado:

Vida e Morte: Estudo sobre Suicídio

3 PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES: OUTRAS ANCORAGENS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Início considerando oportuno trazer ao debate a temática da morte, os significados da vida e do suicídio no contexto da nossa sociedade, nesse tempo histórico, principalmente no cenário brasileiro. O enfoque no âmbito da psicologia clínica, da subjetividade, do singular e único que é a vida e história de cada ser humano. Assim sendo, cabe ponderar em perspectivas sobre as significações que os espaços sociais produzem no indivíduo. Seres individuais, no que tange à consciência do eu e coletivos em relação à estrutura social. Integrantes e parte fundamental dessa dialógica, pulsante e viva em que estamos inseridos. Desse modo, buscamos significação constante àquilo que somos, ao que fazemos, numa dança solo e coletiva, respectivamente. Tudo que fazemos afeta o coletivo, e o coletivo nos afeta. Vivemos uns com os outros, num movimento circular constante, dentro e fora, eu e outro, pessoal e coletivo.

Além da não dissociação entre o social e o individual, também destaco estarmos diante de um complexo fator corpóreo. Biologia e psicologia estão compostas em um mesmo organismo, pessoas humanas. Somos, enquanto humanos, uma unidade corpórea, psíquica, social, ecológica e cultural. A própria manutenção da existência também está relacionada ao ambiente ao qual somos parte. Ao utilizar premissas biológicas e suas leis para observar a morte por suicídio, sem nos reduzirmos a elas, mas as considerando, estamos diante de um paradoxo teórico. Pois, o primeiro e mais básico instinto é o de sobrevivência, de autopreservação (Jung, 2009).

Contraditório, paradoxal, inexplicável ou com múltiplas explicações, o fato é que o fenômeno existe, algumas pessoas escolhem morrer. E, a quantidade de pessoas jovens que fazem essa escolha vem aumentando, principalmente em nosso continente. Dados do Ministério da Saúde (2021) revelam que, segundo a OMS (Organização Mundial de Saúde), jovens entre 15 a 29 anos o suicídio se apresenta como a quarta causa de morte mais recorrente, e que esse índice aumentou em 17% no período entre 2000 e 2019 (Gov.br). No Brasil vimos o crescimento em mais

de 40% entre 2010 e 2019 nos índices de morte por suicídio em todas as regiões do país, com destaque para as regiões Sul e Centro-Oeste. Estima-se que para cada suicídio ocorrido há cerca de 20 tentativas (Raposo et al., 2016). Logo, o que estamos presenciando é um aumento do número de suicídios no país.

Considerado um grave problema de saúde pública, o suicídio é uma trágica denúncia do indivíduo do fracasso da proposta coletiva daquela sociedade (Kovács, 1992). Uma vez que toda morte diz algo sobre a sociedade em que ocorre (Netto, CFP, p.17). Não se consegue explicar por um único viés o motivo que levou uma pessoa à morte por suicídio, por termos um fenômeno multifacetado, e a questão singular seja sempre um fator indissociável (Machado et al., 2020). Ainda, impactos de uma morte por suicídio não se restringem apenas ao sofrimento das pessoas próximas ao falecido, de seus familiares, mas reverberam em múltiplas camadas sociais. E, se constitui como uma das experiências de luto mais desorganizadoras que um ser humano pode sofrer, apresentando sentimentos próprios, como vergonha e culpa, além da tristeza e saudade (Rocha e Lima, 2020; Serra e Freitas, 2020).

Estudos têm sido realizados no intuito de dimensionar os fatores de risco para o comportamento suicida, definido como pensamentos, planos e as tentativas de suicídio, e o termo – suicídio - como um ato deliberado executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a morte, de forma consciente e intencional, mesmo que ambivalente, usando um meio que ele acredita ser letal (Associação Brasileira de Psiquiatria, 2014). Kovács (1992) nos aponta que é um ato com uma gama mais complexa de situações, cujos contornos muitas vezes são vagos e indefinidos, ainda, que sua definição pode ser mais ampla se incluirmos processos inconscientes, lentos e crônicos. Bastos (2006) ressalta que não temos o suicídio, mas sim suicídios, assinalando sobre as diversas possibilidades de interpretação do ato. E, faz uma reflexão ao dizer que o suicídio é uma questão muito importante para se reduzir apenas a ordem do particular; entretanto não é coisa alguma se não for também pensada por tal ordem.

Nessa díade morte e vida, se olharmos as dificuldades na intimidade dos indivíduos que se autopropõe o encurtamento do caminho em direção à morte,

poderemos pinçar nós nessa trama, colocar lentes de aumento, e provavelmente chegar muito próximo de conclusões que outros já chegaram antes. Por exemplo, fatores de risco estão relacionados a transtornos mentais, acontecimentos de vida negativos, desesperança, depressão e ansiedade, consumo de substâncias e comportamentos agressivos; e fatores protetivos ao comportamento e ideação suicida são autoestima, razões para viver, e o suporte social (Caponi et al, 2019).

Além disso, vale um tangenciamento ao considerar problematização das formas que sociedade atual se relaciona com questão da morte. Temos consciência que qualquer organismo considerado vivo está fadado ao fim, ou pelo menos fim da existência enquanto aquela unidade presente, definida enquanto ser existente em um determinado tempo e espaço. Apesar de sabermos que ali haverá degradações e aquela unidade material se transformará, irá fazer parte ecologicamente da vida, num processo - talvez infinito - de transformação em outras vidas. A morte é um fator natural, contudo não menos angustiante. Há uma angústia primordial no ser humano, da dissolução da ideia do eu (ego), da identidade que nos constitui, que é o que nos define enquanto consciência como indivíduos.

Não há um consenso definitivo do que é a vida e ou a morte em todos os seus possíveis estados e significados, contudo sabe-se e vivencia-se a morte dos outros, assim, por projeção, vislumbramos algo do que poderá vir a ser a morte de cada um de nós. E, para auxiliar a compreensão do campo teórico e prático que estamos percorrendo, explorarei brevemente alguns pressupostos da estrutura psíquica desenvolvidos por Carl Gustav Jung e autores consonantes.

3.1 Uma pincelada teórica

A Psicologia Analítica, de Carl Gustav Jung, é uma vertente da psicologia que adota uma abordagem primordialmente qualitativa dos fenômenos. Suas bases fundamentam-se na compreensão de processos psíquicos dinâmicos, tanto conscientes como inconscientes; na valorização da subjetividade do conhecimento; na interconexão entre conhecimento e autoconhecimento, e na apreensão e compreensão interpretativa dos fenômenos estudados. Compreende o conhecimento com resultado de um processo contínuo de aquisições que se

acumulam ao longo do tempo. Cada nova adição amplia possibilidades, permitindo explorar horizontes inexplorados. Como um processo de transformação em que o novo se integra ao antigo, renovando-o e impulsionando em direção ao desconhecido, numa espiral que se expande em todas as direções, ascendente, descendente e lateral, numa complexificação infinita, desde que haja uma consciência ávida por conhecimento. Considerando essa premissa e paradigma, a noção de conhecimento transcende o intelectual, abrangendo também a criatividade em suas produções, à medida que se manifesta plenamente ao incluir todas as funções psíquicas: intelectuais, emocionais, intuitivas, perceptivas e imaginativas (Penna, 2002).

Nesse viés, tenciona a compreensão da psique humana através de uma perspectiva de totalidade, eco-bio-psico-social, incluindo consciente e inconsciente (Jung, 2009). Com aspectos herdados e inatos, próprios da estrutura e coletividade humana (arquétipos e inconsciente coletivo) e outros adquiridos em sua experiência pessoal relacional com o mundo, sendo o resultado dessa interação a própria individualidade e subjetividade (inconsciente pessoal, consciência e complexos).

O campo da consciência se caracteriza por ser uma “função ou atividade que mantém a relação dos conteúdos psíquicos com o eu” (Jung, 2013a, p.440). Esse por sua vez (eu ou ego) como complexo de representações que constitui o centro do campo da consciência que traz a noção de identidade e continuidade. “O complexo do eu é tanto um conteúdo como uma condição de consciência” (Jung, 2013a, p.444). Logo, um conteúdo só está consciente se relacionado ao eu (ego). “É o agente individualizante na consciência humana (Stein, 2006, p.27).”, o centro nuclear, gerenciador dos processos e ações conscientes e diretivas, dando sentido de continuidade, temporalidade e memória. Mas a consciência não se restringe ao ego, é tanto mais ampla.

É um dado complexo formado primeiramente por uma percepção geral de nosso corpo ou existência e, a seguir, pelos registros de nossa memória. Todos temos uma certa ideia de já termos existido, quer dizer, de nossa vida em épocas passadas; todos acumulamos uma longa série de recordações. Esses dois fatores são os principais componentes do ego, que nos possibilitam considerá-lo como um complexo de fatos psíquicos. A força de atração desse complexo é poderosa como a de um ímã: é ele que atrai os conteúdos do inconsciente, daquela região obscura sobre a qual nada se conhece. Ele também chama a si impressões do exterior que se tornam

conscientes ao seu contato. Caso não haja esse contato, tais impressões permanecerão inconscientes [...] (Jung, 1972, p.27).

Compreende-se assim que apesar do âmbito da consciência ser base ou suporte da condição constituinte e surgimento do eu (ego), este “[...] é apenas o ponto central, fundado e delimitado pelo fator somático [...]” (Jung, 1986, p.3). Formando-se resultante dos encontros, embates ou atritos entre o mundo interno e externo. Mas, ainda que estejamos no campo da consciência, Jung aponta para o fato de que não é absoluta em si mesma, nem tampouco um todo precisamente demarcado, pois “não há um conteúdo consciente a respeito do qual se possa afirmar com absoluta certeza que é em tudo e por tudo consciente” (Jung, 2009, p.127). Havendo um gradiente de tonalidades entre consciente e inconsciente, atuando dinâmica e reciprocamente, aonde é possível uma “consciência aproximativa” (Jung, 2009, p.129). O complexo do ego é um dos complexos que compõe a psique, temos outros que se estabelecem, se interrelacionam e interconectam.

O inconsciente “abrange todos os conteúdos ou processos psíquicos que não são conscientes, isto é, que não estão relacionados com o eu de modo perceptível” (Jung, 2013, p.465). A psique não se restringe à consciência, “consiste na totalidade dos processos, tanto conscientes quanto inconscientes” (Jung, 2013, p.424). Não temos acesso direto ao inconsciente, mas trata-se do elemento primordial “do qual brotaria a condição consciente” (Jung, 1972, p.25).

[...] a consciência é um processo momentâneo de adaptação, ao passo que o inconsciente contém não só todo o material esquecido do passado individual, mas todos os traços funcionais herdados que constituem a estrutura do espírito humano [...] (Jung, 2009, p.1).

O processo da psique ao longo da vida de cada um, Jung denominou individuação (Stein, 2006). A manifestação e expressão da personalidade integral que acontece ao longo de toda a vida. Os conteúdos do inconsciente podem ser integrados à consciência facilitando o tornar-se um indivíduo único. Ainda que essa condição como meta seja utópica e inalcançável em definitivo, seu direcionamento aponta o caminho.

Em termos energéticos, descreveu sobre as polaridades da psique, que em sua dialética se desenvolve através dos movimentos de tese – antítese – síntese (Jung,

2019). Sendo a síntese realizada através da função transcendente, o próprio símbolo (Jung, 2009). Numa concepção de processo em constante transformação do indivíduo e do mundo. O símbolo é um produto da psique, manifesto através da consciência, mas ela não esgota todo o seu significado, mas é o fenômeno psíquico que permite acesso ao inconsciente, pois este não é passível de conhecimento por via direta, apenas por seus conteúdos manifestos (Jung, 2013). No âmbito coletivo, o símbolo se expressa através dos mitos, lendas, e contos de fadas, dentre outras manifestações culturais, são expressões da consciência coletiva. No âmbito pessoal, temos os sonhos, os desenhos, as pinturas, os devaneios, as narrativas, as artes em geral (Jung, 2013).

A personalidade global está mais além das delimitações do eu e da consciência, suas bases não são totalmente captáveis, há sempre uma parcela inacessível, ao qual temos acesso apenas as suas manifestações. A essa personalidade global Jung denominou Si-mesmo, ou Self (Jung, 1986), que representa tanto a psique em sua totalidade, como o centro da mesma, tanto na dimensão pessoal quanto coletiva. Apresenta este mecanismo nominativo como um fator invisível de coesão, ordenador e unificador do sistema psíquico. Mas sua extensão transcende os domínios individuais, ainda que a circunscreva e mantenha sua integridade (Stein, 2009), paradoxalmente.

Ainda que o foco de estudo da psicologia analítica esteja em camadas mais profundas da psique, a importância da dinâmica da consciência e do ego são consideradas. Pois, as realizações observáveis e as elaborações psíquicas se desenvolvem por esse viés (Stein, 2006). A vida relacional, coletiva e social demanda um movimento consciente direcionado, o que pode acarretar em um distanciamento dos conteúdos internos e inconscientes de cada pessoa. Quanto mais dirigido maior poderá ser o potencial contraste de forças inconscientes. Constata que, consciente e inconsciente dificilmente estão consonância em relação as suas temáticas, desejos e disposições; e findam por compor-se de maneira compensatória, respectivamente (Jung, 2009). Contudo, apesar de separarmos a apresentação dos elementos psíquicos numa tentativa de explicação didática, seu funcionamento está em constante dinamismo.

Jung postulou, o que considera pertencente ao âmbito do coletivo, que como humanos temos tendências às manifestações de padrões da própria espécie em camadas mais profundas do inconsciente. “Os conteúdos psíquicos que não são próprios de um, mas de muitos indivíduos ao mesmo tempo, ou seja, de uma sociedade, de um povo ou da humanidade” (Jung, 2013, p.436) contemplam a denominação de coletivo. Em sua trajetória, observou manifestações significativas dessas esferas, principalmente no que tange à condição metafórica dos mitos, percebendo dinâmicas similares na narrativa pessoal daqueles com quem esteve em estudo e tratamento. Também teve como direcionamento a observação desses fenômenos e manifestações em si mesmo.

Ao que ele denominou como arquétipos, inacessíveis pela consciência, irrepresentáveis, formas vazias, se diferenciam das imagens arquetípicas, sendo somente essas acessíveis pela consciência. Os arquétipos são potencialidades latentes, manifestações psíquicas, dinâmicas, processos, padrões universais enquanto estrutura. Vigentes em “um campo de realidade psíquica imanente a cada um” onde se “transcende as diferenças individuais que existem entre nós, dando-nos uma linguagem comum, baseada em nossos mesmos tipos de experiências” (Hillman, 1984, p.69). Utilizou o termo psicóide, considerando o além do psíquico. Os arquétipos não são perceptíveis em si, mas potencialmente presentes, pontos nodais, invisíveis, não pertencentes ao individual, e sim ao inconsciente coletivo. E por sua irrepresentabilidade, qualquer tentativa de representação se dá no âmbito metafórico, “seus conteúdos presumíveis aparecem sob a forma de imagens que apenas podem ser entendidas quando comparadas com paralelos históricos” (Jung, p.69, 1972).

O que temos acesso, e está passível de atualizações tanto histórica quanto pessoalmente, são suas expressões, imagens representáveis, que se formam a partir do contato com o indivíduo, adquirindo forma, chamadas imagens arquetípicas, já manifestas no espaço da consciência (Jacobi, 2016). Logo, arquétipo como “a disposição estrutural básica para produzir uma certa narrativa mítica, a imagem específica sob a qual o arquétipo toma forma, sendo denominada imagem arquetípica” (Franz, p.11, 1990). Essas imagens manifestam-se repletas de

significados, contudo esses não se mostram como “revelação”, devem ser “elaborados” com a imagem:

[...] que pode ser realizado de maneira concreta e física, como nas artes, no movimento, no jogo, e nas terapias ocupacionais; porém o que é mais importante (porque menos fixamente simbólico), esse trabalho é feito sendo ‘fiel à imagem’ como uma penetração psicológica daquilo que é realmente apresentado, incluindo o nível de consciência que está tentando essa hermenêutica. O trabalho com a imagem só poderá ser legitimado como tal se tiver implícito o envolvimento de uma perspectiva subjetiva, assumida desde o princípio, pois esta também é parte da imagem e de sua fantasia (Hillman, 2022, p.43/44).

Ressaltando sempre a importância da observação individual dessas manifestações, da carga emocional que possam estar associadas, o que elas representam em cada indivíduo, como condição primordial para sua compreensão. Caso contrário, se tratam apenas de imagens vazias de significações, pois, “são porções da própria vida – imagens ligadas integralmente ao indivíduo através de uma verdadeira ponte de emoções” (Jung, 2016, p.122), logo, qualquer interpretação arbitrária, pré-estabelecida, ou universalizante poderia incorrer em equívocos, enganos, desvios - “precisa ser explicado de acordo com as condições totais de vida daquele determinado indivíduo” (Jung, 2016, p.122).

Nós, enquanto seres sociais e culturais, tendemos a ritualizar as passagens e darmos significação aos acontecimentos marcantes, assim, através do sentido e do significado mais amplo, atravessarmos as vicissitudes do cotidiano, a dor dos esforços do ser e do crescer. Para Jung, a consciência se faz através do processo dinâmico da psique, da elaboração da tensão dos opostos, ao qual chamou de produção de símbolos, num processo constante de tese-antítese-síntese (JUNG, 2013). Esse trabalho é constante na psique, e mobiliza tanto afetivamente como de forma somática a existência e seu desenvolvimento. Jung chama de personalidade:

A obra a que se chega pela máxima coragem de se viver, pela afirmação absoluta do ser individual, e pela adaptação, a mais perfeita possível, a tudo que existe de universal, e tudo isso aliado à máxima liberdade de decisão própria (Jung, p.177, 1986).

A teoria de Jung nos aponta constantemente para o fato que devemos nos adaptar tanto externamente, à sociedade e cultura a qual estamos inseridos, quanto internamente, aos conteúdos inconscientes de cada um. Isso se daria num fluxo contínuo, um eterno fazendo, desfazendo, refazendo, como o solve-et-coagula dos

alquimistas (Bernardi, 2003, p.5). Ressalta, ainda, a importância fundamental de se ter como premissa, e colocar-se o foco no desenvolver o germe que existe na criança, mas que só pode crescer no adulto. Ele propõe que a meta deve ser à personalidade, mas essa necessita de “determinação, inteireza e maturidade” (Jung, O.C. Vol.17, p.176, 1986), o que são características somente possíveis, quando o são, em um indivíduo adulto. Nesse mesmo texto aponta sobre a necessidade e importância do desenvolvimento profissional, para a inserção na vida adulta, mas considerando que essa não seria a única tarefa do indivíduo. A esse movimento contínuo denominou processo de individuação.

Jung não deixou um estudo direto sobre a questão do suicídio e derivações, mas em sua proposta direcionou-se às possibilidades criativas de cada indivíduo. Aludindo a um afastamento de uma proposta clínica com foco em patologias demarcadas, se aproximando à singularidade de cada indivíduo, sua história e trajetória. Ao que confere a cada particular vivência sentidos e significados próprios, em tonalidades e narrativas. Ainda que a base formal, que estrutura cada pessoa humana, seja considerada arquetípica, isso configura uma gama incontável de possibilidades do fazer criativo, não um molde pré fabricado de coisas idênticas. Como notas musicais que existem por si, assim como a potência basal das pessoas em criar, mas há uma infinidade de combinações possíveis para música.

Essa premissa serve de calço para uma aproximação em perspectivas, e talvez contemplar em consonância ao pensamento de James Hillman, questões a cerca dos movimentos direcionados à morte. Onde aponta paradoxalmente que o impulso ao suicídio pode ser além de uma saída da vida, um salto em direção à interioridade. Jung afirma: “A regressão que poderia assustar-nos a primeira vista é muito mais um *reculer pour mieux sauter*, um recolher e integrar forças, que no decorrer da evolução vão constituir nova ordem” (Jung, 2013, p.26). Antes de uma morte literal do corpo, uma possibilidade de morte simbólica, uma demanda de transformação, algo precisa morrer (Hillman, 2011). Para tanto, propõe um posicionamento do psicoterapeuta, nem a favor nem contra o suicídio, mas um estar a favor das possibilidades de elaborações sob a perspectiva da interioridade, da alma, o que implica muitas vezes suportar a presença da “morte” em seus atendimentos.

3.2 Metodologia

A pesquisa contou com duas intervenções, uma com base em entrevistas com 3 participantes, outra num contexto pedagógico em um curso de extensão intitulado: “Reflexões sobre o comportamento suicida, dimensões de cuidado, acolhimento e sentidos de vida”. A partir do qual, produziu-se o artigo apresentado na íntegra no primeiro capítulo dessa dissertação - Entre a vida e a morte: Um estudo sobre a sensibilização para o suicídio.

A metodologia pedagógica do curso e abordagem utilizada para sua análise está detalhada no artigo apresentado no primeiro capítulo. Compôs-se em consonância às práticas propostas por Paulo Freire (1978), Pedro Demo (2011), Luiz Antonio Simas (2018) e Luiz Rufino (2018). E se constituíram de:

[...] aulas expositivas e dialogadas; rodas de conversa; troca de experiências e orientação da criação de um diário de reflexões para apresentação no último dia do encontro. Os conteúdos programáticos abordados foram: reflexões sobre conceitos de vida, morte, suicídio e tabu; introdução à temática do suicídio articulando teoria e prática numa perspectiva amplificadora; o fenômeno do suicídio e contextualização histórico/social; fatores de risco e proteção ao comportamento suicida; análise crítica sobre estratégias de intervenção, diversidades subjetivas e sociais do fenômeno; formas de cuidado e acolhimento abrangentes, articuladas com possibilidades e recursos disponíveis dentro de cada contexto relacional dos sujeitos envolvidos (Araujo, 2025).

O aporte metodológico à pesquisa e intervenção no contexto da apreensão de dados em entrevistas se deu através do viés apresentado em pesquisa qualitativa biográfica, Histórias de Vida, tomando como base, principalmente a amplificação simbólica junguiana (Penna, 2003) para análise dos conteúdos. A pesquisa qualitativa em psicologia, e nas ciências sociais, se justifica por possibilitar a observação e análise de realidades que não podem ser quantificadas, por terem um universo próprio de significados subjetivos, onde valores, crenças, motivações, desejos, aspirações e ações representam um âmbito mais profundo dos liames, dos meios, dos fenômenos que não podem ser reduzidos, nem comparados, em operacionalizações de variáveis. Pois, sob a perspectiva sócio-histórica, têm como foco a análise do particular como parte integrante da totalidade social. O objetivo principal é compreender os sujeitos envolvidos em suas emoções em seu contexto,

buscando entender suas vivências e significados. Essas experiências e suas interpretações não são pré-determinadas pelo mundo externo, nem se limitam a circunstâncias individuais. Ao contrário, são construídas através da interação complexa entre o indivíduo e o ambiente social, que são permeadas por contradições e sobreposições (Minayo, 2002).

Através da metodologia em pesquisa qualitativa de histórias de vida, onde uma construção de conhecimento se produz através da relação específica entre os sujeitos pesquisador e pesquisado. Segundo Lévy (2001), o método a partir do encontro singular se dá entre aquele que pesquisa e a pessoa que confia sua história, endereçando sua narrativa ao ouvinte, que é o pesquisador, e através do vínculo de confiança mútua, da relação estabelecida através desse encontro, é criada uma história própria.

A escolha por entrevistas abertas como ferramenta se deu no intuito de preservar o particular de cada história. Para Minayo (2010) a entrevista aberta é uma conversa com fins definidos, que possui um roteiro que não o tradicional, pois não há uma definição prévia das questões na narrativa dos entrevistados. Busca-se elementos significativos que possibilitam o aprofundamento da entrevista, ferramenta que possibilita a descrição tanto casos individuais quanto a concepção das especificidades dos grupos sociais e a comparação entre casos. Permite, ainda, obter um conhecimento não categorizado sobre a experiência do entrevistado, proporcionando uma relação intersubjetiva entre quem pesquisa e quem relata sua história. Permitindo suas expressões particulares no momento do encontro, já que são atores da situação estudada. Como técnica de pesquisa se apresenta com o objetivo conhecer as experiências e os sentidos que os entrevistados produzem de suas vivências. Assim, o terreno da experiência pôde ser estudado e sua ênfase esteve na história pessoal (Becker, 1997).

Assim, essa metodologia se apresentou alinhada à proposta em pesquisa e intervenção por se caracterizar em dupla dimensão, descrição dos fatos e busca de sentido (Nogueira et al 2017). Proposta pelo viés do singular em diálogo com da teia social e cultural. A amplificação simbólica junguiana como ferramenta de análise dos conteúdos, segundo Penna (2003), proporcionou a investigação dos conteúdos em

sua perspectiva inconsciente e consciente, tendo em vista a possibilidade interventiva. Dinamizando narrativas subjetivas e singulares, onde através da partilha e acolhimento das emoções fomentou a construção de um sentido coletivo e individual. Amplificando o olhar, a escuta mútua, possibilitando ao que aparecia como “impulsos regressivos” pudessem “revelar suas qualidades positivas” (Hillman, 2011). Assim, de alguma forma, “tirar os véus e desvendar um fenômeno material ou imaterial para integrar conhecimento sobre o fato” (Silva, 2021).

A ideia inicial era realizarmos essas entrevistas, que chamei de encontros, com 5 jovens universitários, com idades variando entre 18 e 29 anos. Não foi possível realizar esse recorte. Percebi a dificuldade em receber indicações de pessoas que tenham tentado suicídio para realizar o trabalho. De fato o tema é sensível, e uma certa aura de “perigo iminente de morte”, de perda. Difícil de fato.

Abri a escuta àqueles que quiseram contar suas histórias, aceitei o que a vida estava apresentando como realidade. Assim, decidi adaptar o trabalho ao que tinha se apresentado. Afinal, o título já enunciava o (re) fazer. Adaptações em relação as datas também tiveram seu lugar, catástrofes naturais, problemas de internet, etc. Tudo dentro da mais perfeita humanidade.

3.3 Procedimentos das “entrevistas”: Encontros

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos, no intuito se salvaguardar e preservar a dignidade de todos os envolvidos, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), da universidade de Santa Cruz do Sul, onde o trabalho de pesquisa está vinculado, e só foi iniciado após a aprovação pelo comitê. O parecer se encontra no Anexo B desse trabalho. Inicialmente, propôs-se uma série em torno de 5 (cinco) encontros por participante, ou até que o tema estivesse satisfatoriamente elaborado. Os encontros contaram com data e horário previamente marcados, 1 vez por semana, de cerca 60 minutos cada, realizados de maneira online, pela plataforma do Google Meet. Ou áudios foram gravados, e salvos no computador pessoal da pesquisadora, protegido por senha, com os dados de sigilo da identidade preservados. Posteriormente foram transcritos por

inteligência artificial (<https://riverside.fm/transcription#>). A partir de então, a pesquisadora fez um mergulho analítico, buscando identificar pistas e responder suas questões de pesquisa. (Nogueira et al, 2017). Antes da publicação, houve um encontro para compartilhamento sobre a execução e apresentação do produto técnico com cada participante.

Ao iniciar cada encontro foi lido, juntamente com cada participante, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice E). A pesquisadora esteve disponível para esclarecer quaisquer dúvidas que se por ventura surgissem ao longo da pesquisa. Cada participante poderia finalizar sua participação a qualquer momento se assim o desejasse.

Após todos os esclarecimentos o participante recebeu por email um questionário biossociodemográfico, elaborado no Google Forms (Apêndice B). Seguindo todos os preceitos já expostos, cada participante foi convidado a fazer um relato de sua história, utilizei questões norteadoras (Apêndice D) e uma pergunta-chave (Apêndice C) de acordo com os objetivos da pesquisa. Também foi solicitado que o participante fizesse algo de técnica projetiva, como pintura, desenho ou argila.

Somente uma participante desejou realizar alguma elaboração em técnica projetiva, o que esteve alinhado às propostas teórico metodológicas. Como a proposta estava na observação e escuta de algo que já havia sido produzido por eles próprios, não havia espaço, nem proposta aos amplos aspectos de suporte que se tem na clínica. A trajetória já havia sido feita, já havia sido plasmada em seus próprios termos e imagens, com a função criativa de cada um (Jung, 2013) Estiveram dispostos a me contar como foi, agradei e observei. Apresento a seguir.

4 OS ENCONTROS

Bato na porta e pergunto se posso entrar. Esse foi o movimento que fiz. Quem tem uma história de limite, de dor, de desistência do viver que queira me contar? Quem esteve cara a cara com o vazio de existir e confia em compartilhar sua história? Contando assim, consigo compreender a dificuldade de encontrar pessoas que quisessem participar do trabalho proposto. Principalmente no que diz respeito a receber indicações. Fizemos reuniões no SIS com estagiários, no NAAC com a coordenadora, conversei com colegas psicólogos, e todo tempo percebia um entrave. O tabu que circunda a temática, o medo, enfim, aquilo que havia lido na teoria vivenciei na prática.

Pessoas que tentaram suicídio há muitas. Mas quem é essa psicóloga que está propondo “entrevistas”? Esse “ver entre”, “entre vistas”. Buscando ainda os que tenham se “(re) conectado com a vida”, que conexão é essa? Eu, essa tal psicóloga, que quer olhar, ouvir, no entre.

Quero outras palavras, entrevista soa algo impessoal, mas a linguagem acadêmica requer a metodologia, referencial e tal. Essa palavra “entrevista” tem algo de distante, de um observar de emocional longe, coisa gélida. Talvez o universo midiático tenha influenciado nesse significante. Eu queria ver de perto, tocar, trocar, sentir, junto.

O tema é tão pessoal, delicado, doloroso, sensível, emocional, visceral, como poderia estar distante? Nem sei fazer isso. Em muitos momentos meu orientador dizia perceber que estava sendo muito difícil, estava, é. Tudo passa pelo interior, pelo meu sentir, pela minha dor compartilhada com os que se propuseram a me mostrar suas vidas, parte delas, um recorte. Aceitaram construir uma narrativa com a minha presença. Estive presente, aceitei o presente que eu pedi que me dessem.

Três pessoas confiaram na proposta, eu muito emocionada, agradeço a confiança. Confiar a parte sensível, dolorosa, não é pouca coisa.

Num primeiro momento, propus um encontro para me apresentar e ao trabalho. Mudei a palavra ao estar com cada um, de entrevista usei encontro.

Pesquisa, também soa impessoal, essa herança positivista da academia. Os signos linguísticos também são herdeiros. Tive que mergulhar com autores que se dispõem ao embate dos saberes e propõem outros significados à semântica usual. O conhecimento tem diversos caminhos possíveis. Outros já capinaram nessas estradas. Me aproximei assim, de uma prática em Pesquisa e Intervenção, onde os pressupostos assumem a implicação de todos os envolvidos no campo, no conhecimento em sua processualidade. Uma negação radical à posição de neutralidade de quem faz pesquisa, rompendo com os espaços binários demarcados entre sujeito e objeto, pesquisador e campo de pesquisa, entendendo que são produzidos mutuamente, em relação (Chassot, C. S. & Silva, R. A. N. 2018).

E como trabalhar desse lugar? Como pisar em solo sagrado, construído às lágrimas, sem macular, sem profanar? É possível?

Chamo de solo sagrado, foi essa minha sensação ao ouvir cada história. Tínhamos um tempo delimitado, 4 ou 5 encontros, a depender do que acontecesse. Diferente da proposta terapêutica onde tenho outro suporte.

Questionei do que tratava esse tal “sagrado” que senti? Era sentimento, sensação, não convicção intelectual. Pessoas que tentaram suicídio e se “(re) conectaram” com a vida, esse era o ponto central do meu olhar, a pergunta a ser respondida. O que é essa “(re) conexão”? Como ela se faz? Quais são suas imagens?

Sagrado quando se tem um centro que aponta uma direção (Eliade, 2018), assim o movimento da vida humana, esse período entre o nascimento e a morte, impregnado de um sentido, um norte, um ponto de equilíbrio, de demarcação, de ancoragem. Ainda, como “ensinar” outros profissionais a caminhar nesses espaços?

Vou começar pedindo licença aos donos das portas, e já me desculpando se as partes que irei elaborar são demasiado pobres em relação ao todo imensurável, indescritível, irrepresentável que é a vida de cada um. É apenas uma forma, uma ilustração, um modo que considere possível, onde utilizei recursos que tive até então e vieram em auxílio. Os nomes – pseudônimos - que apresentarei foram escolhidos por cada um.

Compus através de “recortes” das falas, “entre meados”, “inter calados”, com imagens que me vieram e algo de poesia, mito, contos ou histórias, também um pouco de teoria, “amplificações simbólicas” (Penna, 2005), ou “trabalho com as imagens” (Hillman, 2022). Diante da impossibilidade de tradução intelectual direta e definitiva àquilo que tem bases inconscientes, ao que nada se pode definir de fato, temos acesso apenas as suas manifestações, ou seja:

[...] o melhor que podemos fazer é circunscrevê-lo com base em nossa própria experiência psicológica e a partir de estudos comparativos, trazendo à luz toda a rede de associações às quais as imagens arquetípicas estão interligadas exatamente como aparecem (Franz, p.5, 1990).

Logo, sem abandonar a imagem apresentada, uma vez que enquanto símbolo se produziu na psique como “a melhor designação ou fórmula possível de um fato relativamente desconhecido, mas cuja existência é conhecida ou postulada” (Jung, 2013, p.247). Contudo é possível apresentar temas análogos de forma circulante, tencionando dispor em movimento, dinamismo, sentidos e significados. Sem que sejam apresentados de forma absoluta, linear ou interpretativa, o que encerraria suas possibilidades dinâmicas. Coadunada assim ao “cultivo da imaginação”, numa proposta em “mitopoetização” da psique, onde o raciocínio não se apresenta num formato sob o imperativo da lógica, mas de alma - como *anima*, aprofundamento e *psique*, em sua dinâmica metafórica. Desliteralizando os acontecimentos, onde fatos podem se tornar experiências (Hillman, 2022). E a consciência se apresenta em “movimentos evasivos de alusão, reflexão, eco e tom” (Hillman, 2010, p. 40).

Não há intuito de apresentação histórico sequencial das falas, nem tampouco detalhamento de atos, onde a curiosidade invasiva que cinde, ao invés de aproximar, e em nada auxiliaria a proposta, muito ao contrário (Hillman, 1984). Houve um cuidado intencional a fim de também preservar a identidade e manter a privacidade de cada um dos participantes.

Nesse momento do trabalho apresentarei imagens que afloraram a partir dos tempos compartilhados. “As imagens são retratos da alma por meio dos quais eros é atraído ao campo psíquico e pode ser vivido como um evento psíquico” (Hillman, 2020, p.36). “Eros procura uniões” (Hillman, 2020, p.35). Eros é desejo, alado, veloz, ardil, que conecta e movimenta, um *daimon* que direciona suas flechas à alma (psique), ao mesmo tempo em que ela – alma – anseia ir ao seu encontro. Nesse

viés, visto como Sócrates, no Banquete de Platão, que discorre sua versão de Eros, esse *daimon*:

Filho de Penúria (Penia e Caminho (Póros), a origem determinou-lhe a sorte. Antes de mais nada, vive sempre na penúria, exatamente carente de suavidade e beleza. Contra o que supõe a maioria, Eros é rude, seco. Descalço e sem teto, dorme no chão, ao relento. Por ter herdado a natureza da mãe, perambula às portas, perdido nas ruas, inquieto, da miséria. Em compensação a natureza do pai conferiu-lhe ardor por coisas belas e boas: coragem, decisão energia. Caçador assombroso, tece artimanhas, pensa apaixonadamente, soluciona, filosofa a vida toda, é hábil em sortilégios, em drogas, em arrazoados capciosos. Não sendo de natureza nem mortal nem imortal, floresce, vive próspero, morre e revive num mesmo dia, graças à natureza do pai. Escapa-lhe, entretanto, sem demora, o que alcança, de sorte que Eros, jamais empobrece nem enriquece. Ocupa o lugar situado entre o saber e a ignorância[...] (Platão, 2018, p.95).

Apresentarei, a seguir, as falas dos participantes na íntegra, entre aspas. Contudo, realocadas, reagrupadas, ao que considere como temas. Uma das participantes – Alice - aceitou o convite para realizar algo em forma de desenho. Os demais trouxeram suas imagens em narrativas percorridas por palavras. A proposta era que tudo fosse feito da maneira mais livre e confortável a cada um, inclusive para a autora. Não havia obrigatoriedade impositiva para o trabalho. Delimitações normativas foram somente as necessárias à organização de tempo, espaço e possibilidade relativa de (re) apresentação. A composição do capítulo teve a ver com o fluir das imagens. Em alguns momentos pincelei questões teóricas, em outros surgiram imagens poéticas. Deixei vir. Acolhi o que vinha. A proposta é de um trabalho com alma, e com a alma, em sua própria linguagem e retórica - a imaginação.

O foco de interesse está voltado para as (e nas) relações da prática do psicoterapeuta com quem ele trabalha e o que envolve esse percurso, o fomento à disposição à escuta e a relação entre indivíduos visa o enfoque e a dinâmica da dimensão simbólica, imagética. Jung denominou função transcendente – como o processo psíquico - e imaginação ativa – como técnica e método (Jung, 2009); em Hillman, pode-se chamar de “cultivo da alma”, “cultivo da imaginação”, “mitopoetização”. Não sou tão afeita a fecharmos em nomeações, há possibilidades de enganos, equívocos, tropeços. Mas tanto os nomes quanto os enganos também fazem parte. Como diz na poesia de Fernando Pessoa (1925), com o heteronímio de Alberto Caeiro:

[...] Se Deus é as flores e as árvores
 E os montes e o sol e luar
 Então acredito nele a toda hora...
 Mas se Deus é as árvores e as flores
 E os montes e o luar e o sol,
 Para que lhe chamo Deus?
 Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar [...]

Desse modo, busco o espaço aonde o não saber dá lugar à dança, ao vir a ser, ao passado-presente-futuro; melhor dito passado-presente-passado. Vale trazer a passagem de Bispo dos Santos:

Quando completei dez anos, comecei a adestrar bois. Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua cosmologia, distanciando-o de seus sagrados, impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro nome. O processo de denominação é uma tentativa de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta (Bispo dos Santos, 2023, p.12).

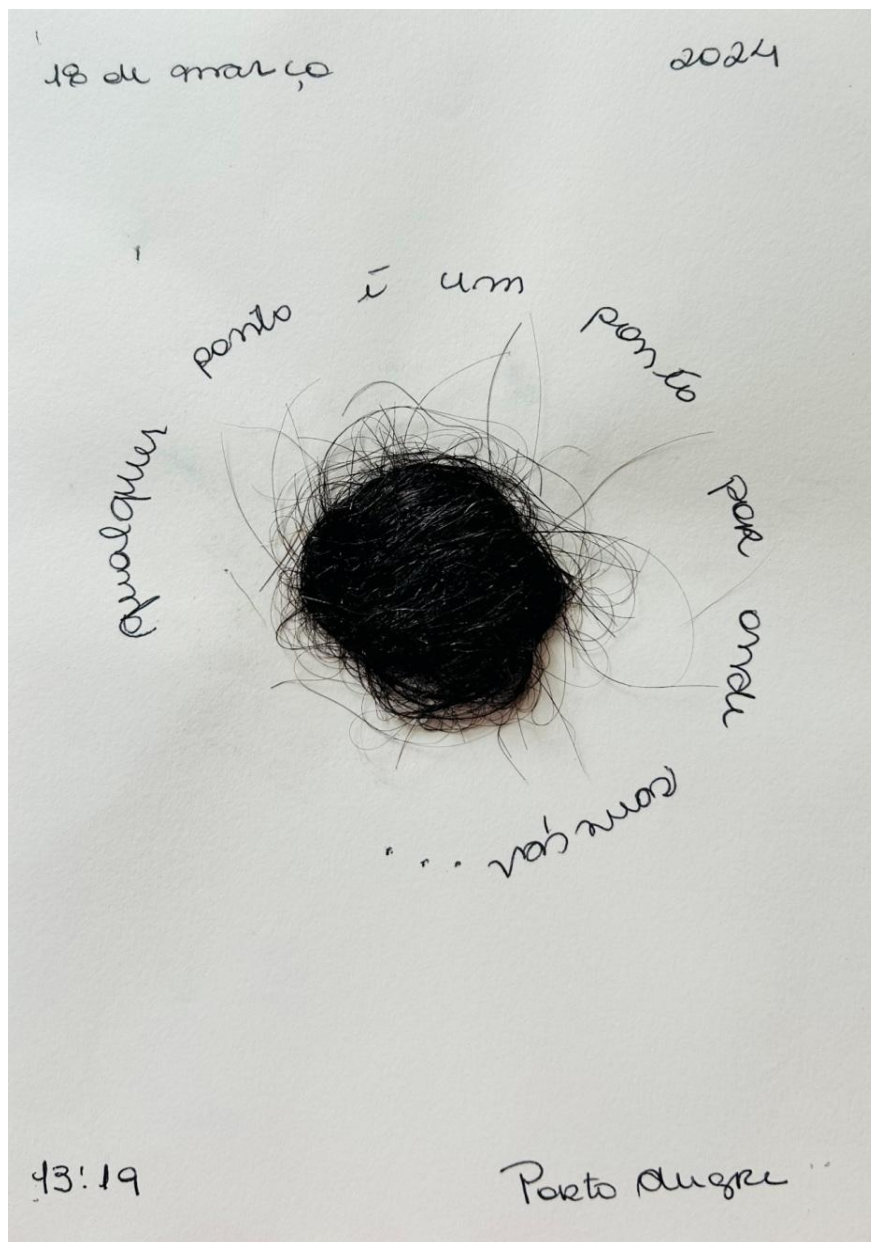
Podemos transpor a passagem acima à prática clínica. Quanto de nomenclatura existe para apontar modos de existência e muitas vezes isso se coloca a serviço de uma prática colonizadora de modos de ser e estar no mundo? O debate é amplo e não pretendo enveredar por esses caminhos no momento. Somente apresentar o ponto, com um pequeno nó necessário, para não perder o fio.

Nomeio menos em busca do fazer, mobilidade imagético/narrativa. Considerando que a psique se expressa através de imagens, e como tal a perspectiva do que podemos chamar de imagem também se amplia para além dos olhos em sua bidimensionalidade, pois “uma imagem psíquica não é algo que vejo, é antes um modo de ver, uma perspectiva sobre as coisas” (Barcellos, 2020, p.95). Ela se apresenta todo o tempo, e não está representada por outras coisas, se não ela mesma.

O fio que se estendeu ao longo desse trabalho esteve ligado à formação profissional dos que se propõem estar em contato face a face com a dor humana do existir e do desistir, assim tornou-se o caminho. Os encontros vieram enriquecer através da sua vivência compartilhada as possibilidades de apresentação dessa forma de trabalhar.

O que de fato importa, mais do que qualquer exposição ou tentativa analítica, é o valor afetivo e emocional para cada indivíduo; é isso que fará as imagens terem ou não vida e alguma significância considerável na experiência de cada um (Franz, 1990). A vida é a vida; as teorias nos auxiliam enquanto metáfora para alguma compreensão aproximada. Esse foi o caminho e aposta. Espero fazer jus.

Figura 1 - Cabelo, cola branca e caneta



Fonte: autoria própria, acervo pessoal

Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.
 Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
 Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,
 E não tivesse mais irmandade com as coisas
 Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua
 A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
 De dentro da minha cabeça,
 E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.
 Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.
 Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
 À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
 E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.
 Falhei em tudo.
 Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.
 A aprendizagem que me deram,
 Desci dela pela janela das traseiras da casa.
 Fui até ao campo com grandes propósitos.
 Mas lá encontrei só ervas e árvores,
 E quando havia gente era igual à outra.
 Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei de pensar?
 Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
 Ser o que penso? Mas penso tanta coisa!
 E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!
 Gênio? Neste momento
 Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como eu,
 E a história não marcará, quem sabe?, nem um,
 Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.
 Não, não creio em mim.
 Em todos os manicômios há doidos malucos com tantas certezas!
 Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo?
 Não, nem em mim...
 Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo
 Não estão nesta hora gênios-para-si-mesmos sonhando?
 Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas -
 Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas -,
 E quem sabe se realizáveis,
 Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?
 O mundo é para quem nasce para o conquistar
 E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que tenha razão.
 Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
 Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que Cristo,
 Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.
 Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
 Ainda que não more nela;
 Serei sempre o que não nasceu para isso;
 Serei sempre só o que tinha qualidades;
 Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede
 sem porta,
 E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
 E ouviu a voz de Deus num poço tapado.
 Crer em mim? Não, nem em nada.
 Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente
 O seu sol, a sua chave, o vento que me acha o cabelo,
 E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.
 Escravos cardíacos das estrelas,
 Conquistamos todo o mundo antes de nos levantar da cama;

Mas acordamos e ele é opaco,
 Levantamo-nos e ele é alheio,
 Saímos de casa e ele é a terra inteira,
 Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.
 (Come chocolates, pequena;
 Come chocolates!
 Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
 Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
 Come, pequena suja, come!
 Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!
 Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de estanho,
 Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)
 Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei
 A caligrafia rápida destes versos,
 Pórtico partido para o Impossível.
 Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,
 Nobre ao menos no gesto largo com que atiro
 A roupa suja que sou, em rol, pra o decurso das coisas,
 E fico em casa sem camisa.
 (Tu que consolas, que não existes e por isso consolas,
 Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,
 Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,
 Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,
 Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,
 Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,
 Ou não sei quê moderno - não concebo bem o quê -
 Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!
 Meu coração é um balde despejado.
 Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco
 A mim mesmo e não encontro nada.
 Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
 Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
 Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
 Vejo os cães que também existem,
 E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
 E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)
 Vivi, estudei, amei e até cri,
 E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.
 Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,
 E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses nem cresses
 (Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer nada disso);
 Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam o rabo
 E que é rabo para alguém do lagarto remexidamente
 Fiz de mim o que não soube
 E o que podia fazer de mim não o fiz.
 O dominó que vesti era errado.
 Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.
 Quando quis tirar a máscara,
 Estava pegada à cara.
 Quando a tirei e me vi ao espelho,
 Já tinha envelhecido.
 Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
 Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
 Como um cão tolerado pela gerência
 Por ser inofensivo
 E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,
 Quem me dera encontrar-me como coisa que eu fizesse,
 E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,
 Calcando aos pés a consciência de estar existindo,
 Como um tapete em que um bêbado tropeça
 Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.
 Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
 Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada
 E com o desconforto da alma mal-entendendo.
 Ele morrerá e eu morrerei
 Ele deixará a tabuleta, eu deixarei os versos.
 A certa altura morrerá a tabuleta também, os versos também.
 Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,
 E a língua em que foram escritos os versos.
 Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
 Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
 Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como
 tabuletas,
 Sempre uma coisa defronte da outra,
 Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
 Sempre o impossível tão estúpido como o real,
 Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,
 Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.
 Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?)
 E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
 Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
 E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário
 Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
 E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
 Sigo o fumo como uma rota própria,
 E gozo, num momento sensitivo e competente,
 A libertação de todas as especulações
 E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal
 disposto.
 Depois deito-me para trás na cadeira
 E continuo fumando.
 Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.
 (Se eu casasse com a filha da minha lavadeira
 Talvez fosse feliz.)
 Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.
 O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
 Ah, conheço-o; é o Esteves sem metafísica.
 (O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
 Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
 Acenou-me adeus, gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo
 Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu
 (Campos, 1926).

Trouxe o poema “Tabacaria” na íntegra, a arte fala mais e melhor, possui uma linguagem que se faz cognoscível em diversas camadas da nossa humanidade. Muitas vezes traz incômodos, outras ampara. Faz rir ou chorar, encanta através do olhar, da escuta, da leitura, do toque. Provoca, através dos seus meandros e linguagens próprias, as mais diversas emoções. Sem que para tanto precisemos do

racional, muito ao contrário, o racional fica ao lado para que possamos sentir. Não é que fiquemos de todo inconscientes ao nos depararmos com a arte, ela envolve simbolicamente tanto consciente como inconsciente, trazendo a parte da consciência que se diferencia do ego. Há que abrandar e diminuir o tom da voz do ego para vivenciar suas expressões.

Por muito tempo foi “o centro” de Nemo, como centro temos a representação daquilo que ancora, que conecta com a terra, ao sagrado, um ponto de partida onde o cosmos, enquanto organização, pode se desenvolver. No cruzamento entre as dimensões, possibilitando o surgimento da vida, no corpo, nascida da terra, encarnada, de corpo e alma. “Da mesma forma que o Universo se desenvolve a partir de um Centro e se estende na direção dos quatro pontos cardeais” (Eliade, 2018, p.45).

O centro e o sagrado que fortalece o sentido, a direção, como na fala de Alice. Mas de maneira que as palavras não dão conta de traduzir, em sua literalidade cognoscível, pois é transcendente a elas, é maior, mas paradoxalmente as compõem.

Esse centro não me parece coisa fixa, como diria Hillman (1998), no sentido de rigidez geográfica. Ainda que essa geografia seja simbólica. Por vezes temos centros diferenciados, que se deslocam e se permitem intercâmbio, a depender do que se constela em cada um, em cada tempo, e com cada vida indivíduo.

4.2 Emergência e importância

“Mas é que o emergencial normalmente é o importante que a gente não tratou como devia. Era algo importante, a gente não tratou como devia, não pensou como devia, e devia e se transforma em algo urgente, emergente. Estava lá” (Nemo).

A alma quer voz, ser ouvida, fazer-se existente, presentificar-se. Possui uma linguagem própria, simbólica, mitológica, metafórica. Habitante das profundezas e seus recônditos. Vinculada primariamente à natureza e àquilo que simplesmente é – “vida, destino, morte” – cuja existência se apresenta através de seu reflexo, nunca se faz diretamente, por estar no campo do inconsciente e da natureza (Hillman,

2020, p.40). Há que se dispor à escuta de seus desígnios, que muitas vezes se opõem aquilo que o ego - heroico, lógico, racional e vigoroso - determina. Escuta em sua perspectiva ativa, não é uma proposta de troca de lugares, em lugar de ego - alma. Mas da possibilidade estar com alma. E o que ela tem por exigência para que libere suas benesses - encantamento, magia, motivação, sentido - é humildade. A despeito de vir em todo o seus desvarios e devaneios caso não esteja considerada em justas medidas de importância.

Nessa dialética, no *a posteriori*, consegue-se visualizar que o “importante” esteve sempre ali, em seu clamor, com seus sussurros, suas imagens, seus troços, ou ainda a despeito de gritos e lágrimas. Mas, como relata Nemo, ao negar a devida atenção, tenha o motivo ou a justificativa que for, pode-se tornar o emergencial, em suas expressões diversas e por vezes catastróficas.

4.3 Profundidade e mar

“É difícil fazer um panorama desse assunto num geral, porque ele é muito profundo assim, de quando, como foi, enfim” (Nemo).

“Às vezes a gente tem que aprender a respirar debaixo d'água” (Nemo).

“Então eu acho que elas não passam. Elas passam no sentido de que elas acontecem como ondas, né? Vem e vão, mas elas são uma área, elas estão ali. A onda ela não é. Uma onda de um mar, ela é o mar também, mas ela é uma parte dele que tá ali em ondulação. Pra mim, o sofrimento que eu tinha que me levou a pensamentos, a tentativa e de ações e que recorrentemente tá aqui na minha vida, ele é isso. Ele é parte de mim, ele é eu, ele tá aqui. E que as ondas davam caldo toda hora Quanto mais eu tentava brigar com ele, maior ele ficava. Porque eu vou tirando ele de mim. E quando eu tiro ele de mim...Como eu falei, se ele é eu, ele cabe aqui dentro. No momento que eu externo ele diz que não, isso não sou eu. Ele pode tomar o tamanho que ele quiser. Esse medo não é meu, essa angústia não é minha. Ele toma as proporções dele porque ele se torna um ente, uma coisa terceira a mim. E não é. Na minha opinião ele é eu, integrado a mim. Ele codepende de mim” (Nemo).

Por vezes me apraz apresentar as coisas como elas são. Meu relato, as palavras que disponho são marcas escuras em um papel branco, bidimensional, ascético, pobres em representar as cores, sabores, temperaturas e demais nuances das vivências. O relato de quem vivenciou é tanto mais rico do que as palavras que posso vir a discorrer. Também não me vejo com especial dom para escrita, como

fazem os literários. Talvez seja mesmo muito difícil, como disse Nemo. Talvez por ser muito profundo. Os olhos ardem em contato com o sal do mar, quanto mais fundo menos luz, mais frio. Quanto tempo uma pessoa consegue ficar sem respirar, sem oxigênio? Que seres habitam nessas águas? Já houve tempo que habitamos esferas aquáticas, lá antes do nascimento. Estávamos ligados e recebíamos nutrição por um tubo, ligado ponto a ponto a outro ser. Essa tal de mãe fazia a parte de respirar e se alimentar para a manutenção da vida corpórea.

Relendo o parágrafo acima percebo que fiz uma regressão, ao momento inicial, de quando era possível viver, e talvez respirar dentro d'água. Nada interpretativo, foi o que consegui ao elaborar esse tópico. Discorrer sobre o profundo e o mar é realmente difícil. Há mistério. Dizem os cientistas que a vida nesse planeta veio de suas águas salgadas. Há algo mais misterioso do que a própria vida?

Outra referência ao mar é como “calunga grande”, o grande cemitério, ou cemitério maior. Quantas histórias fantásticas e tenebrosas envolvendo o mar já escutamos? Grandes naufrágios, sereias sedutoras e mortais, monstros, tubarões, seres de toda espécie em beleza e terror. Atlântida, dilúvios bíblicos, tsunamis, Triângulo das Bermudas. Grandes navegações exploratórias, pirataria, tráfico de pessoas escravizadas. Literalmente um mar de histórias, sangue, potência, vida, morte, sobrevivência, mistério.

Nasci perto do mar, cresci em meio as suas areias, sentindo cheiro de pele salgada. Levando caldo, embolando nas ondas, aprendendo a prender a respiração e deitar no fundo do mar esperando a onda passar. Vendo as ondas em sequência, e quando desse passava por cima. A boiar desconfiada quando o mar estava manso. A pegar carona no embalo da onda quando quisesse voltar para areia. Marcar um ponto na paisagem da rua pra não me perder da família. A respeitar aquele imensurável e desconhecido, em toda sua infinita beleza, terror e temor.

Existe uma expressão local em relação à correnteza – boca. Descobri recentemente que tem outros nomes, vala, valão, maré de retorno, lagamar. Esse tipo de correnteza começa muito próximo a areia, no raso, como uma boca. Como se está muito próximo da areia, a tendência é que se tente nadar em direção a ela. Mas ao fazê-lo, é mais provável que se afogue. É enfrentar a força do oceano com

bracinhos humanos, vã tentativa. A saída se encontra na direção oposta, nadar a favor da corrente, adentrando o mar, e sair por trás. Usar o empuxo a favor, não contra.

Figura 3 – Vala



Fonte: Wikipedia

Outra imagem é a de Iemanjá, rainha das águas salgadas, o próprio mar, mãe de todos, das cabeças de toda humanidade, “[...]a deusa mais venerada entre todos os orixás. Não há poder maior que o dela [...]” (Prandi, 2017, p.87). Cultuada das mais diversas formas em nosso país. Apesar de todas as tentativas de apagamento, segue soberana.

Os escritores descrevem as experiências do mar e das suas profundezas melhor figuradas. Desse modo, trago uma voz que me encantou nos últimos tempos:

Não sabemos nada mesmo sobre o mundo, olhamos o mar na mais absoluta ignorância, enxergando as ondas e nada mais, porque há sempre muito mais nas profundezas de tudo, mas só o tempo e a coragem nos levam até lá. É só no profundo de tudo que se esconde a verdade. E a verdade do mar é que não há vida sem perigo. Olhe os monstros nos olhos, uma voz disse, os naufragos não olharam [...] (Acioli, 2023, p. 196).

Saber-se ignorante diante do imensurável que é a vida de cada um não é um problema, é a necessária humildade. Da mesma forma que a autora olha para o mar, na mais absoluta ignorância. Saber que estamos vendo a superfície, e nada mais. Considerar o mergulho com o outro, demanda certa intimidade com o reino das águas salgadas. As ondulações, variações e mistérios requerem fôlego, coragem,

tapar os ouvidos para o canto das sereias e disposição para olhar nos olhos dos monstros marinhos, a fim de evitar o naufrágio.

4.4 Dor

“Então nunca ninguém me questionou por que eu estava feliz. Essas coisas assim agora se eu estava triste eu era questionado. Família, amigos. Ah, por que que tu está triste? Ué, por que que tu está feliz?” (Nemo).

“Então, quando a gente tem essa visão de que vai acabar com a dor, não. Ele vai acabar com a minha forma de experienciar essa dor” (Nemo).

“Mas a dor é inerente. Só pra você entender. Ela é inerente. Na minha visão de um mundo, que foi o que me levou também a essa grande... descoberta, ou não, essa... tentar buscar... essa busca por um sentido da vida. Porque que todos os sentidos, principalmente religiosos, mas não só esse do discurso meritocrático, ele vem pelo caminho do sofrimento?” (Nemo).

“Mas é assim, vai e volta, porque é assim. Não tem causa. Eu já tentei encontrar e não tem. Não tem uma causa” (Nemo).

“porque, se suponhamos, lá na época se eu tivesse me suicidado e levado a cabo a dor para mim, talvez teria, não sei né porque a gente não sabe o pós-vida, mas teoricamente a dor teria acabado, a minha meu sofrimento, mas ele (o sofrimento) poderia repercutir de outras formas, e ele se perpetuar” (Nemo).

Parece ser a nossa experiência primeira ao nascer, dor. A imagem do ar entrando e expandindo os pulmões pela primeira vez figura mesmo dolorosa. Podemos fazer essa alusão e aproximação, deduzimos através do choro do neonato. Desconheço quem recorde da experiência de fato. Mas seguimos com esse desconforto ao longo da nossa experiência da vida, a dor. Se faz presente em suas variáveis formas, física e emocional.

Sem fazer romance nem floreios sobre a dor, também não sou afeita a sua assídua presença. Mas reconheço a serventia como indicativo de muitas coisas. Sua companhia não é sutil, existe até uma escala médica para avaliar a intensidade das dores - eles perguntam de 1 a 10. Entendo que certa padronização se faz necessária em algumas profissões, então não vou problematizar nessa seara. Mas sempre me faz rir quando me questionam desse lugar. Por aqui, prefiro olhar de perto a dor daqueles que acompanho, e também as minhas. Não só em intensidade também, em qualidades, formas, cores, nomes, odores, estados.

4.5 Artefatos mágicos, fios e cordas

“É o artefato mágico que me fez passar pelo suicídio. Olha que bonito. Gostei, artefato mágico. Na época eu praticava um pouco de magia e tal, e escrevia ele (o conto) com uma intenção dessa mesmo, uma morte simbólica. Então, matei o personagem. Ou não. Saberá. Quando eu escolho acabar o conto, eu sinto que a questão do suicídio de todo mundo está de fato lidada, não resolvida, não superada, mas tipo, isto aconteceu, isto sou eu, posso seguir pensando sobre a morte, etc., mas não pretendo mais planejar e me suicidar. Existem outras opções.” (Nemo)

-“Terça aqui no Rio é feriado, né? E aí eu vou enforcar esse domingo? Você chama enforcar aí? Aí chama como?” (Alexandra)

-“Emendar” (Nemo)

“Tu precisa se concentrar em um fio pra conseguir *desinosar* tudo. Realmente funciona, é uma estratégia. Não sei para as questões mentais, mas para quando tem um monte de linha *inosada*, se você se concentra em um fio, é muito mais fácil de você conseguir resolver. Porque você às vezes olha e pensa, cara, tem que cortar, não tem o que fazer aqui. Mas tem como. Aí você vai desfazendo aquele emaranhado de nós. Sim, não adianta tu querer resolver todos os problemas ao mesmo tempo, que não vai... E aí, usando essa metáfora, eu acho que eu tava com o fio errado. Eu tava, assim, focando num fio que não tava me ajudando a desfazer o nó, sabe? E eu fui mudando, assim, a minha perspectiva desse fio, porque...” (Mariana)

“Aí eu fiz o desenho e eu achei muito legal porque eu, né, aquele rosa em volta, né, eu quis fazer os raios. Porque foi como eu senti, né, como uma... Algo assim externo que veio de fora, mas alguma coisa bem amorosa, né, por isso que eu escolhi o rosa. Colocando a água, porque lápis aquarelável. Aí na hora que eu tava passando o pincel, eu manchei minha mão e acabei manchando ali onde estavam os raios. Aí eu lembrei que aquilo veio em meio a dor, foi um momento ali que era pra ser um momento somente ruim, mas não, foi um momento muito positivo, porque eu lembrei. As vezes, eu tava lá desenhar, fazia tudo bonitinho e borrava. Eu ia olhar aquele borrão que dava ali e aí eu vi algum sentido disso, né? Aí eu resolvi deixar aquele borrão ali e falei, não, vai ficar esse aqui, que é pra lembrar de como aconteceu. E...A imagem que me veio foi uma estrela, não tem nenhum motivo, sabe? Foi uma coisa... Eu sempre deixo vir assim, aleatório. Então, me veio essa coisa de vou fazer a estrela, né? Vou começar pela estrela. Aí fui fazendo. Verde nem é minha cor favorita, minha cor favorita é roxa. Roxa, tons de roxo, lilás, violeta e vermelho e azul. Mas eu amo aquele verde dali do centro, os dois, os dois tons diferentes. E aí eu quis fazer o centro como uma coisa firme, uma coisa mais resistente. Eu achei interessante. Pensar nos limites. Porque eu não tinha... Eu nunca tive limite... Muito assim, perdida mesmo, sabe? No mundo, na vida. Então eu extrapolava os meus limites, eu não entendia os limites externos. Por isso que eu botei uma cor mais escura nas pontas, que é pra ficar uma coisa bem clara. Mas é isso assim, eu tô falando agora, pensando, mas não foi assim organizadinho o processo. Foi bem caótico, como a maioria das coisas que eu faço. Mas conforme eu ia fazendo, ia vindo esses pensamentos, essas intuições” (Alice)

Figura 4 – Estrela



Fonte: Alice

O artefato mágico que Alice usou para criar uma metáfora que a nutriu foi o desenho da estrela. Mágico pode ser simples, não precisa ser extraordinário. A magia se dá pela mudança de estados, pelo encantamento, pela vivacidade. Pela metáfora, principalmente no dia a dia. Mágico porque produziu encanto, movimento, transformação. Um comprimido não é mágico, é estéril, veio do laboratório, pode se produzir em série. Não há magia na produção em série. A magia está nas mãos dos artesãos, no canto dos pássaros, na voz cantante e encantante dos músicos, nas flautas e serpentes. Magia tem poesia, tem alma, tem vida.

A palavra também tem magia, temos pragas, feitiços falados e conjuras. Também rezas, súplicas e orações. Mesmo um livro pode produzir magia, depende das partes, do leitor e do escritor.

Eu também usei magia para firmar a escrita, aprendi a bordar. Minha metáfora e imagem foram as linhas e os pontos. O saber tecido e compartilhado também foi o praticado (Simas e Rufino, 2018).

Figura 5 - Aprendendo os pontos



Fonte: autoria própria, acervo pessoal

Figura 6 - Aquarela e linha



Fonte: autoria própria, acervo pessoal

Figura 7 – Árvore



Fonte: autoria própria, acervo pessoal

4.6 Tabu, Vida, Morte e Suicídio

“Por mais que a gente tenha um sofrimento muito grande, uma vontade de viver também absurda” (Nemo).

“Eu não gosto desse termo, né, o suicida, o canceroso, o diabético, também errado pra mim de se chamar de diabético. Foi uma pessoa que tentou suicídio, que cometeu, que... Sei lá, relutantes em relação à vida” (Nemo).

“Então era uma falta de vitalidade, de querer viver mesmo, não de buscar a morte. Era uma falta de vontade de viver. Não uma vontade pela morte. E aí talvez nesse dualismo, logo em vez de eu pensar formas da vida, eu comecei a pensar na morte” (Nemo).

“Alteridade é reconhecer que a gente não fala sobre suicídio só falando sobre suicídio, que a gente não fala só da morte falando da morte, a gente fala dela, é tudo, porque ela tá ali” (Nemo).

“Eu também, eu tenho um encantamento pela vida. Justamente eu tenho um encantamento pela vida, mas é que eu não consigo desvincular uma coisa da outra. Porque tu tem que conhecer muito bem a vida pra querer a morte”.

“Não tem como falar da morte sem falar da vida. A morte é maior que a vida, mas a vida também é maior que a morte” (Nemo).

“E aí como tu falou, é uma obra, talvez seja? E aí desse ponto de vista eu concordo plenamente contigo que toda vida é uma obra de arte. Não sei se foi isso que tu disse, mas eu digo isso, toda vida pra mim é uma obra de arte” (Nemo).

“A vida é justamente aquilo que eu esperava que não fosse.”

“E a pior coisa de fazer uma tentativa de suicídio é que ela não dá certo, né? Tipo assim, porque você tá ali decidida e aí não dá certo, você tem que lidar com tudo depois” (Mariana).

“Sempre foi muito sufocante, viver na minha cabeça. Um dos meus principais motivos de querer morrer mesmo foi, e às vezes é, de que às vezes perde o sentido, tudo” (Mariana).

“Eu fico pensando como alguém não vai querer se matar num mundo desse, sabe? Tem alguns momentos que eu chego nessa conclusão, sabe? Que o mundo é tão horrível, que as coisas realmente são tão difíceis, mas realmente tem pontos de reconexão” (Mariana).

“Porque aquela coisa de que se está tudo dando certo, vai dar errado em algum momento” (Alice).

“Toda a minha história de suicídio foi justamente pelo desvalor da minha vida” (Alice).

“Me paparicaram, né, fizeram aquela coisa, meio tentar amenizar a situação e tal. Mas em nenhum momento a gente conversou sobre suicídio em si, foi só uma enrolação mesmo” (Alice).

“E depois, né, ao longo da minha própria vida, com aquele monte de dificuldade, né? Porque eu nunca tive uma visão normal pra dificuldade, tipo, ah, isso faz parte da vida, sabe? Como hoje eu tenho. Eu paro, eu penso, eu falo, poxa, eu tenho direito de ficar triste, sabe? Eu tenho direito de ficar triste com essa situação, porque faz parte da vida, é um sentimento. Agora, não quer dizer que essa tristeza vai ser amanhã também, vai ser só hoje. Então, eu não tinha essa visão, a minha visão era totalmente muito distorcida, né? Por isso que eu digo que hoje eu tô aprendendo a viver” (Alice).

O solo mais fértil é o que contém e se renova com matéria orgânica em decomposição. Assim a terra, assim o corpo, assim a psique. A vida e a morte se renovam mutuamente, diariamente, num movimento contínuo, perpetuadas em coexistência.

Para manutenção da vida corpórea e da saúde física (assim dizem os doutos em medicina biológica) há que se comer diariamente, alimentos nutritivos e variados, além do descanso, assim como atividades físicas, entre outras coisas. Há todo um processo contínuo que envolve uma série de fatores biológicos, também cognitivos e simbólicos. Sem detalhar todos os pormenores digestivos e indicadores fisiológicos,

mas aponto a lembrança de termos sempre que evacuar. Por melhor, mais delicioso, suculento e aconchegante que seja o alimento, a evacuação é indispensável, e tem odor fétido, desagradável, necessita de descarte adequado a fim de que se evite “doenças e contaminações”. Esse processo, que estamos todos submetidos, é natureza, alude à ciclicidade entre a vida e a morte. Ambos coexistem mutuamente. Um não existe sem o outro.

A vida e a morte chegam ao mundo juntas; os olhos e as órbitas que os contêm nascem no mesmo momento. *No momento em que nasço tenho idade suficiente para morrer.* À medida em que vivo, estou morrendo. Entra-se na morte continuamente, não apenas no momento da morte, conforme definida legal e medicamente. Cada evento da minha vida contribui para minha morte construo minha morte à medida que prossigo, dia após dia (Hillman, 2011, p. 70).

No entanto, quando falamos em vidas humanas, buscamos sentidos e significados às nossas próprias existências. Outras coisas entram em jogo nesse campo; há que haver um encantamento que encontre nexos, que nos impulse a seguir. Um mistério, as pessoas seguem em busca de algo lá onde o racional não alcança. Ainda que seja uma busca no escuro.

A comida se sacraliza e adquire uma série de significados no momento do nascimento. Ou já era antes? O acalento, ou a falta dele, que se dá nos primeiros contatos alimentares, reveste o ato de comer com diversos significados. René Spitz em seu experimento referente a “síndrome de hospitalismo” mostrou a necessidade humana de afeto e conexão como fator básico, inato, ao desenvolvimento humano. Daí deriva-se em cadeia, ou melhor, em teia, inúmeros enredamentos. Não cabe aqui decifrar as origens nem apontar as diretrizes. Mas pode-se vislumbrar, na opacidade, em ressonância, algo da complexidade humana através de um dos instintos mais básicos, a fome e sua relação com a autopreservação.

A corporeidade se expande para além do biológico, para estar vivo, sentir-se vivo, enquanto humanos, clama-se um além da sobrevivência, é necessário sentido, significado, encantamento, alma. “A vida é a disponibilidade para o encantamento” (Simas, 2024, p. 23).

Encantamento, vida, crescimento, abundância, frutos, paisagens bucólicas, enfim, imagens das benesses da alma proporcionam alento e mobilizam beleza.

Contudo, nem só de flores vivem os entes. Estamos em dinamismos, em movimento, em ciclos.

Não é confortável chamar à baila assuntos desagradáveis. Quem busca perene conforto não o vai encontrar por essas paragens. Aqui a temática é densa, fétida putrefata, angustiante, triste, por vezes desesperada e apavorante. Desviar ou tentar abafar sua densidade, sua realidade lamacenta, lodosa, viscosa, não irá diminuí-la, nem a fará desaparecer magicamente. Muito ao contrário. A menos que esteja devidamente considerada, cuidada e destinada ao seu habitat natural de direito, irá incomodar e muito.

Posto isso, não falar sobre suicídio, sobre a morte, e demais assuntos considerados tabus, não os farão deixar de existir. Podemos ampliar essa imagem a tudo que é considerado indisposto, feio, desagradável, incomodativo. Deixarei propositalmente em aberto essas derivações. Não pretendo esgotar as digressões imagéticas. Ao contrário, o intuito é indicar o início do percurso, o final deixar em aberto, pois que é ciclo.

4.7 Ruas, entradas e saídas

“Não sei, eu só simplesmente perdi o contato com o meu sentido de vida, assim, o meu sentido de existência. E aí eu não sei, eu tava andando na rua assim, a única coisa que passava pela minha cabeça é que eu tinha que me atirar na frente de algum carro, tipo assim. E só passava isso na minha cabeça, tipo, obsessivamente assim. E aí eu saí na rua, assim, muito perdida, assim, meio desorientada” (Mariana).

“toda rua tem uma saída, que tudo na vida tem uma rua, tipo um cemitério tem uma rua, tudo tem uma viela, uma rua que, mesmo uma rua sem saída, ela tem uma saída, só tu dá a volta e sai dela.”

“toda dor tem uma saída, porque basta tu dar a volta na rua e sair pelo ponto que entrou” (Nemo)

“Às vezes o que eu tenho que fazer é dar volta no sofrimento, na dor, na rua e voltar para uma rua que eu consigo ir para outros lugares. Porque eu acho que é isso, né? A gente fica muito bitolado, aquilo vai nos consumindo, o sofrimento, a dor” (Nemo).

A rua, o que seria a rua? João do Rio (1908, p.5), nos diz que: “a rua é um fator de vida das cidades, rua tem alma”. Exercitando ao que ela remete:

Na cidade onde nasci, há rua.
Ou As Ruas
Lugares de encontros, de cruzamentos.

Caóticas e lindas.
 Tem árvore, tem chão.
 Tem rua de todo jeito.
 Numerada e ordenada.
 Também sem ordem, sem lei.
 Alegre, barulhenta.
 Violenta, suja.
 Tem momento.
 Tem rei.
 Tem gente, tem gente.
 Indo e vindo.
 Vindo e indo.
 Quem são?
 Tem gente morando na rua!
 Rua é casa?
 (autoria própria)

Em movimento, envolvimento. Tal qual na rua, difícil pensar numa rua parada, vazia. Paira magia na imagem e mensagem da rua. Por aqui a rua tem dono, e tem vida. Quem é o dono da rua? Segundo Simas (2021, p.9): “As ruas são de Exu em dias de festa e feira, dos malandros e pombagiras quando os homens e mulheres vadeiam e dos Ibêjis quando as crianças brincam”.

4.8 Trem

“Quando eu era criança, adolescente, enfim, eu fazia isso, ia lá pra fora, lá onde eu ia às vezes tinha uns trilhos de trem que passava e eu ficava contando os vagões. Um, dois, o vagão de soja, o vagão de não sei o que. E era aqueles trens, tipo assim, tem quilômetros, né? Tem muito trem, cento e poucos vagões, não sei o que. Eu também criei esse palácio mental, essa coisa de às vezes, tá, sento, estou olhando para esse trem. Cada coisa, pensamento. essas coisas são vagões estranhos que estão passando. E o trem é a situação toda. Parece que ele não vai passar nunca. Ele vai. E vai vir outro trem. Ele pode até parar esse trem porque lá na frente alguma coisa vai ficar parado, mas em algum momento ele vai na sequência. E obviamente naquela época parecia que o trem nunca ia dar sequência, ou que ele não acabava nunca mesmo. E hoje é assim que eu comparo, quando eu vejo que algo está próximo a me afetar muito, né? Muito assim, né? Me causar, incomodar, angústia. E eu olho e falo, tá, mas vamos ver. Vamos sentar, vamos pensar se isso daqui é um momento ou não. Fazer mesmo uma perspectiva que eu falei que hoje eu consigo, né? Do antes, do agora, ou depois. Isso é um momento, uma fase, ou é uma sentença? O que que é?” (Nemo)

Eu trouxe o trem, não para me embrenhar em interpretações sobre o que porventura seria o trem senão ele mesmo. Poderia debater sobre as diversas e possíveis considerações sobre a manufatura, maquinaria ou similaridades temáticas. E com isso perder o trem (Barcelos, 2012). Considerei entrar no trem mais

importante. A organização metafórica da experiência em si. As possibilidades auto reflexivas em consonância com o mundo. O olhar animado. A vida em movimento e dinamismo. Hoje é hoje, daqui a pouco hoje será ontem, semana passada, e assim sucessivamente. E os estados interiores, sensações, emoções e sentimentos.

4.9 Solidão, eu e o(s) outro(s), conexão, conversas

“Eu lembro que eu passava final de semana em casa sozinha, aquilo aumentava minha angústia, sabe, porque eu não tinha, não tinha amigos.”
 “Tudo levava no fim das contas que a minha vida não importava, que eu não fazia diferença naquele mundo. Por que eu estava viva, para que eu estava viva?” (Alice).

“Porque assim, eu nunca tive... eu nunca senti que a minha vida era importante, sabe?” (Alice)

“Ela cai nesse lugar, depois ela cai para dentro do espelho, né? Primeiro ela cai num buraco, depois ela tem toda uma trajetória ali, encontra vários outros personagens ali, depois ela cai dentro do espelho também. Também, pra encontrar os mesmos personagens num outro tempo deles e dela também. Primeiro eles ajudam ela, depois ela ajuda eles” (Alice) - sobre a história de *Alice através do espelho* (comentário da autora).

“E eu vejo que eu ali pela primeira vez eu me senti amada, simplesmente por ser quem eu sou, porque era assim que meu papagaio me amava, ele sabia que eu era chata, ele sabia que eu...”(Alice)

“Esse era o pensamento que eu tinha meio que conduzido desta forma. Então se eu sou insignificante, falta alguma faria. Não faria falta.”

“Porque é difícil, ninguém quer falar sobre isso. Todo mundo tem medo, tem medo de que se falar vai provocar algo, não sei o que. Não é assim que funciona. A gente pode pensar. Ninguém me provocou a nada. Quanto mais sozinho eu estava, mais forte crescia a vontade de fazer. Então é o contrário. É o contrário, justamente isso. É o contrário. É” (Nemo).

“O que eu mais queria, não estar sozinho nesse sofrer” (Nemo).

“De alguma forma a gente não se reconhece assim dentro desse espaço se a gente não estiver conectado. A gente precisa do outro. Isso eu descobri também que a gente precisa do outro. Seja quem for” (Nemo).

“Coletivizar esses sentimentos para entender que a gente pertence a algo” (Nemo).

“E aí, isso é uma das coisas boas de eu querer participar, porque é muito tabu falar sobre isso. As pessoas não querem falar sobre isso. As pessoas têm medo de falar sobre isso com uma pessoa que já passou por uma tentativa e acharem que isso vai desencadear outra tentativa nelas” (Mariana).

Alguém de nós, pessoas humanas, vive sozinho nesse planeta? Se pensarmos enquanto espécie, somos um bichinho bem frágil. Não temos presas nem garras, nossa pele é sensível. Ao nascer precisamos de cuidados por tanto tempo que fica difícil mensurar. Analisando superficialmente, sem aprofundar cada um desses pontos. Um exercício de imaginação para pensar na falácia, atualmente bastante difundida, sobre a independência e a autossuficiência humanas. Quem de nós de verdade pode existir sozinho? Viemos para essa vida através de uma pessoa, de um corpo que nos nutriu durante um tempo suficiente que garantisse que nosso aparato biológico – corpo - estivesse em condições suficientes de iniciar a jornada, a tal chamada “vida”. Não nascemos sozinhos, nascemos através - de outro corpo humano. Como estaremos no mundo uns sem os outros?

Estivemos conectados por um tubo chamado cordão umbilical, sendo nutridos, que possibilitou nosso crescimento e desenvolvimento estrutural fisiológico. Carregamos uma cicatriz no centro do nosso corpo, nosso umbigo. Talvez seja uma marca para nos lembrar dessa história. Todos nós, humanos, temos umbigo.

Iniciei, em outros parágrafos, algumas alusões sobre quão complexo, intrincado, labiríntico, emocionante, enigmático, miserável, angustiante, profundo, obscuro, prazeroso, rico, triste, cheio de encantos, desesperador, mágico, doloroso, misterioso, paradoxal, tudo isso e não necessariamente nessa ordem, e com certeza com outras tantas mais denominações, é a questão da explicação direta e objetiva do que é vida, nesse caso a humana. Precisamos de tantas coisas, objetivas, subjetivas, físicas, emocionais. Encantamento, sentido, senso de significado, alma, muitas camadas “inter” e “intra” conectadas, coexistentes, interdependentes. Se alguma coisa eu consigo concluir é que somos “inter” e “intra” dependentes – tanto uns dos outros como de nosso ambiente. Mas como humanos, também podemos sofisticar e criar sobre, e com, essa figuração.

Podemos ampliar indefinidamente as possibilidades metafóricas dessas imagens, do início da nossa chegada, o caminhar e seu fim. Mas como nos brocados que fiz, vou levantar uns pontos e deixá-los sem finalizar. E ainda lanço uma pergunta, qual é a cola que une tudo isso?

4.10 O Narrador que conta sua história

“Eu gosto bastante de contar essa história. Para conseguir lidar com ela, porque por muito tempo, assim, não foi fácil de lidar. E eu acho que é uma história que tem que ser contada, sabe? Pra quem quer ouvir, né? Mas acho que tem que ser contada, porque é uma entre tantas histórias tristes que acontecem no mundo” (Mariana).

“Todos esses encontros me colocaram muito pra pensar, mas também me deixaram bem sensível, mas não sensível de um modo ruim. Na verdade, tu me trouxe provocações e dúvidas muito incríveis, que mudou muito a minha visão pra mim mesma” (Mariana).

“Primeiro que eu nunca parei pra pensar assim na minha história. Nunca vi a minha história desse ângulo, né? E nem desse momento de vida que eu tô. Então, parar pra pensar e elaborar a forma que eu vou te contar tudo que aconteceu, mexeu em muita coisa, assim, sabe? Me fez ter muitos insights, me movimentou muito de certa forma. Porque é muito louco isso de tu...contar realmente uma história, só que a história que tu viveu, sabe?” (Mariana)

“Então tem uma participação muito ativa de quem eu sou agora, sobre como que é essa história que eu quero contar” (Mariana)

“Mas o principal insight que eu tive é que é muito louco esse exercício de contar a própria história da forma que quiser, porque tu começa a se olhar de outra forma” (Mariana)

“No fim, é uma metodologia interessante para se conhecer alguém, porque querendo ou não, o jeito que eu estou te contando isso agora não é o mesmo jeito que eu te contaria há um ano atrás, ou o mesmo jeito que eu te contaria três anos atrás, ou a cinco. Talvez não seja o jeito que eu te contaria ano que vem também, sabe?” (Mariana)

“E a cada investigação eu encontro um novo fio que me liga” (Mariana).

“Foi bom... relembrar... tudo, fazer uma nova reflexão... sobre o... passado, principalmente” (Alice),

“Então essa é a minha história, a minha vida estava diferente da história de outras pessoas. E isso precisava ficar muito claro pra mim, o que é a minha história” (Alice).

“Foi bem bom ter falado, lembrei algumas coisas que fazia tempo que eu não pensava, mas com uma certa...sei qualquer palavra, mas com certo distanciamento positivo, digamos assim. Depois de passado tanto tempo a lembrar certas coisas nos dá uma perspectiva de olhar para aquilo com o tamanho que aquilo realmente tem, que é grande, mas não é infinito. Sofrimento, ideias, pensamentos, eles são grandes naquele momento, eles parecem infinitos, intransponíveis. E hoje quando eu olho eu vejo que eles são muito grandes, obviamente. Mas, como eles são meus, eu sou maior que eles, porque senão, eles não caberiam em mim” (Nemo).

Narrar uma história pressupõe um distanciamento para que se tenha uma vista maior e melhor do panorama. Narrar não é informar, exige cadência, ritmo, e amplitude espacial, conferindo possibilidades ao curso imaginativo. Implica termos ouvidos de ouvir, alguém narra e alguém escuta. Exige que uma trama seja tecida nesse ínterim, onde o artesão que comunica a sua história o faz tal qual o oleiro e seu vaso e o ferreiro e sua forja (Benjamim, 1994).

Nessa proposta de trabalho os participantes estiveram tanto no lugar do narrador, quanto personagem principal do “romance” que foi narrado. Independentemente do gênero literário que foi utilizado. Esteve no lugar daquele que conta a história, autor, narrador, também personagem principal.

A articulação necessária ao desempenhar diversos papéis em sua própria trama exige mobilidade e plasticidade psíquica. Ao navegar por todos esses espaços o ponto que se chega é sempre diverso do ponto inicial. Abrindo espaços a novas possibilidades de sentidos e significados. “O sujeito só pode ultrapassar o dualismo da interioridade e da exterioridade quando percebe a unidade de toda a sua vida... na corrente vital do seu passado, resumida na reminiscência” (Benjamin, 1994, 212). Assim, enquanto narrador de sua própria história, se posiciona tal qual o “justo” que “se encontra consigo mesmo” (Benjamin, 1994, p.221). Contar a própria história, voltar-se para ancestralidade, é “um modo de cultivar alma” (Hillman, 2020, p.35).

4.11 Pesquisadora/ tutora de imagens

A palavra pesquisa me causa algum incômodo, como apontei no início desse capítulo. Mas ousou brincar/desdobrar/ampliar a sonoridade da palavra, assim, “pesquis” me lembra “pesca”, linha, anzol, “peixes”, mar; profundidade. Continuando “dor” e “a”. Assim, terminando o capítulo como “pescadora da dor em profundidade”. E “tutora”, no sentido daquela que defende, salvaguarda, protege, nesse caso as imagens, que me foram emprestadas pelos participantes. Na perspectiva do peixe, com a pesca ele morre. Ou vira alimento para alguém. Logo, continua em ciclo. Sabendo que algo da imagem se perde ao apresentá-la, algo morreu, mas fica a potência e energia a que se dispõe o trabalho.

Apresentei em exercício dinâmico, em ampliação das imagens que me foram narradas e apresentadas. Compus em retórica metafórica, alinhavadas em meus contextos imaginativos. Alguns pontos teóricos foram acrescentados, ressaltando que não interpretativamente, mas intentando um movimento circular. De modo a exemplificar o trabalho com as imagens, em composição com elas, ou emoldura-las, um arremate para apresentação. Não fixamente, mas como curadoria em arte - “curador ia”- e organização possíveis. Cura em sentido de elaboração, como me disse uma sábia senhora certa vez: “igual queijo, vamos tirando a água e apurando o sabor.” A partir daí podemos fazer várias coisas com o queijo, mas queijo não vira manga.

Essa dinâmica de trabalho é a aposta e proposta da dessa terapêutica clínica. Sua base de origem vem de Jung e Hillman. O estímulo em produção de efeitos, em significação e sentido, para cada um que se propõe e se identifica com esse caminho (Jung, 2013). A dinamização simbólica, dinâmica e viva, que se faz conjuntamente entre consciente e inconsciente. Dessa forma algo fica sempre por dizer, for fazer, por vir a ser. Posto que o próprio símbolo se compõe de algo parcialmente consciente, se vier a ser totalmente consciente em suas significâncias, se tornaria signo, perderia sua simbólica, que é uma produção dinâmica de natureza tanto inconsciente como consciente. E somente podemos chamar de símbolo se assim se apresenta para quem o contempla, nesse caso, como não havia tempo nem proposta de construção em conjunto com os participantes, posto que eram “entrevistas” e não psicoterapia, urdi pela via imaginativa, linguagem e retórica da alma.

Estive para observar e apresentar posteriormente o que se manifestou nesses encontros. O que não exclui possibilidades diversas de construções posteriores. O símbolo possui digressões e significações diversas para cada pessoa, independente do local em que está alocada – seja quem busca atendimento ou o quem se propõe a fazê-lo. O propósito esteve em exemplificar movimentos possíveis com as imagens, como os que faço em minha prática profissional.

Fiz em conjunto com os que estiveram por aqui, seja com imagens, teoria ou leitura. E os que seguem ao próximo capítulo, pra não perdermos o “fio da meada”.

“Estar vivo é ser palavra na boca de alguém”
(Aciloli, 2023, p.111).

5 O FIO DA MEADA: PRODUTO TÉCNICO

O que caracteriza a identidade dos mestrados profissionais é, principalmente, o compromisso em adquirir conhecimentos teórico-metodológicos que possibilitem a análise e estudo da vasta riqueza da biodiversidade nacional. Além disso, busca-se alcançar os recursos, reconhecimento social e maior viabilidade para sua aplicação prática. Implicando assim na formulação de estruturas conceituais e analíticas integradas com diversos setores da sociedade, no intuito de estabelecer meios para aplicar os resultados da pesquisa. Visando a integração dos mestrados na dinâmica social, promovendo uma maior interação e conexão entre a academia e a realidade vivenciada pela sociedade (Negret, 2011). Nesse sentido, temos como parte do trabalho final o desenvolvimento de uma produção técnica/tecnológica, com detalhamento e estruturas próprias (CAPES, 2019). Como produto a definição de um resultado tangível, que se pode tocar, ler, ver etc., de uma atividade docente ou discente, realizado de forma individual ou em grupo. Pode se tratar de um produto específico ou de um conjunto de diretrizes de um método de trabalho.

Nesse viés, foi criado livro, um produto de editoração que tem por definição:

Produto de editoração resulta de atividade editorial de processos de edição e publicação de obras de ficção e não-ficção. Compreende planejar e executar, intelectual e graficamente, livros, enciclopédias, preparando textos, ilustrações, diagramação etc. com vinculação ao Programa (projetos, linhas, discentes/egressos). Exemplos: mídia impressa (jornal, revista, livro, panfleto, cartaz, etc.), eletrônica (e-books, mídias interativas) ou digital (internet, celular) (CAPES, 2019).

Intitulado “Fio da meada – movimentos clínicos frente ao *des encanto* com a vida”. Um livro, físico, palpável, com aroma e textura próprias do papel, em capa dura colorida com laminação fosca, o miolo impresso em papel reciclado 120 gr, cor própria do reciclado. Tencionou-se estimular questões sensoriais, olfato, tato, visão, implicando e estimulando o corpo no processo e utilização do material, já que o intelecto só contém o que passou pelos sentidos (Jung, 2009). A temática convida a própria reflexão corporal e a materialidade da vida que conhecemos. Sua versão em PDF encontra-se no anexo dessa dissertação.

Partindo da temática do projeto de pesquisa intitulado: “Refazendo fios da existência: Investigação sobre significados emergentes após tentativas de suicídio”,

renomeado: “Refazendo fios da existência: Estudo reflexivo sobre a escuta profissional frente ao desencanto com a vida”; vinculado ao PPGPSI da UNISC, na linha de pesquisa I: Práticas Clínicas Contemporâneas, Políticas Públicas e Saúde Mental. Buscou-se entender as construções simbólicas nas narrativas de 3 pessoas que tenham se (re) conectado com a vida após tentativa de suicídio.

O livro visa reflexão e sensibilização da temática da vida e da morte. Para que, principalmente, psicólogos clínicos possam utilizar em sua prática profissional, juntamente com seus pacientes, ou em grupos de estudos, dinâmicas, entre outras possibilidades. O aporte teórico para a elaboração e tratamento do material seguiu a abordagem desenvolvida principalmente por Carl Gustav Jung e James Hillman, além de outros em consonâncias. No entanto, há possibilidade de sua utilização e leitura em outras áreas teóricas da psicologia.

Foi produzido através de relatos reais dos *encontros* entre a pesquisadora e os participantes. Também através da elaboração de possibilidades didáticas na formação profissional, a partir da vivência no curso de extensão explicitado do capítulo 2 dessa dissertação. Buscou-se pistas dos caminhos percorridos por aqueles que tiveram a experiência de romper com a vontade de viver e sua urdidura em reconexão com a vida. No intuito de viabilizar que outros possam encontrar alguma identificação, algum (re) encontro na história do outro, e quem sabe, aproximar, unir, ligar suas linhas, tecendo sua trama em sentidos e significados. Pois, segundo Appel (2019) quando temos relatos verdadeiros estes se tornam universais, e na universidade há força. E, assim, podemos nos remeter à Jung:

As pessoas realmente necessitam de ideias gerais e convicções que lhe deem um sentido à vida e lhe permitam encontrar seu próprio lugar no mundo. Pode-se suportar as mais incríveis provações se estiver convencido de que elas têm um sentido (Jung, 2016).

O convite para unir material imagético, elaborado com as mãos (como desenho, pintura, argila, recorte e colagem, ou escolhas fotográficas, etc) juntamente com a narrativa de sua história se propõe a um esforço onde se possa traduzir o indizível em formas visíveis, passando a representar coisas ativamente, transformando-as em um ato seu, não se limitando a falar do assunto, também o executa (Jung, 2018).

A relevância desse tipo de material se caracteriza, segundo Fernandes et al. (2020), pela demanda de desenvolvimento de práticas e projetos direcionados à comunidade universitária que tenham integração com a rede de saúde e ao serviço de apoio estudantil das instituições de ensino, em vista à necessidade de discussão e reflexão sobre o tema, que é muitas vezes negligenciado pelo tabu existente ainda na sociedade, pelo medo ou pela falta de conhecimento de educadores e profissionais da saúde.

A aplicação do produto destina-se, inicialmente, à prática clínica da psicologia e suas ramificações profissionais. Sendo um instrumento, uma ferramenta, com intuito de auxiliar construções narrativas, transformativas na transição da dor (não elaborada) ao sofrimento (construindo sentidos e significados), não isentando a necessidade de estudo, debate e reflexão profissional sobre o tema e sua utilização. Foi elaborado com carinho, cuidado e delicadeza. O tema é denso, difícil e sensível. Para se trabalhar nessas dimensões há que se ter respeito, deferência e interesse genuínos. Como escrevo ao final do livro, existe uma multiplicidade de possibilidades a sua utilização. “O ponto nuclear é o estímulo criativo daqueles que se propõem à escuta e formação psicoterapêutica, ampliar, é a palavra proposta” (Araujo, 2025). Alguns exemplos: exercício prático na clínica psicológica; disparador em grupos, oficinas e trabalhos integrativos; dinâmica pedagógica em grupos escolares e/ou empresariais; como um jogo; entre outros. “Não gostaria que virasse uma lista de perguntas, ordenadas, duras, engessadas e amarradas” (Araujo, 2025). Como Hillman (1984, p.26) afirma: “A pergunta cautelosa já é metade do conhecimento. A pergunta imprudente que nasce da curiosidade não infringe somente aquilo que é íntimo, o mundo e o valor interior de uma pessoa. Ela também cava uma vala de distanciamento”.

A replicabilidade poderá ser feita no âmbito metodológico, no processo de construção de outros materiais, onde cada sujeito, junto com seu psicoterapeuta, possa de produzir algo autoral, livremente, sem instruções ou material pré determinados, havendo apenas um convite à produção e construção de sua história. Caracteriza-se com alto teor inovativo por propor de forma criativa e inovadora uma metodologia própria à abordagem dos temas: vida; morte; suicídio em suas

significâncias e subjetividades. O impacto da utilização do produto poderá reverberar em múltiplas camadas, tanto dos profissionais quanto da sociedade, uma vez que uma morte por suicídio abalam vários níveis, tanto individuais como sociais, de familiares e pessoas próximas ao falecido. Por ser uma das experiências de luto mais desorganizadoras que um ser humano pode sofrer (Rocha e Lima, 2020; Serra e Freitas, 2020).

O livro foi integralmente organizado, diagramado, as imagens escolhidas e compostas na plataforma canva.com, pelas minhas mãos e reflexões. Foi previamente apresentado a cada um dos 3 participantes, que autorizaram algumas de suas falas no livro. As imagens estão reproduzidas sequencialmente no “Apêndice A” dessa dissertação, e sua versão digital está disponível através do link: https://drive.google.com/file/d/1BPh3jKB7Fx3mU6Oef9GB7Os-qAM8_FJb/view?usp=sharing

6 “NAS ENCRUZILHADAS DA VIDA”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida não é um problema a ser resolvido, e sim uma experiência a ser vivida. Basta termos sofrido em um significado cada vez mais profundo. Esse significado é enriquecedor e é sua própria recompensa (Hollis, 1998, p.202).

O último capítulo, aquele onde se apresenta o fechamento, onde se ligam os pontos, parte final. Escolhi um título que alude às possibilidades de caminhos, de encontros, de centro. No primeiro capítulo, discorri um pouco sobre a simbologia da cruz e suas possibilidades - enquanto encruzilhada, adição, mas também tortura e colonização. São muitas expectativas latentes, mas fico na encruzilhada enquanto imagem e potência para juntar os pontos aqui.

As encruzilhadas e suas esquinas são campos de possibilidades, lá a gargalhada debocha e reinventa a vida, o passo enviesado é a astúcia do corpo que dribla a vigilância do pecado. O sacrifício ritualiza o alimento, morre-se para renascer (Simas e Rufino, 2018, p. 13).

No ponto de partida tinha um questionamento, que era a investigação de conteúdos simbólicos e as produções em sentidos e significados após tentativa de suicídio, em jovens universitários de idades entre 18 e 29 anos, que tivessem se (re) conectado com a vontade de viver. Tive que recalculer a rota, esse caminho esteve, em parte, fechado.

Um dos motivos para a elaboração do Curso de Extensão era fazer uma aproximação com estudantes de graduação e apresentar a proposta da pesquisa e, a partir daí, encontrar possíveis participantes. Também havia interesse em estar mais próxima da prática docente, tocar, trocar, aprender.

Nesse processo, outro caminho se abriu, ele já estava ali, mas ainda não havia clarificado. Alvoreceu a proposta de direcionar esse trabalho – o desenvolvimento dele e seu “produto técnico” - em auxílio à formação de psicoterapeutas, aos que se propõem enquanto prática profissional, a psicologia clínica. Iniciou-se o entrever com mais nitidez dos pontos a serem escolhidos, linhas e cores organizadas, costuras encetadas.

Parti em direção à formação (ou início dela, posto que é uma obra em constante desenvolvimento) do psicoterapeuta, do estímulo à criatividade, a construção de caminhos possíveis, a valorização dos momentos de encontros e

seus componentes. No cuidado e respeito à vida, cultura, valores, limitações, potências e origens, dos outros e das nossas. Da conscientização efetiva de que estamos na clínica a partir de nós. Do apontamento da elaboração - constante e necessária - ao encarar àquilo que somos e que nos constitui enquanto pessoas, singulares e coletivas. Esse olhar de respeito e reverência à vida em toda sua complexidade, e até me atrevendo a dizer, uma sacralização dos modos de ver, ser, estar, fazer. Posso trazer à tona a própria ética do analista, que está sustentado - e não é nenhuma novidade - no tripé: estudo teórico, análise pessoal, supervisão. Mas faço isso ao meu modo, com os teóricos que me encantaram, e encantam ainda. Numa postura “anti absolutista” em apresentação de verdades, mas numa perspectiva “encruzada” partindo “da orientação de que o mundo, os seres e as práticas sociais não estão acabados e de que os conhecimentos possíveis não se esgotam em um modo de saber que se reivindica único” (Simas e Rufino, 2018, p.33).

O trabalho traz reflexões sobre (re) conexão com a vida após tentativas de suicídio, abordando a questão na formação de profissionais que se propõem ao acompanhamento de pessoas em sofrimento com o (des) encanto e a desistência do viver, que em outras palavras, que estão em ideação suicida. Também aponta possíveis aproximações simbólicas que foram observadas no trabalho com 3 pessoas que tentaram e suicídio e posteriormente, de alguma forma, fizeram uma (re) conexão com a vontade de viver.

Visa refletir sobre a própria terminologia e direcionamento à psicoterapia em sua perspectiva original, partindo de seu conceito etimológico onde alma (*psiché*) encontra atendimento (*therapeia*), adentrando seu universo e seus abismos. Para que possa se presentificar, na vida, no mundo. Não somente o mundo interior, mas também o exterior, num processo de significação e mitificação do viver (Barcellos, 2012). Colorindo o mundo, encantando a vida, no seu sentido amplo, em suas diversas camadas e densidades, em seus tons de beleza e feiura. Em desvio à perspectiva meramente adaptativa, onde o social se sobrepõe ao individual.

Olhar para vida a partir da perspectiva da morte, ou em seu desvelo, da perda de sentido de se estar em carne, no corpo. Em relação às definições precisas de

vida e morte, tenho muito pouco ou quase nada a apresentar. Propus o mergulho nos sentidos do viver, do compartilhamento desses espaços aos quais estamos inseridos, e isso se faz com corpo, de preferência com a alma também. Pensar em suicídio é pensar em extinguir o corpo em suas derivações, visto que o depois, se é que há, sobre nada posso afirmar. “O corpo é o primeiro registro de ser no mundo, é o elemento que versa a cerca das presenças e reivindicações de si, é o que possibilita problematizar a natureza radical do ser e suas práticas de invenção” (Simas e Rufino, 2018, p. 53). Estamos presentes no e através do corpo, somos - enquanto seres viventes dessa dimensão pelo menos – corpo. O digitar dessas páginas fiz com as mãos, os leitores utilizarão os olhos, ou escutarão a leitura por outrem, através dos ouvidos. A participação desse mundo de relações é com corpo, no espaço e no tempo.

Existe possibilidade de encantamento das mais diversas formas de viver e existir. Viver no desencanto é como estar num limbo, na soleira da vida, com as portas fechadas em ambas as direções. Por vezes corpo para um lado, cabeça para o outro; ou alma para um lado, corpo para o outro; ou mesmo pessoa para um lado, sociedade para o outro. Numa cisão onde pessoas estão como zumbis, apartadas de si e/ou do (os) outro (s). Demanda integração para que não haja desintegração dos sentidos de viver. Nessa perspectiva, vida e morte não estão em oposição, mas em fluxo, em dança. A proposta é operar no entre, na fresta, como fizeram outros antes. No resgate das memórias, na valorização dos caminhos, na partilha dos espaços, rompendo o cimento, germinando as sementes (Simas e Rufino, 2018). Contudo, para cada um seus próprios elementos mágicos. Não cabe imposição de atos ditos “criativos”: pinte, borde, dance ou desenhe; há de ter certa disposição à diversidade de manifestações linguística/imagéticas ao universo incognoscível pela lógica da razão, em seus próprios termos e em seu próprio tempo.

O entrecruzamento de lugares é outro ponto a ressaltar. Esse trabalho foi realizado em duas cidades. Venho do Rio de Janeiro, que tem em sua paisagem emblemática o “Cristo Redentor”. A universidade em Santa Cruz do Sul. Ambas com a cruz marcada, uma na paisagem outra no nome. Cidades quase antagônicas em hábitos e modos. A ordem e limpeza de Santa Cruz e o “purgatório da beleza e do

caos” (em referência à música de Fernanda Abreu) que é o Rio de Janeiro. A imagem desse cruzamento brilhou já no final do mestrado, os contrastes nos fazem ver melhor. As sombras fazem os desenhos ganharem formas, a música se faz nas pausas, sem elas é barulho.

Arrisco mais um alinhavo, ao mencionar sobre o aspecto da contextualização histórico/temporal/espacial. Esse estudo, apesar de tencionar a observação de simbologias e motivações que fazem querer viver - o que conecta e dá sentido a vida - não exclui o apontamento da necessidade de debate sobre a importância de se observar sobre as desistências, os desencantos e as dificuldades que afloram em cada um, diante da sociedade que está inserido e a qual se refere. Ou ao contrário de tudo isso, aquilo que traz brilho, luz, calor, sentido. O que essa sociedade propõe àqueles que a compõe? Quais respostas e comportamentos demanda dos seus? Qual amparo - ou falta dele - oferece para aos seus indivíduos? É necessário problematizar os termos, os tempos, os espaços, os modos. Ainda que eu não me disponha às minúcias desse debate nesse momento. Levanto essas questões, deixando em aberto para futuras mãos.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Socorro. **Oração para desaparecer/** Socorro Acioli. – 1ª. ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2023.
- APPEL, Camila. Prefácio In: SCAVACINI, Karen (Org). **Histórias de Sobreviventes do Suicídio**: Vol.2. Vários autores – São Paulo: Instituto Vista Alegre, 2019
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Suicido**: informando para prevenir. Comissão de Estudos e Prevenção de Suicídio. CFM/ABP. Brasília, 2014.
- ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. V. II
- BARCELLOS, Gustavo, - **Psique e imagem**, estudos de psicologia arquetípica/ Gustavo Barcellos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BASTOS, Rogério Lustosa, – **Suicídio: estudo psicossocial** / Rogerio Lustosa Bastos. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.
- BASTOS, Rogerio Lustosa – **Suicídios, psicologia e vínculos**: uma leitura psicossocial; 2009 em:
<https://www.scielo.br/j/pusp/a/fKvCSwwyYFtBhrDW4SpHGtp/?lang=pt>
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERNARDI, Carlos, **Individoação**: do Eu para o Outro, Eticamente. Disponível em:
<http://www.rubedo.psc.br/artigosb/jgetiind.htm>
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer/** Antonio Bispo dos Santos; imagens de Santídio Pereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/ Psieagrama, 2023.
- BONAVENTURE, Leon. Prefácio In: **Fundamentos de Psicologia Analítica/** Carl Gustav Jung; tradução Araceli Elman. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.
- CAMPOS, Álvaro de, 1926 – **Tabacaria** - Fernando Pessoa; in :
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000010.pdf>
- CAPONI, Erica Santana da Silva et al. **Ideação suicida na adolescência fatores de risco e proteção**. In: CONGRESSO BRASILEIRO CIÊNCIA E SOCIEDADE , 2019, Teresina. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019. Disponível em:
 <<https://proceedings.science/cbcs/cbcs-2019/trabalhos/ideacao-suicida-na-adolescencia-fatores-de-risco-e-protecao?lang=pt-br>> Acesso em: 20 jul. 2023.
- CARMO, Érica Assunção et al. **Tendência temporal da mortalidade por suicídio no estado da Bahia**. Cogitare Enfermagem, [S.l.], v. 23, n. 1, abr. 2018. ISSN 2176-

9133. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/52516>>. Acesso em: 31 jul. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/ce.v23i1.52516>.

CRISPIM, M. de O., Santos, C. M. R. dos, Frazão, I. da S., Frazão, C. M. F. de Q. ., Albuquerque, R. C. R. de ., & Perrelli, J. G. A. . (2021). **Prevalência do comportamento suicida em jovens universitários**: revisão sistemática com metanálise. *Revista Latino-Americana De Enfermagem*, 29, e3495. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.5320.3495>

ELIADE, Mircea, 1907-1986. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**/ Mircea Eliade; tradução de Rogério Fernandes. – 4ª. ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

FERNANDES, Fabiana Yanes, (et al). **Tendência de suicídio em adolescentes brasileiros entre 1997 e 2016**. *Revista Epidemiol. Serv. Saude, Brasília*, 29(4):e2020117, 2020. In: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400025>

FRANZ, Marie-Louise Von - 1915. **A interpretação dos contos de fada**/ Marie-Louise von Franz ; tradução Maria Elci Spaccaquerche — São Paulo : Paulus, 1990.

HAN, Byung-Chul, *Agonia do eros* / Byung-Chul Han; tradução de Enio Paulo Giachini – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HILLMAN, James, 1926-2011 – **Uma busca interior em psicologia e religião**/ James Hillman; tradução Aracéli Martins Elman, revisão José Joaquim Sobral. – 1ª. ed. - São Paulo : Paulus, 1984

HILLMAN, James, 1926-2011 – **O livro do puer**: ensaios sobre o arquétipo do Puer artenus/ James Hillman; tradução Gustavo Barcellos. – 1ª. ed. - São Paulo : Paulus, 1988.

HILLMAN, James, 1926-2011 – **Ficcções que curam**/ James Hillman; tradução Gustavo Barcellos, Leticia Capriotti, Andrea de Alvarenga Lima, Elizabeth de Miranda Sandoval ., – 1ª. ed. - Rio de Janeiro : Verus editora, 2010.

HILLMAN, James, 1926-2011 – **Psicologia arquetípica**: uma introdução concisa / James Hillman; tradução de Sônia Maria Caiuby Labate. 4.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HILLMAN, James, 1926-2011 - **Anima**: a psicologia arquetípica do lado feminino da alma no homem e sua interioridade na mulher / James Hillman; tradução Lucia Rosenberg, Gustavo Barcellos. – 2. ed. – São Paulo: Editora Pensamento, Cultrix, 2020.

HILLMAN, James, 1926-2011 – **Suicídio e Alma** / James Hillman; tradução Lucia Rosenberg, Gustavo Barcellos.- 2ª..ed. – São Paulo: Cultrix, 2022.

HOLLIS, James (1998). **Os pantanais da alma**: nova vida em lugares sombrios. São Paulo: Paulus, 1998.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. **A energia psíquica** 8/1/ C.G. Jung; tradução de Maria Luiza Appy. 14. Ed. – Petrópolis, RJ, Vozes, 2019.

JUNG, C.G., 1875-1961. **Aion** – Estudos sobre a natureza do si-mesmo/ Obras Completas de C. G. Jung, Vol. 9/2. C.G. Jung; tradução de Mateus Ramalho Rocha. 2ª. Ed. – Petrópolis, Vozes, 1986a.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. **Da formação da personalidade**. In: _____. O Desenvolvimento da Personalidade. Obras Completas de C. G. Jung. Vol. 17. Tradução de Frei Valdemar do Amaral. 2a Ed..Petrópolis: Vozes, 1986b.

JUNG, C.G., 1875-1961. **A natureza da psique** / Obras Completas de C. G. Jung, Vol. 8/2. C.G. Jung; tradução de Mateus Ramalho Rocha. 7. Ed. – Petrópolis, Vozes, 2009.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961.- **Tipos Psicológicos**. Obras Completas de C. G. Jung, Vol. 6. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. – 7ª. Ed. - Petrópolis: Vozes, 2013a.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. **A prática da psicoterapia** 16/1/ C.G. Jung; tradução de Maria Luiza Appy. 16. Ed. – Petrópolis, RJ, Vozes, 2013b.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961 – **Sobre os Sentimentos e a Sombra**: sessões de perguntas de Winterthur / C.G. Jung; tradução Lorena Richter. 2ª. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KLAUTAU, Perla; MACEDO, Maria Manuela Dias Ramos de; SINISCALCHI, Marcella. **Juventude e Desamparo**: relato de uma pesquisa intervenção. Educ. Real., Porto Alegre , v. 46, n. 1, e109164, enero 2021 . Disponible en <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-31432021000100207&lng=es&nrm=iso>. accedido en 28 jul. 2023. Epub 08-Jun-2021. <https://doi.org/10.1590/2175-6236109164>.

KOVÁCS, Maria Julia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2002.

MACHADO, Rayni Pereira et al . **Fatores de risco para ideação suicida entre universitários atendidos por um serviço de assistência de saúde estudantil**. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.), Ribeirão Preto , v. 16, n. 4, p. 23-31, dez. 2020 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762020000400004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 jul. 2023. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.169186>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social.** In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DA SAÚDE – **Boletim Epidemiológico 33,** 2021 https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf

NEGRET, Fernando. **A identidade e a importância dos mestrados profissionais no Brasil e algumas considerações para a sua avaliação.** Revista Brasileira de Pós-Graduação, [S. l.], v. 5, n. 10, 2011. DOI: 10.21713/2358-2332.2008.v5.152. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/152>. Acesso em: 12 dez. 2023.

OLIVEIRA, Santina Rodrigues de. - **O suicídio e os apelos da alma:** reflexões sobre o suicídio na clínica junguiana com pacientes adolescentes. 2012. em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/suicidio_apelos_alma_reflexoes_adolescentes.pdf

PAN, Miriam Aparecida Graciano Souza; JACQUES, Michelle Tomassini. **Política de acesso e identidade:** Rodas de Conversa produzindo sentido entre universitários. Psicologia Argumento, [S. l.], v. 36, n. 94, p. 437–457, 2019. DOI: 10.7213/psicologum.36.94.AO02. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/25939>. Acesso em: 28 jul. 2023.

PLATÃO, 427-347 a.C. **O Banquete/** Platão; tradução, notas e comentários de Donald Shüeller. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. **O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa – USP,** Psicologia, 2005 – em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-439087>

PESSOA, Fernando. **O Guardador de Rebanhos.** In Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993). 1ª publ. in Athena, nº 4. Lisboa: 1925. In: <http://arquivopessoa.net/textos/1482>

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas/** João do Rio. in: https://www.google.com.br/books/edition/A_Alma_Encantadora_das_Ruas/7o5cAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover , 1908.

SAGGESE, Edson. **Uma Juventude à Flor da Pele:** o dilema de adolescer ou adoecer. Educação & Realidade, [S. l.], v. 46, n. 1, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/109166>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SCAVACINI, Karen. **O suicídio é um problema de todos**: a consciência, a competência e o diálogo na prevenção e posvenção do suicídio. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.47.2018.tde-26102018-155834. Acesso em: 2023-07-04

SERRA, Adriana Patrícia Egg; FREITAS, Joanneliese de Lucas. **Luto materno no suicídio**: a impotência e o desamparo frente às (im)possibilidades. Rev. NUFEN, Belém, v. 12, n. 3, p. 19-37, dez. 2020. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000300003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 jul. 2023. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol12.nº03artigo73>.

SILVA, Maria Vanessa da; AZEVEDO, Ana Karina Silva. **Um olhar sobre o Suicídio**: vivências e experiências de estudantes universitários. Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 390–401, 2018. DOI: 10.17267/2317-3394rpds.v7i3.1908. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/1908>.

SILVA, Nilton de Sousa. **Intuição, Sensibilidade e Personalidade do pesquisador** In: Menezes, Ana Luísa Teixeira; Bergamaschi, Maria Aparecida; Souza, Fátima Rosane Silva e (Org.) Aprendizagens interculturais e produção de sentidos na educação e na psicologia. Vários autores. – 1. Ed. – Porto Alegre: Cirkula, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no mato**: a ciência encantada das macumbas/ Luiz Antonio Simas, Luiz Rufino. – 1º. Ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**/ Luiz Antonio Simas. – 8º. Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio. **Umbandas**: uma história do Brasil/ Luiz Antonio Simas. – 9º. Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

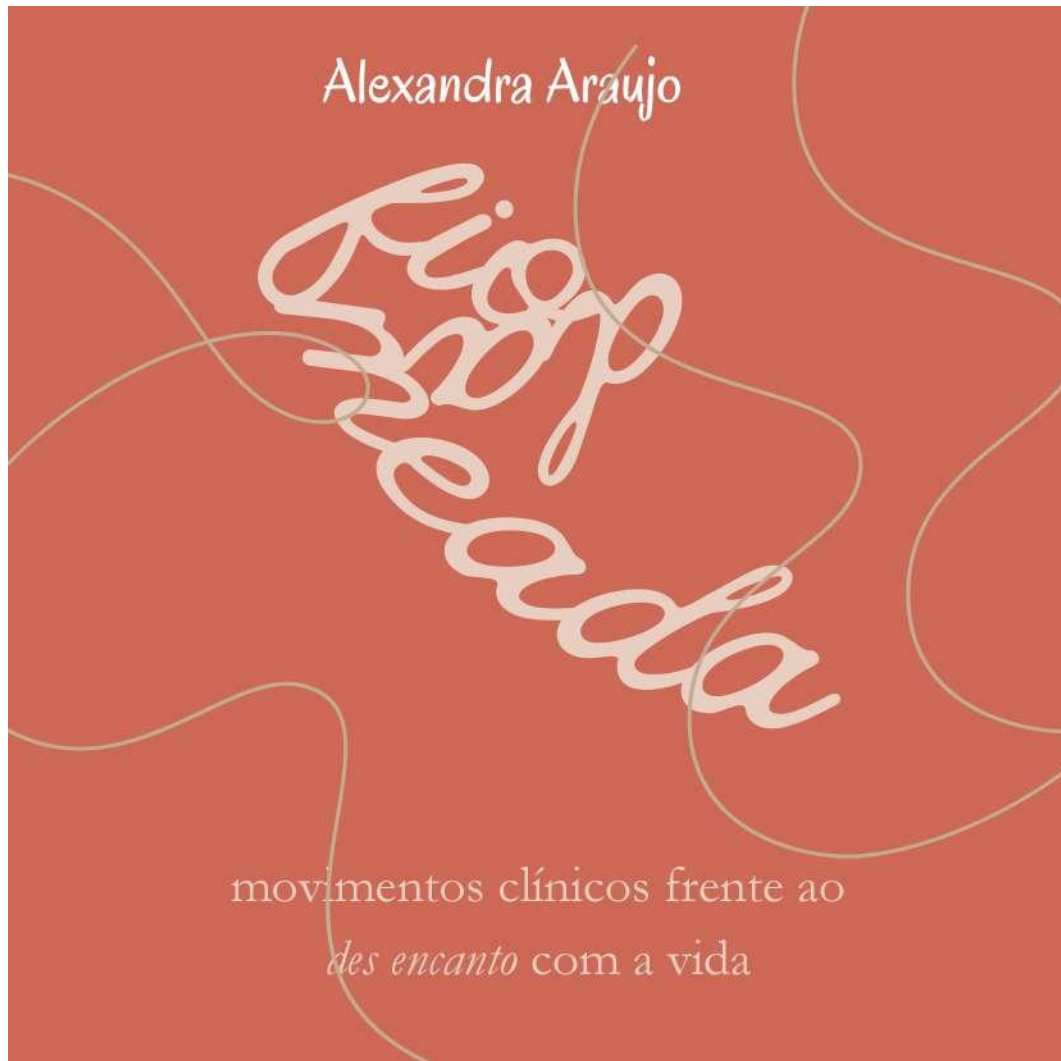
PRANDI, Reginaldo. **Aimó**, uma viagem pelo mundo dos orixás/ Reginaldo Prandi. – 1ª. ed. – São Paulo: Schwarcz, 2017.

ROCHA, Priscila Gomes; LIMA, Deyseane Maria Araújo. **Suicídio**: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo. Psicol. clin., Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p. 323-344, ago. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652019000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 jul. 2023. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438V0031N02A06>.

World Health Organization. **Suicide**. World Health Organization, <https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/suicide> (2021, accessed 25 July 2023).

VAZ, Raphael do Amaral; VAZ, Wagner de Menezes. **O processo de individuação dos estudantes universitários como manejo do comportamento suicida.** *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del-Rei , v. 14, n. 4, p. 1-12, dez. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000400015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 jul. 2023.

APÊNDICE A – PRODUTO TÉCNICO





UNISC
UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA


Programa de Pós-Graduação em Psicologia
**Mestrado Profissional
em Psicologia**
UNISC

CIP - Catalogação na Publicação

Araujo, Alexandra
Fio da meada: Movimentos clínicos frente ao desencanto com a vida / Alexandra Araujo. — 2025.
74 f. : il. ; 14 cm.

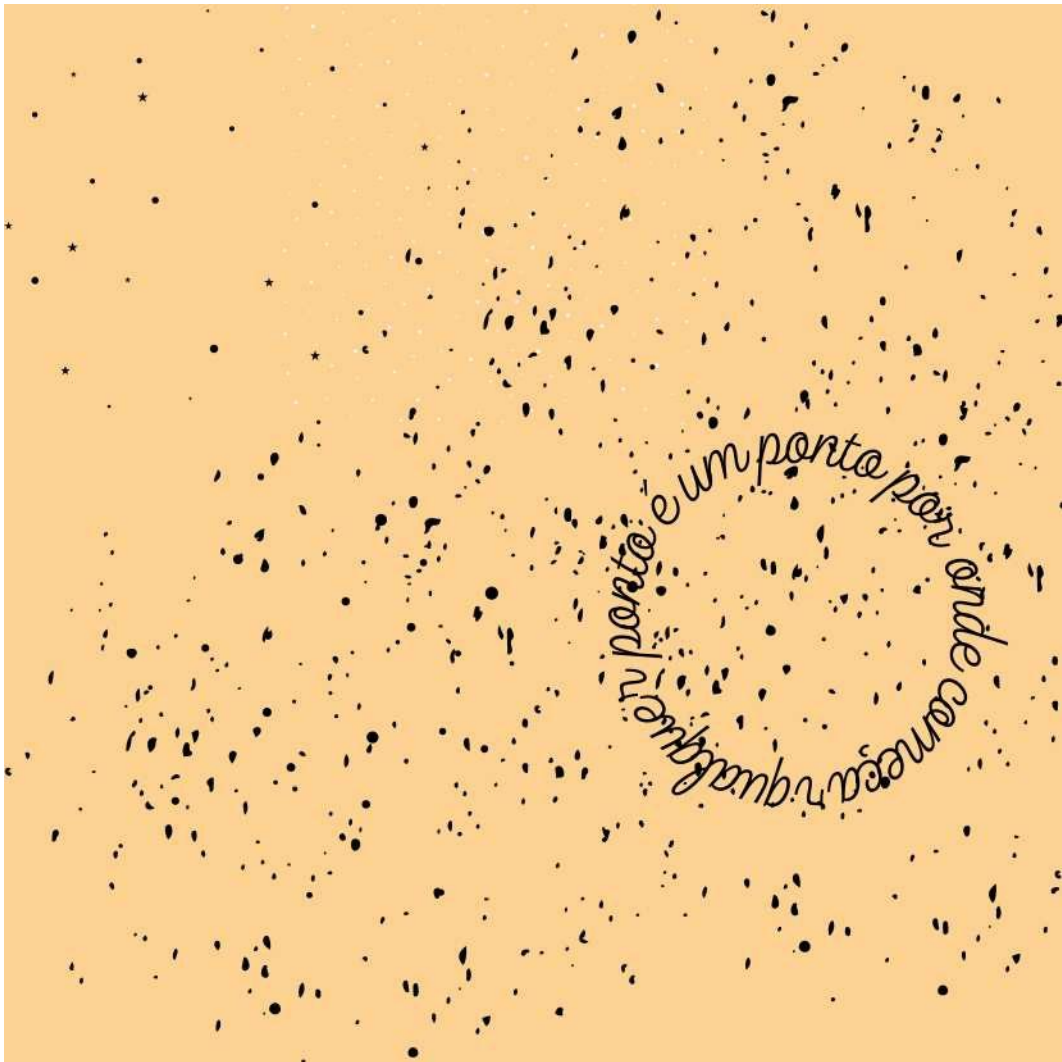
Dissertação (Mestrado Profissional em Psicologia) –
Universidade de Santa Cruz do Sul, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Jerjo Silva.

1. Psicologia. 2. Formação profissional. 3. psicologia
clínica. 4. suicídio. 5. sentidos de vida. I. Silva, Jerjo. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

toda diagramação, edição das imagens e manipulação dos elementos gráficos foi feita pela autora através da ferramenta canva.com.







Definir o que as coisas são sempre foi como tentar capturar o vento nas mãos, ao menos para mim.....

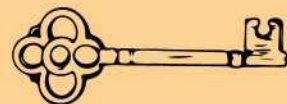
.....há sempre mais...

Limita-se ao dizer o que é; está pronto, acabado. Como encapsular o infinito em palavras, finito.

Trancar uma porta que deveria permanecer *entre aberta*.

Prefiro começar dizendo o que esse livro não é.

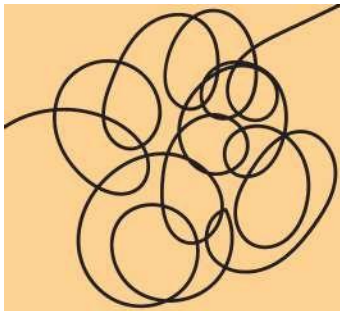
Ou até pode ser....abrindo assim uma encruzilhada de ideias.



Este livro não é um manual. Manuais dizem o que é e como se faz, como se utilizam os eletrodomésticos, os carros, regras de funcionamento básico para operar um determinado ofício estipulado. Regras não temos.

Foi feito para ser manuseado, pensado, dialogado, lido, re lido, compartilhado, daí o sentido manu (mão), pode entrar.

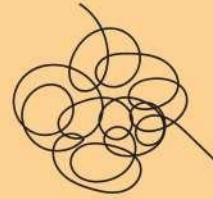




Nem tampouco guia, ou protocolo, mas
posso dizer de onde ele veio,
abrindo
possibilidades

amplas e diversas,

como a vida de cada
um.



Veio como parte final do trabalho de mestrado
- produto técnico. Poderia até problematizar o
termo - produto, mas não vou. Então sim, é um
produto, algo produzido, por muitas mãos,
muitas vivências, muitos olhares e histórias;
chegou aqui através das minhas.

Então, qual técnica será desenvolvida a partir
dele? Qual é a técnica para o trabalho clínico
psicoterapêutico com quem está em
des encanto
com a vida?

Gosto do verbo, ampliar, talvez aí seja algo que
possa mostrar como ponto de partida;

a m p l i a r escutas, olhares,
diálogos. Mobilizar pensamentos,
palavras,

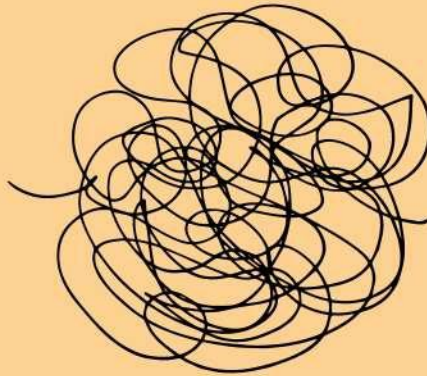
desenhos, composições ou o que mais vier.

Penso em movimento,
livro vivo,
dinâmico, com inícios

e aberturas.



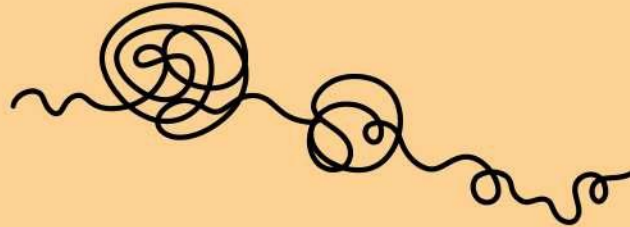
Com o principal instrumento que utilizamos
na clínica,
nós mesmos no encontro com o outro.



Para que nós pensemos.
Elaborando internamente formas de escutar e
dialogar face a face com a dor.
Estamos diante do outro a partir de nós,
disso não temos como fugir.
Somente estando apropriados de nossas próprias
fragilidades poderemos nos aproximar
verdadeiramente da fragilidade do outro.

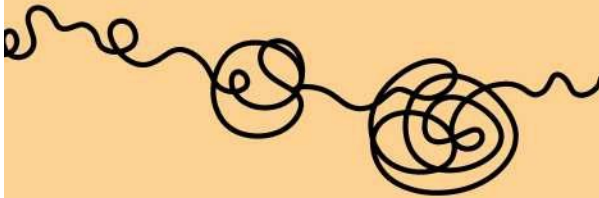
Nessa dinâmica relacional está a proposta desse
trabalho.



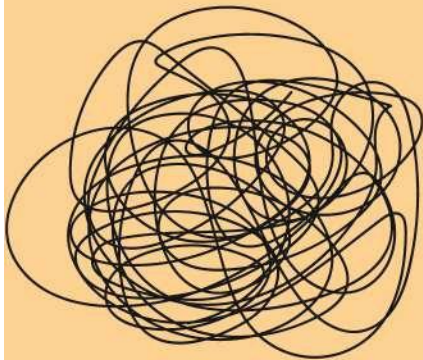


Trago perguntas, falas, impressões, diálogos,
desenhos, como forma de ilustrar parte do meu
próprio percurso.

Tencionando mobilizar o subjetivo e o criativo
em cada um que se sentir tocado, convidado
por essa forma de trabalhar.



É para todos, mas principalmente para quem
escuta a dor de existir, e do desistir.
“Ouvido treinado também sangra”,
ouvi certa vez,
é verdade.

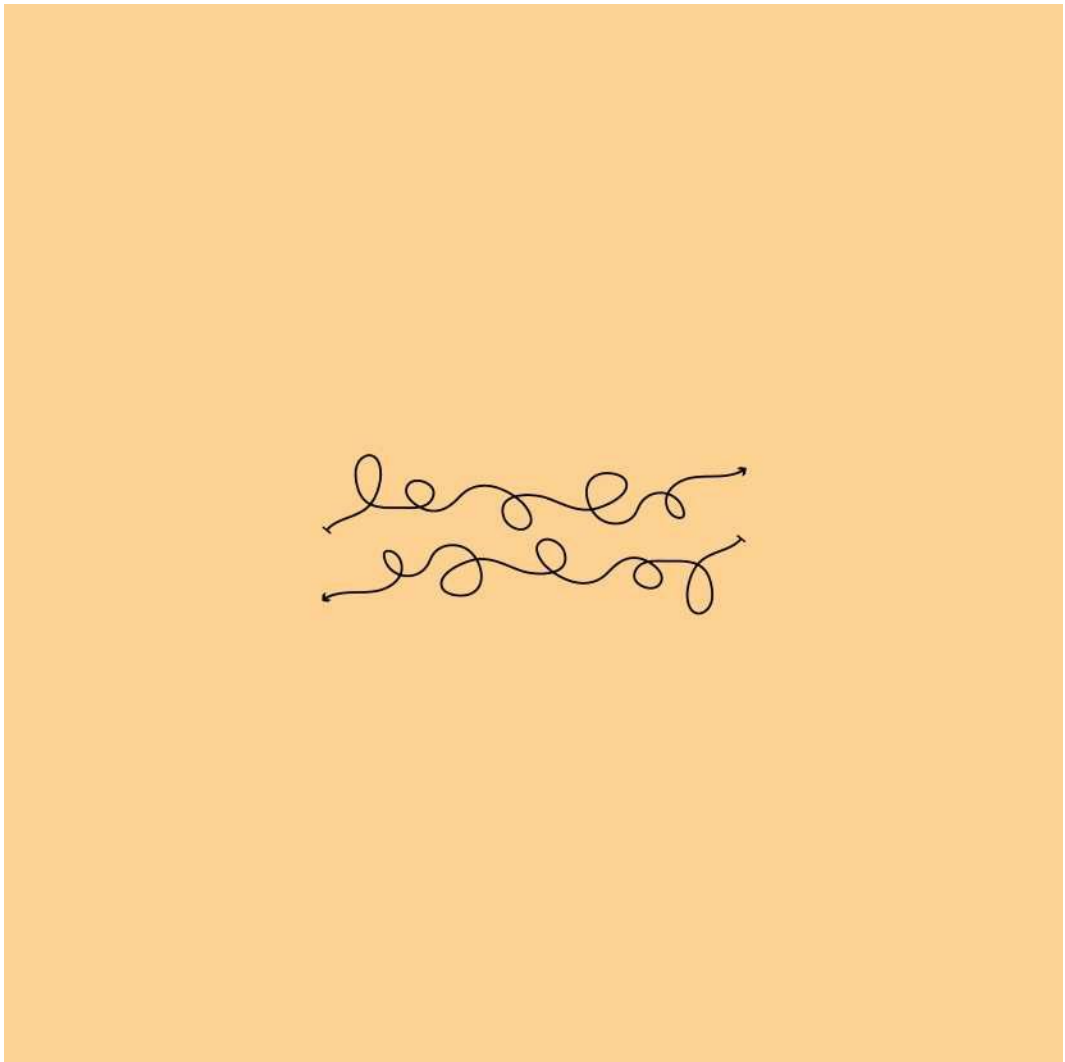


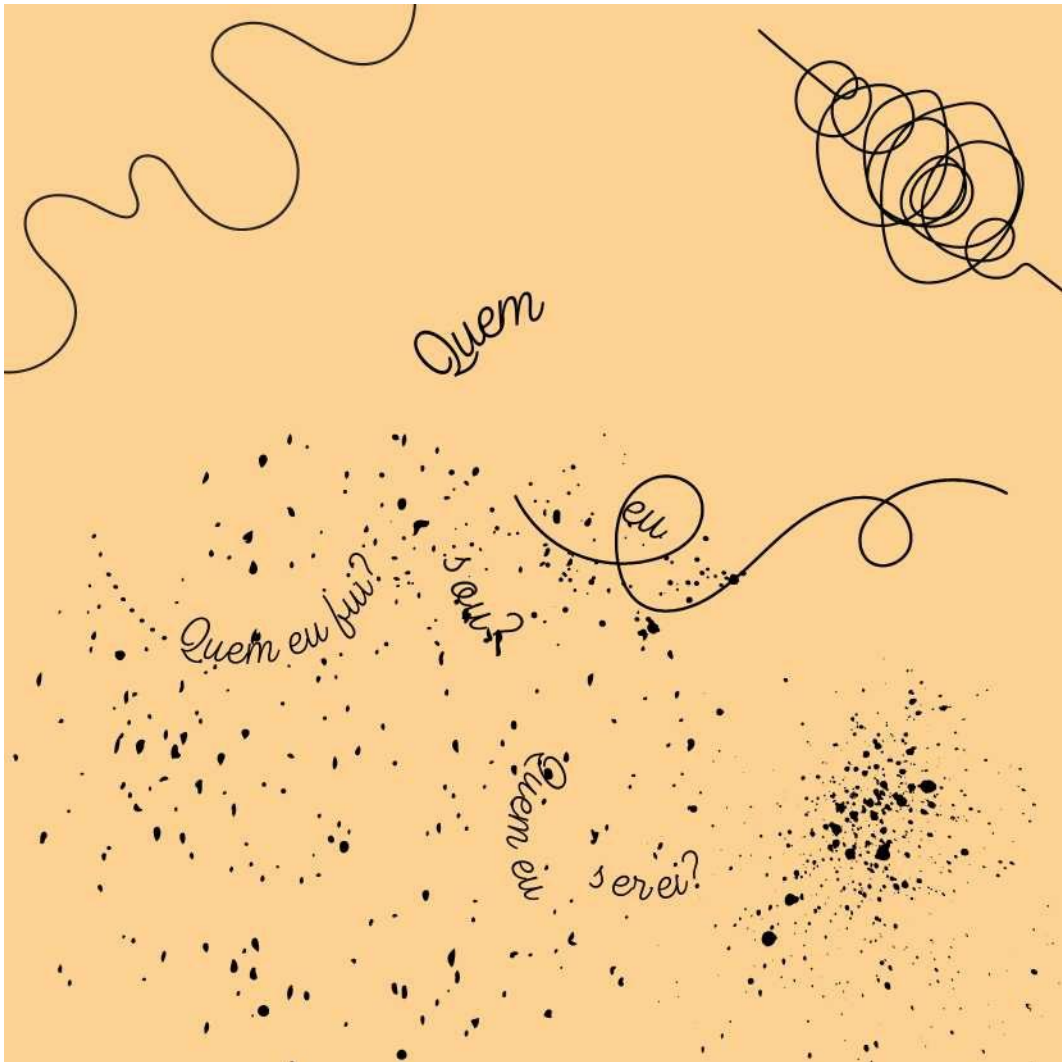
Saber que construções são possíveis,
que há muitos caminhos,
ampara.

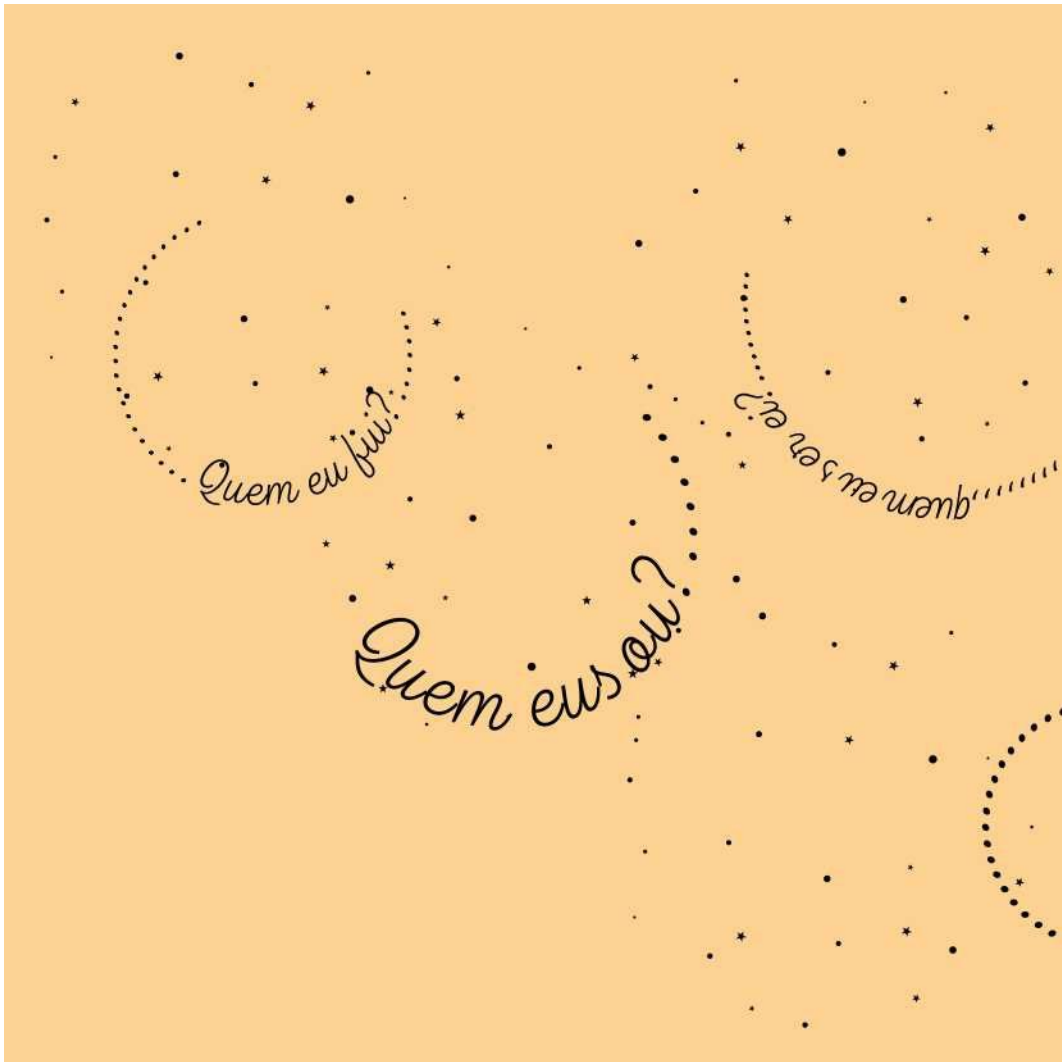
Ver que alguém capinou alguma trilha e dá
para usar sapatos,
lanternas,
ainda que exista a possibilidade de tropeços,
arranhões,
encontrar cobras,
lagartos e aranhas no percurso.

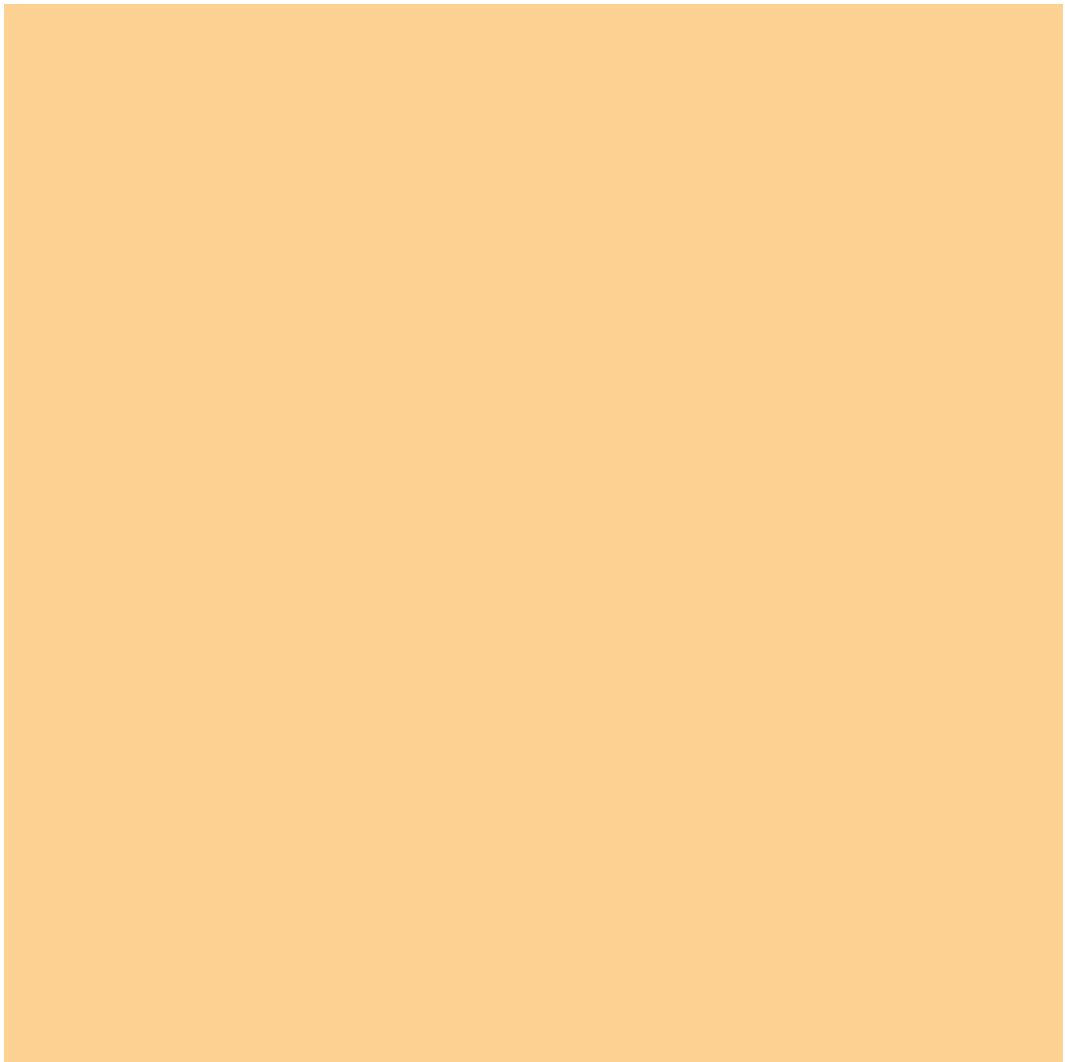






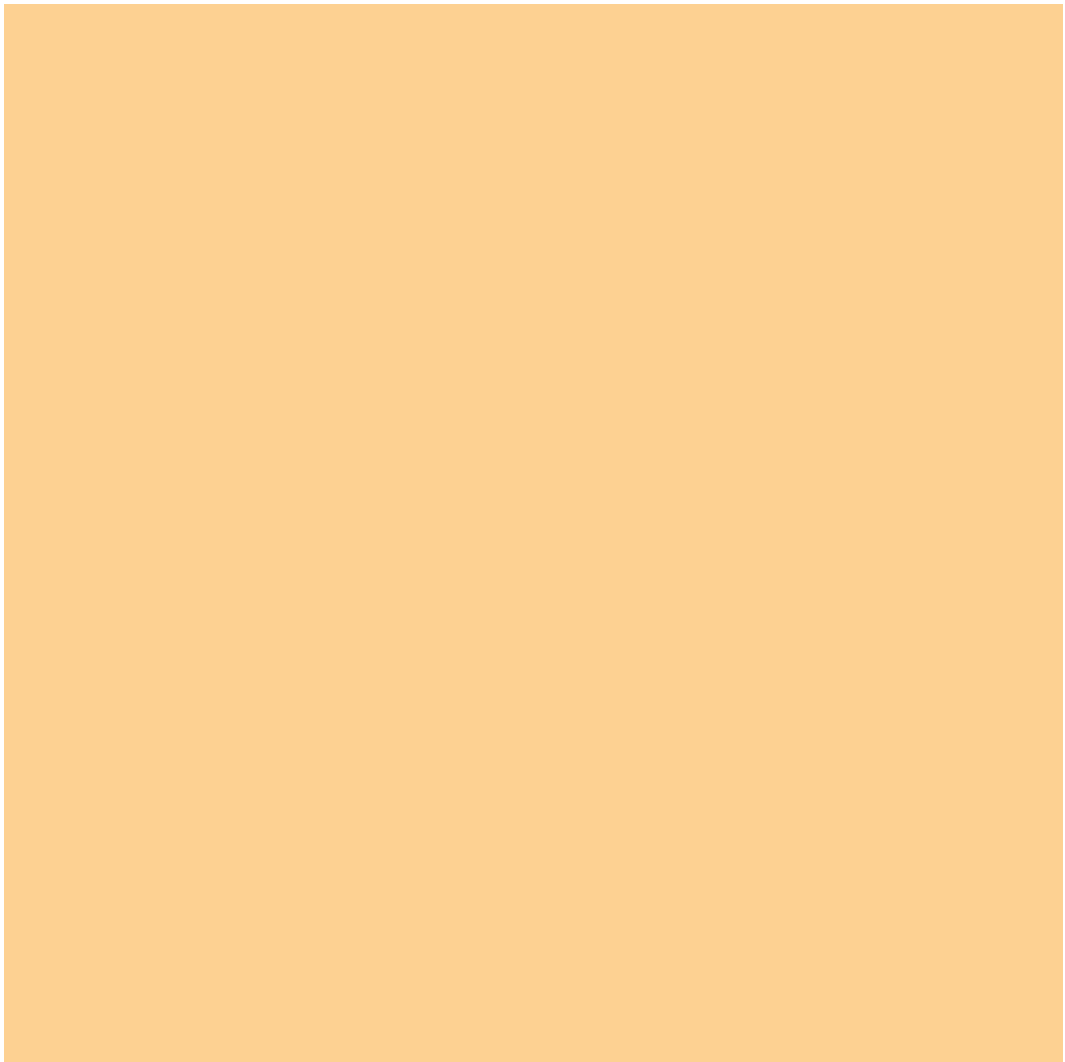


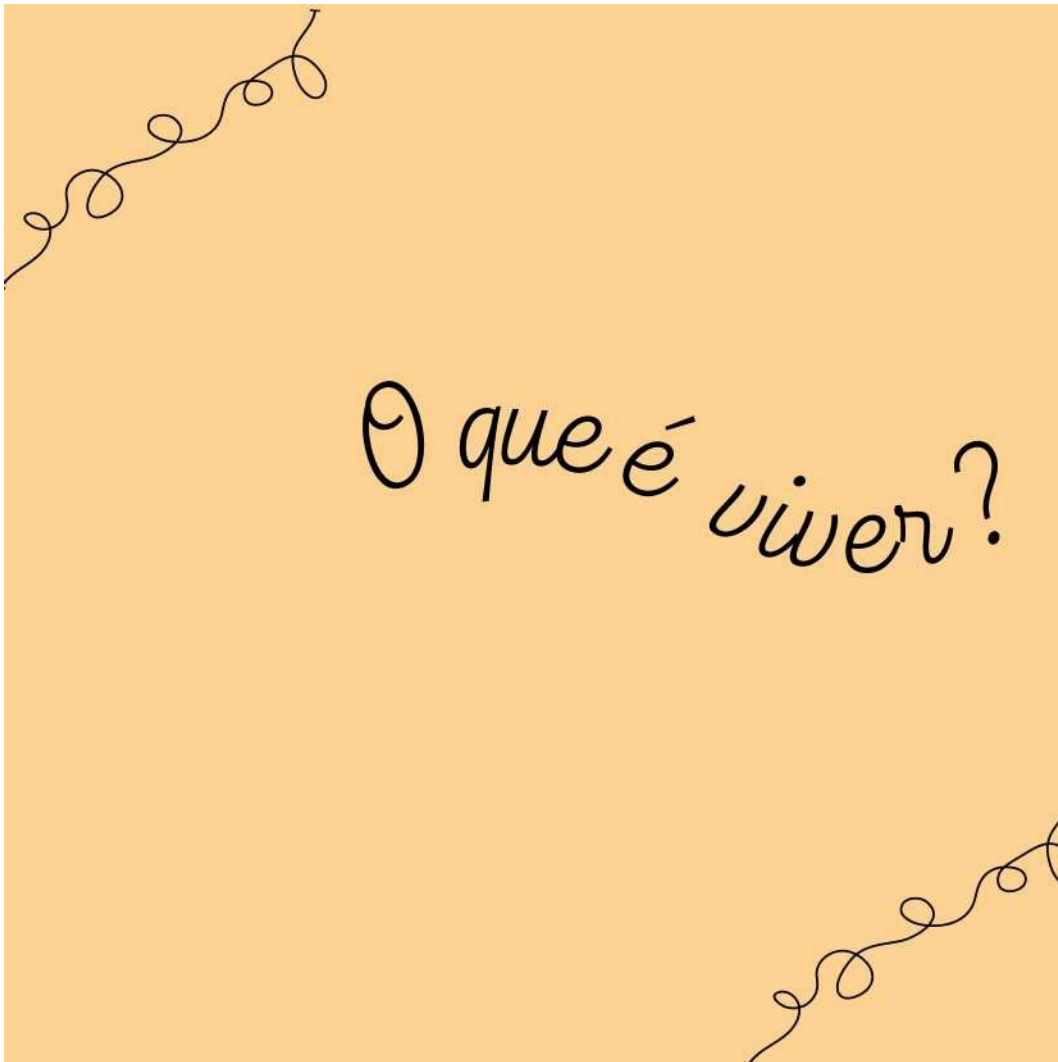


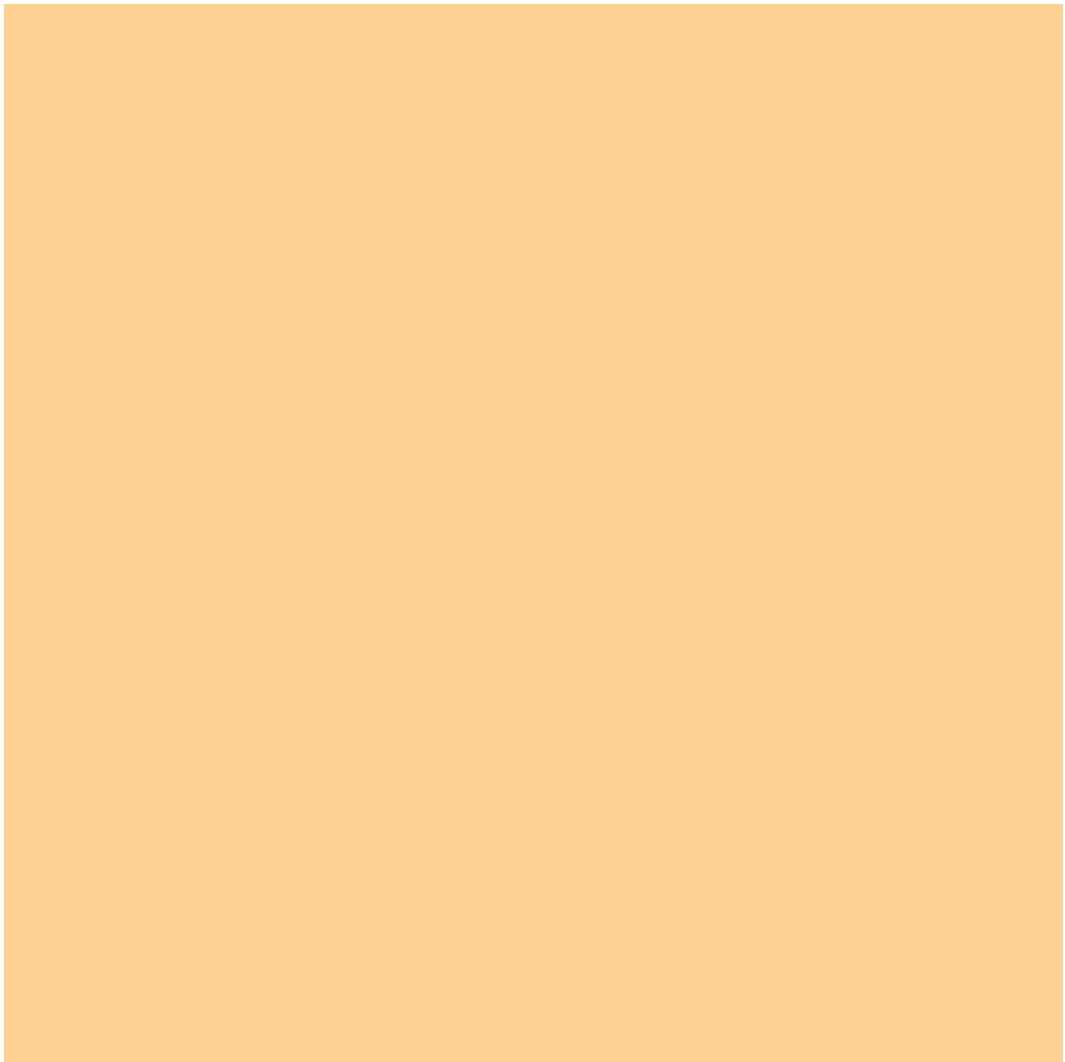




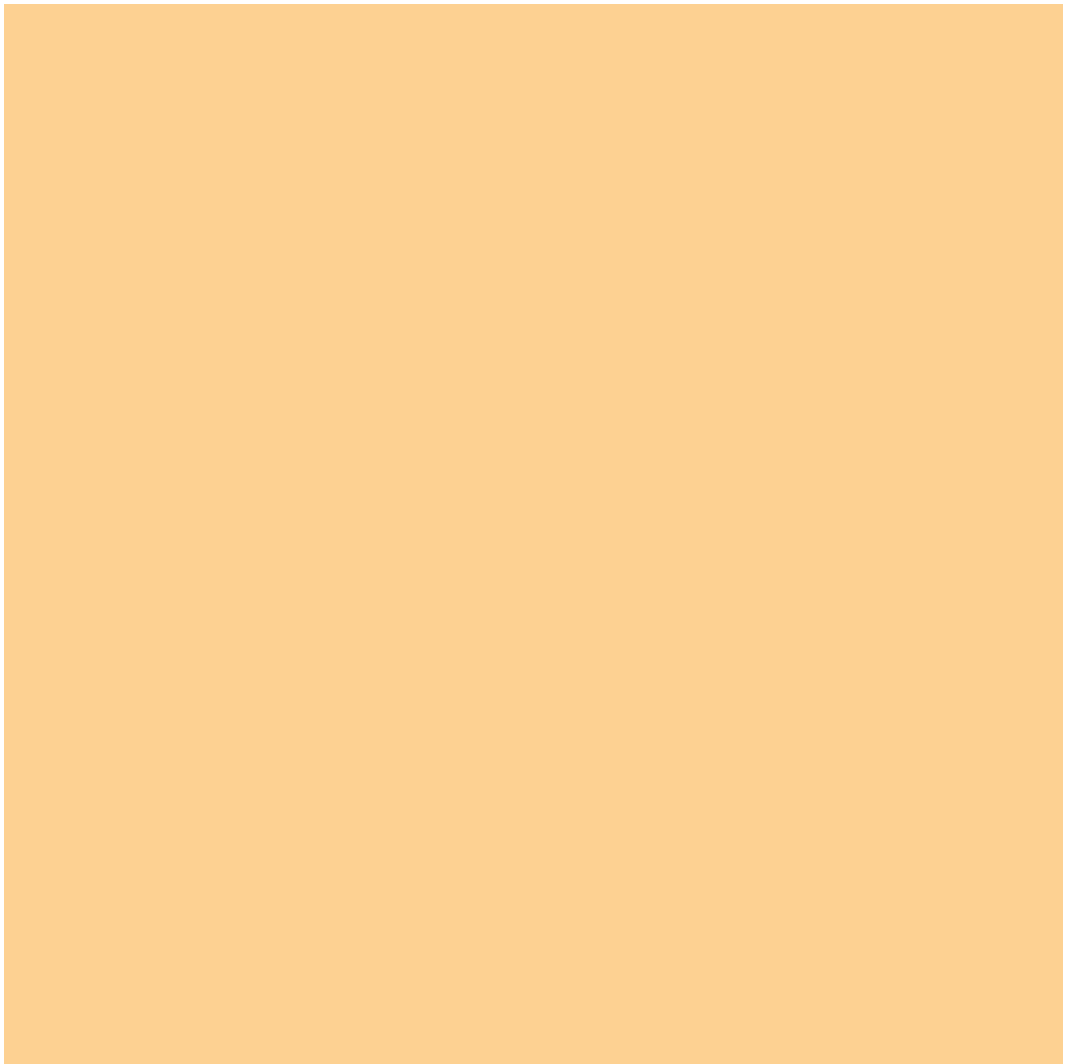
O que é a vida?

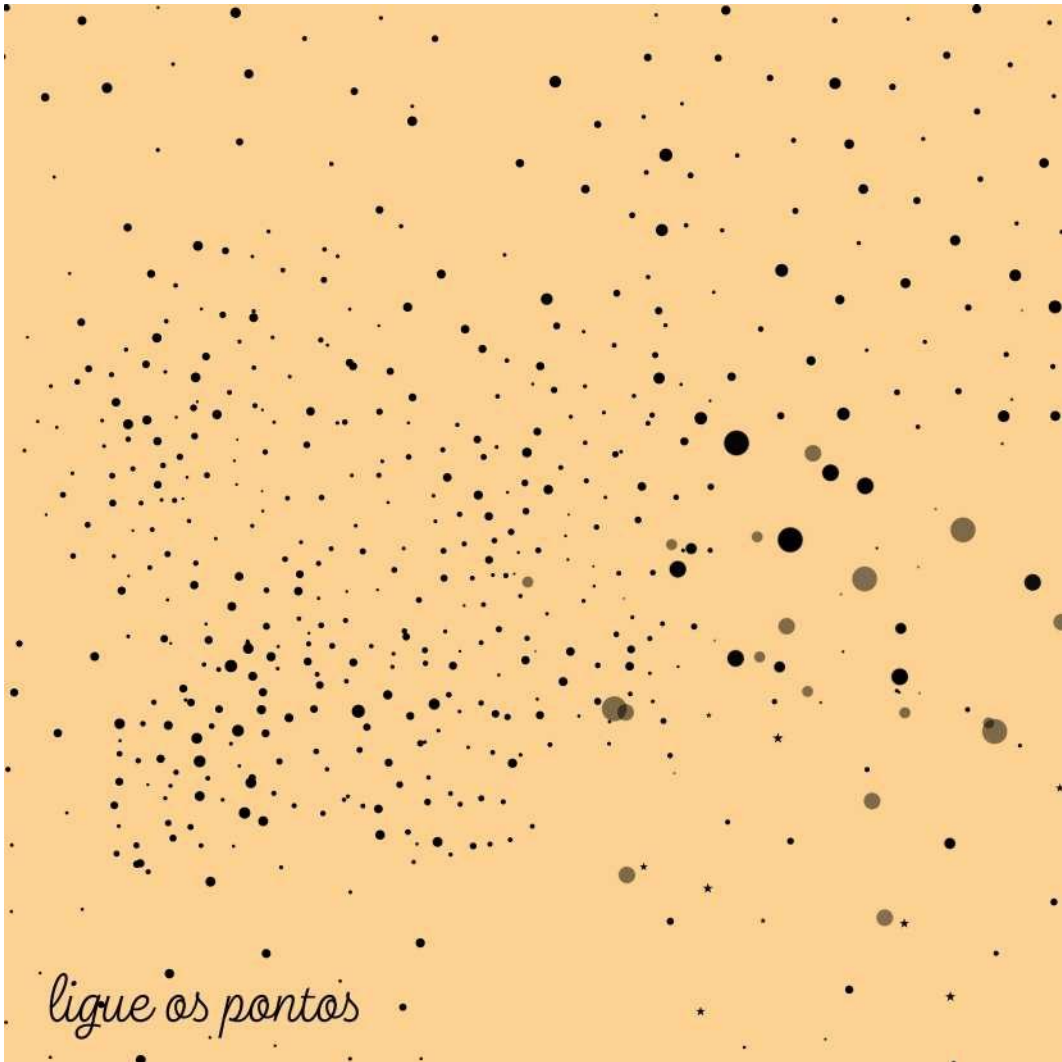


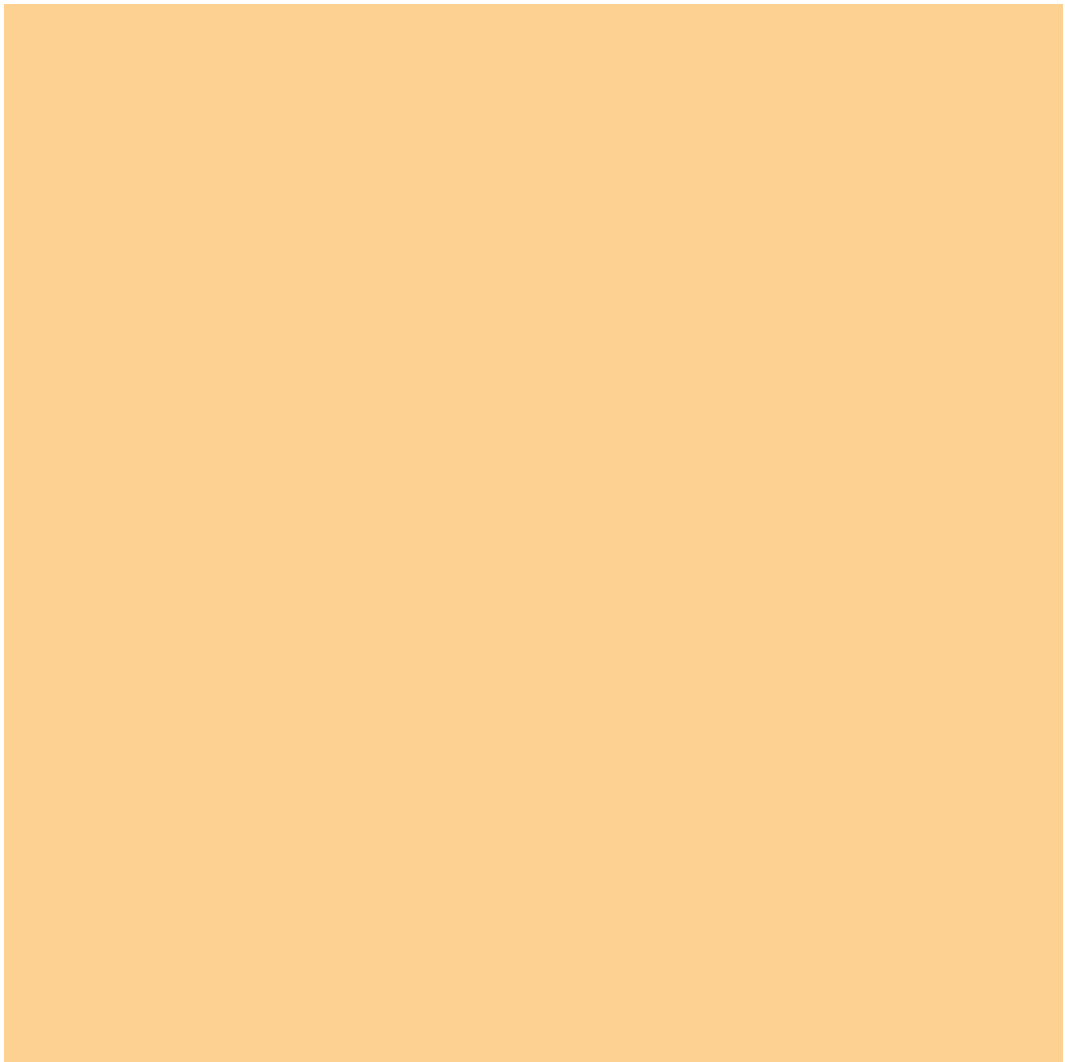


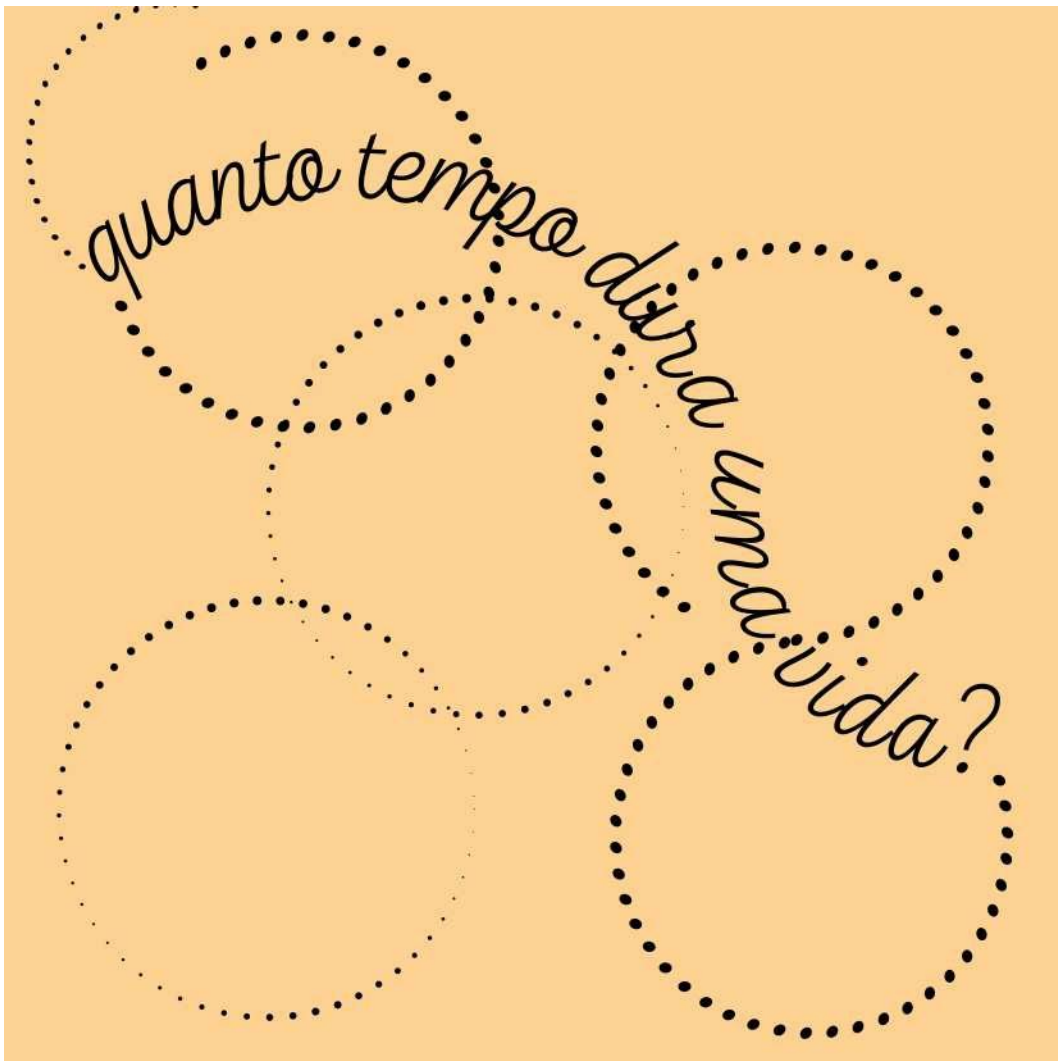


Para que se viva?
Para que vivan?







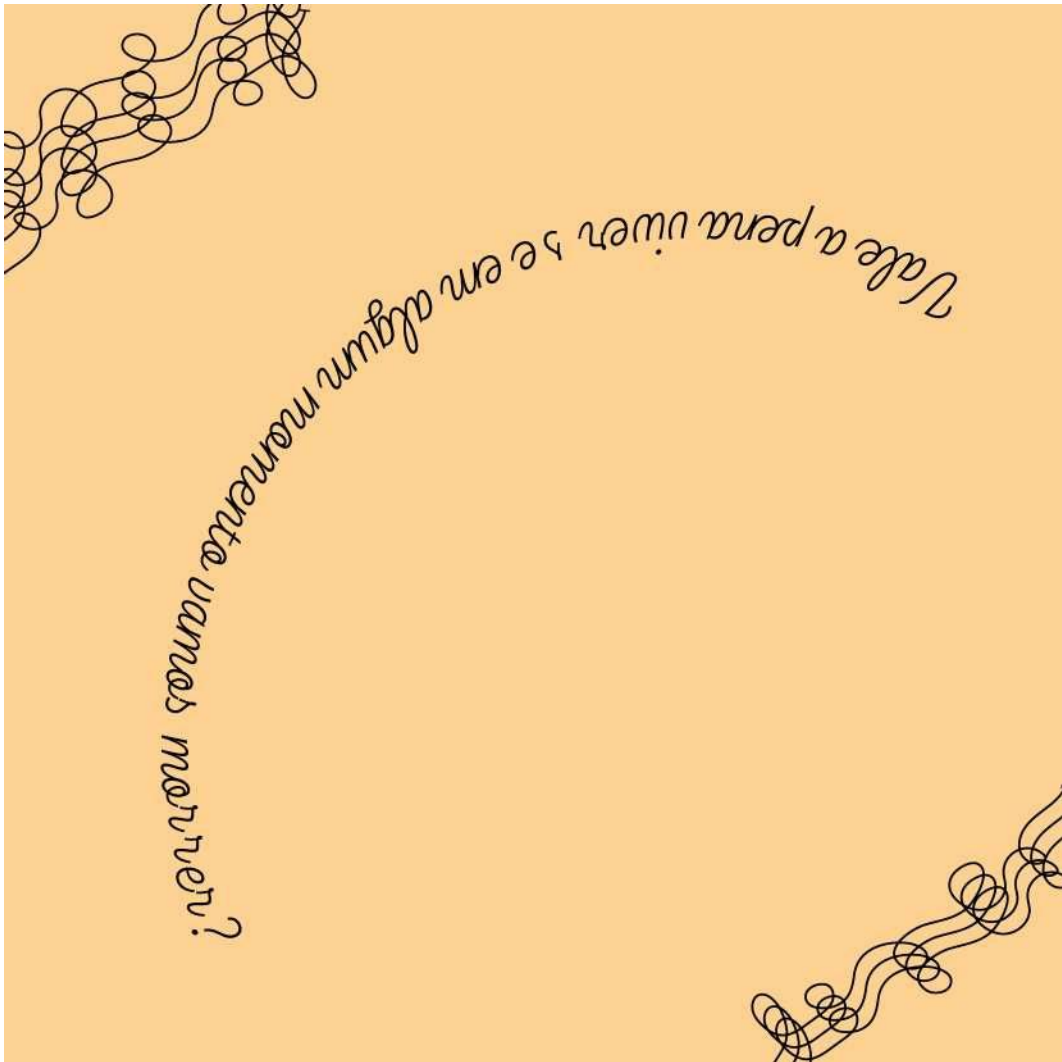




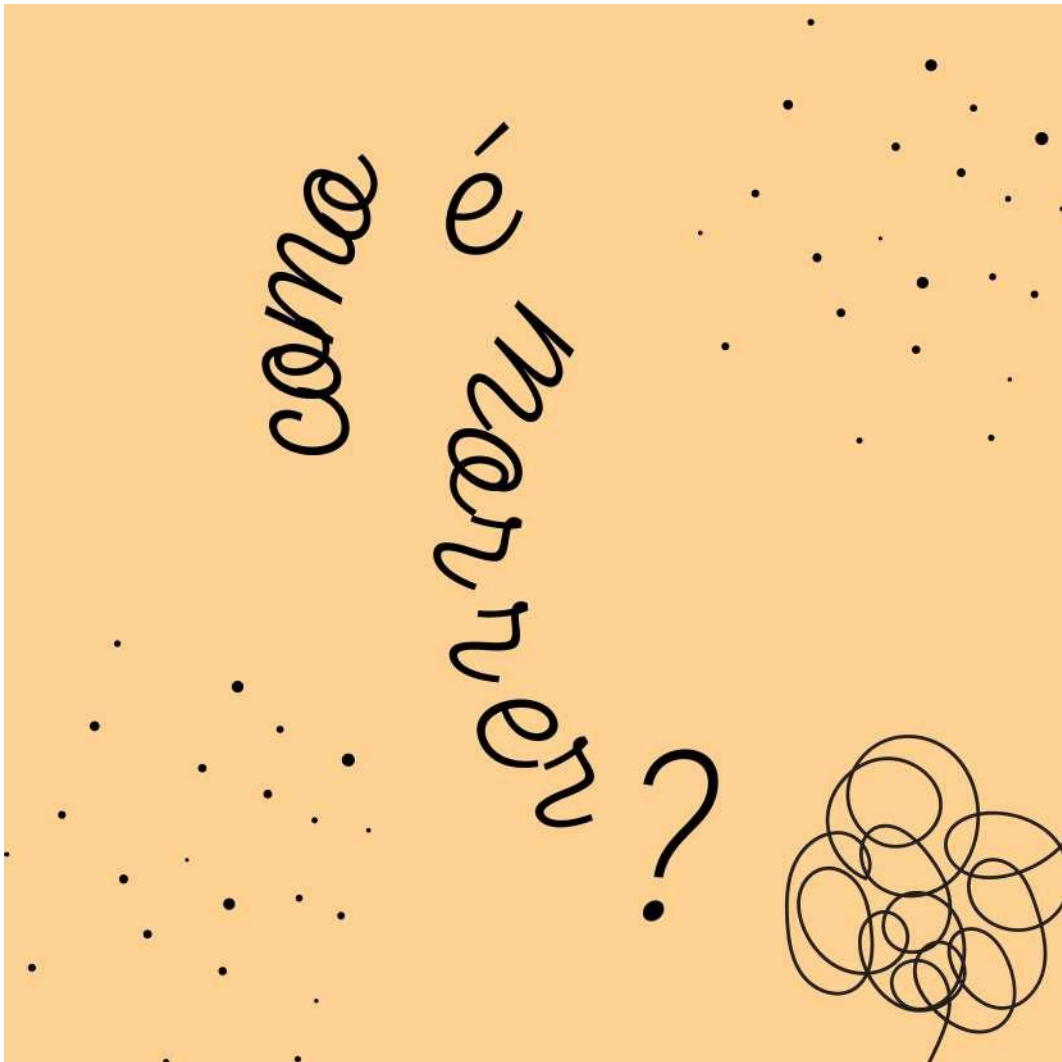


O que é a morte?



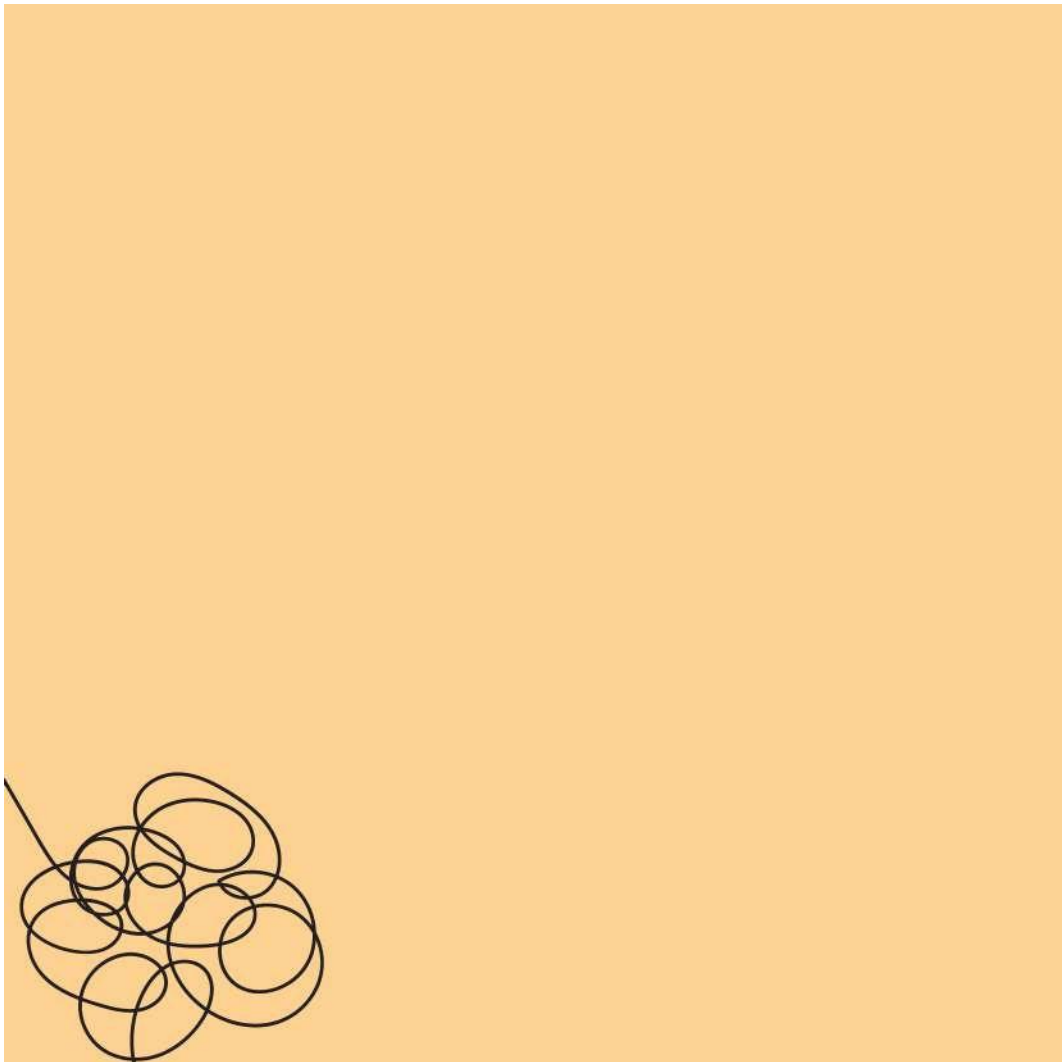






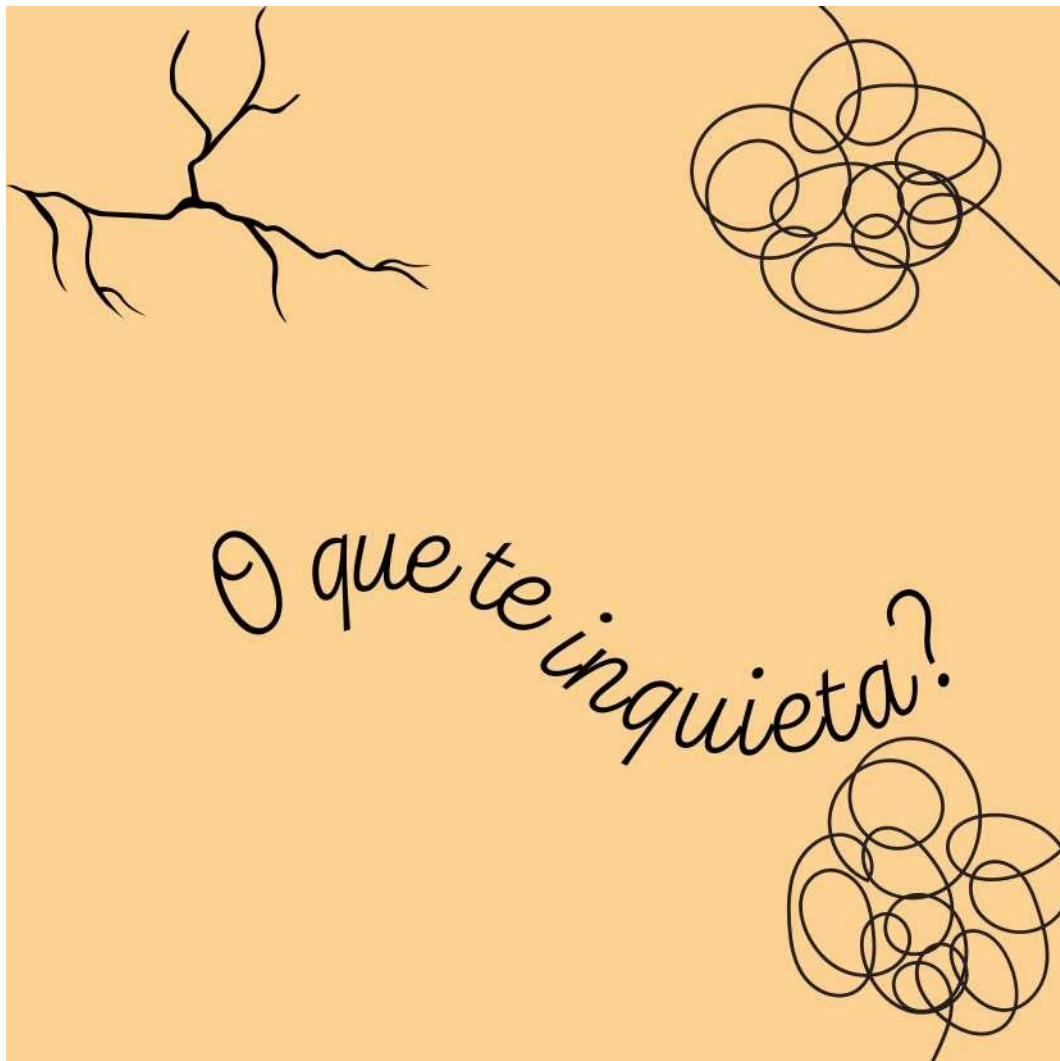




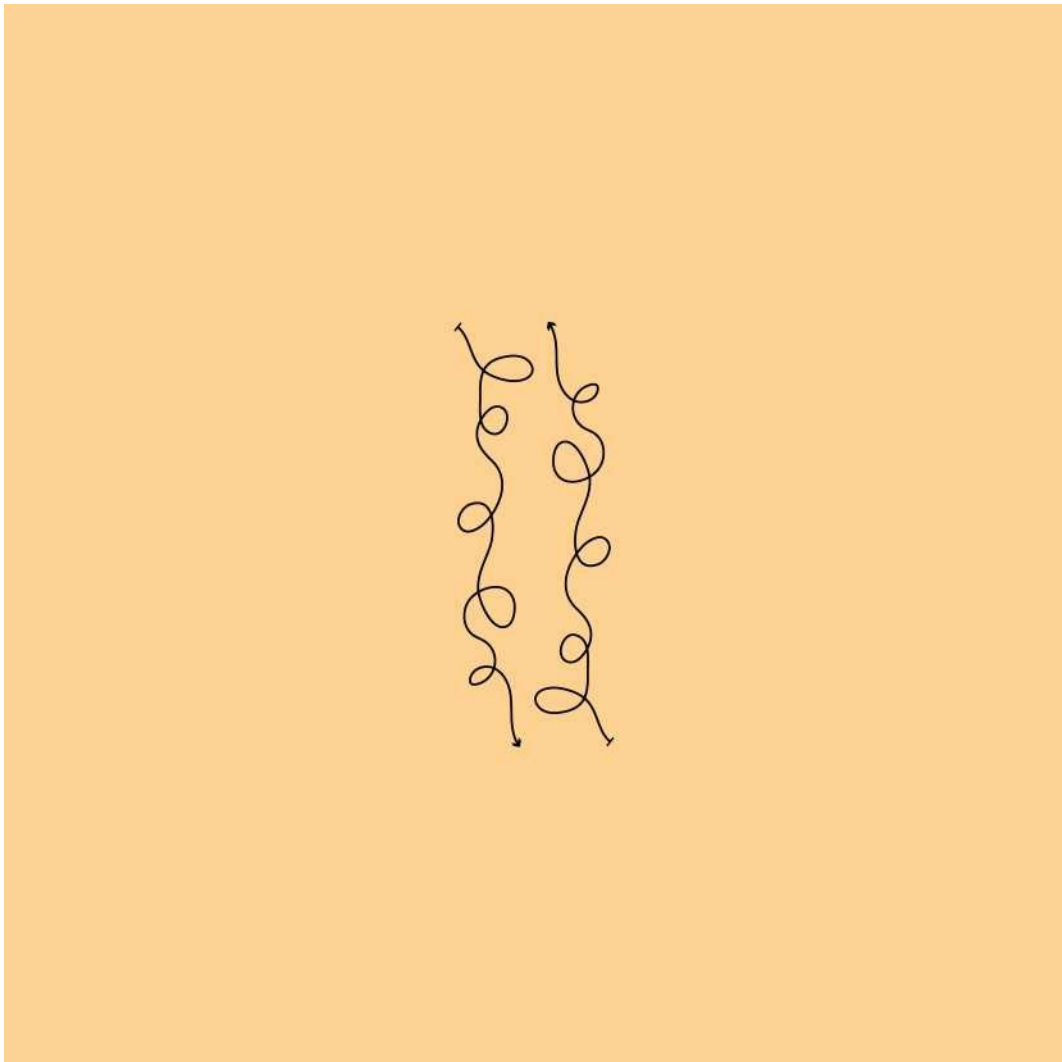




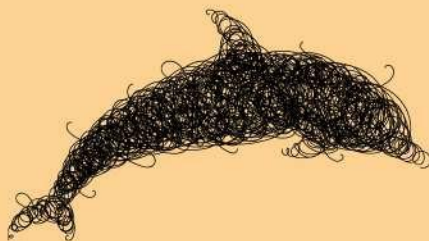






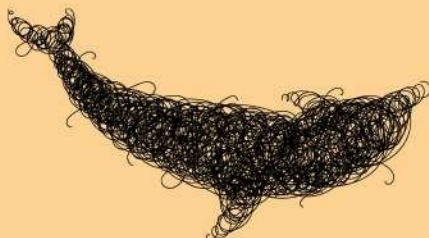




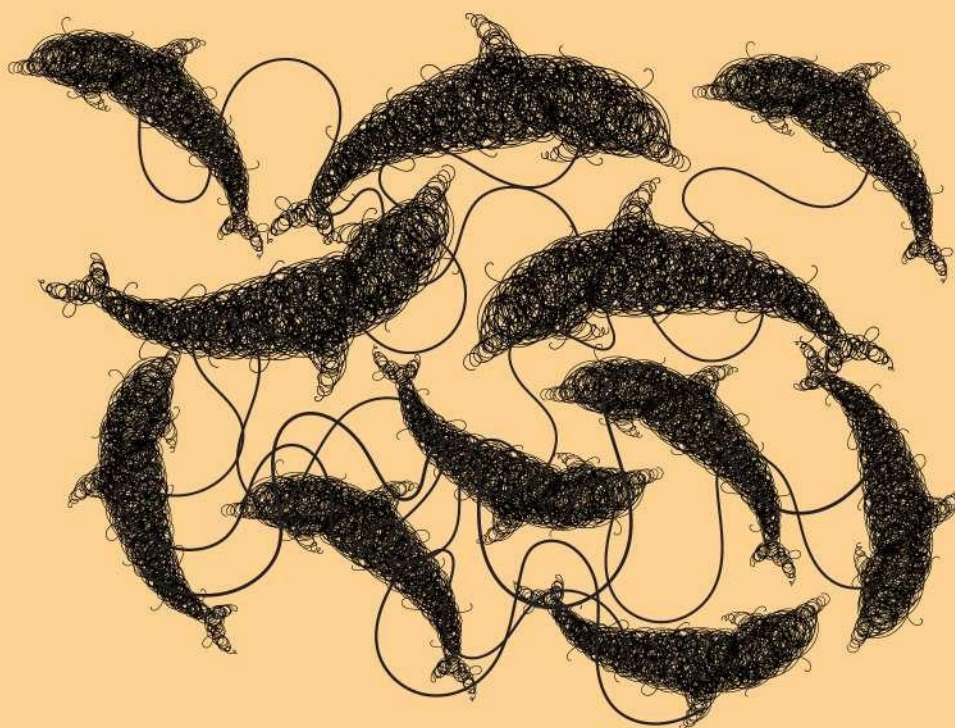


*“De alguma forma a gente não se reconhece
assim dentro desse espaço se a gente não
estiver conectado.*

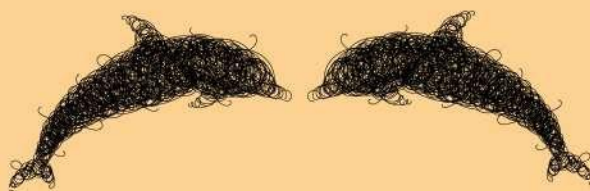
A gente precisa do outro.” (Nemo)



“Porque é difícil, ninguém quer falar sobre isso. Todo mundo tem medo, tem medo de que se falar vai provocar algo, não sei o quê. Não é assim que funciona. A gente pode pensar. Ninguém me provocou a nada. Quanto mais sozinho eu estava, mais forte crescia a vontade de fazer. Então é o contrário. É o contrário, justamente isso. É o contrário.” (Nemo)

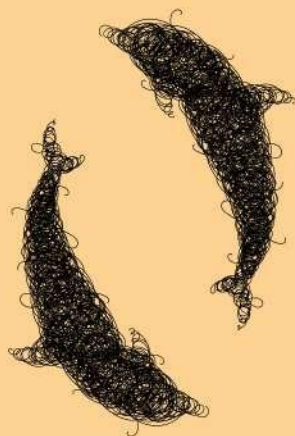


“Coletivizar esses sentimentos para entender que a gente pertence a algo.” (Nemo)

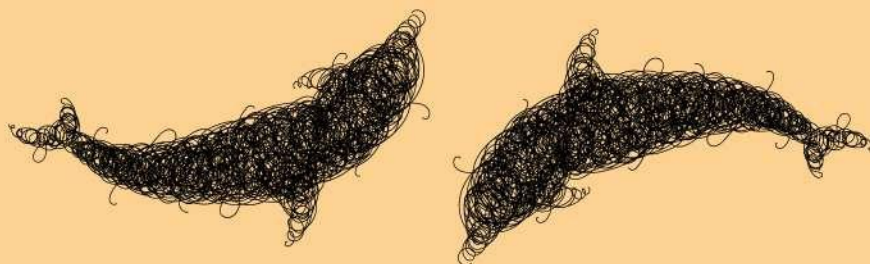


*“E os afetos não se trocam,
se compartilham.”*

*(Bispo dos Santos, p. 36,
2023)*

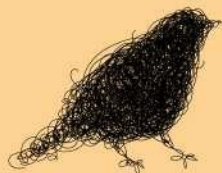


“toda rua tem uma saída, que tudo na vida tem uma rua, tipo um cemitério tem uma rua. Tudo tem uma viela, uma rua que, mesmo uma rua sem saída, ela tem uma saída, só tu dar a volta e sair dela. Toda dor tem uma saída, porque basta tu dar a volta na rua e sair pelo ponto que entrou”.(Nemo)



"A morte é maior que a vida, mas a vida também é maior que a morte." (Nemo)





“Eu não fazia diferença naquele mundo.

Por que eu estava viva?

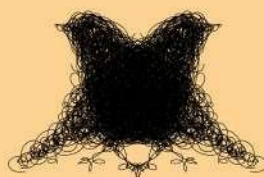
Para que eu estava viva?”

(Alice)



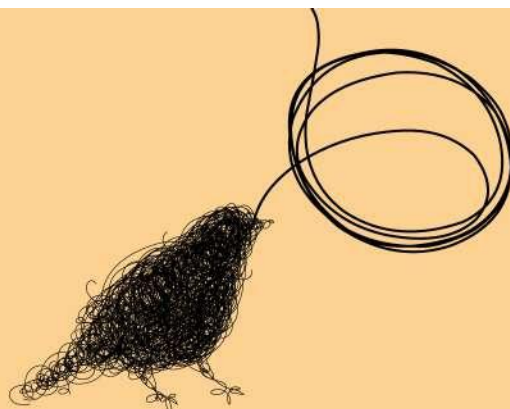
“e eu vejo que ali pela primeira vez eu me senti amada, simplesmente por ser quem eu sou, porque era assim que meu papagaio me amava, ele sabia que eu era chata” (Alice)

“as pessoas se abrigam umas nas outras”
(Mãe, p.30,2021)



"Tinha algo divino e poderoso seja ele lá Deus ou qualquer nome que seja. Mas tem algo muito maior, muito superior. É uma força realmente muito grande, sabe? É difícil de descrever, porque foi algo muito... muito impactante." (Alice)





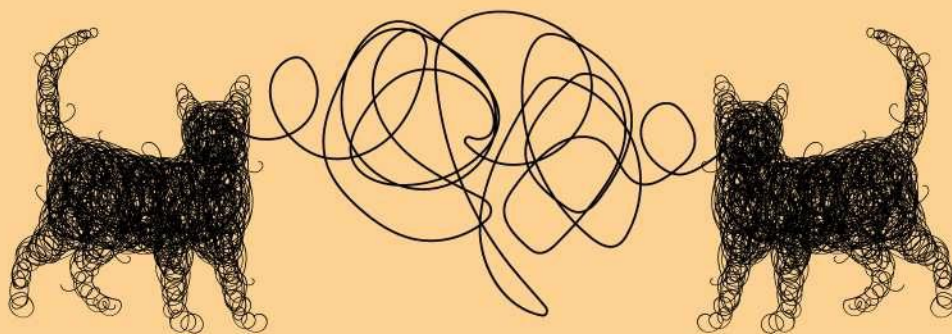
“Então essa é a minha história, a minha vida estava diferente da história de outras pessoas. E isso precisava ficar muito claro pra mim, o que é a minha história.” (Alice)

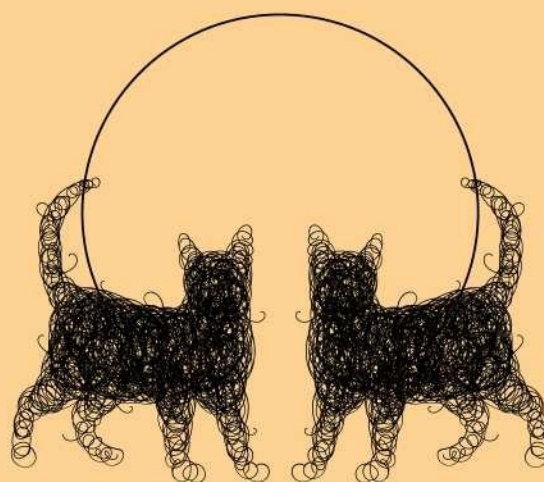


“Eu gosto bastante de contar essa história. Para conseguir lidar com ela, porque por muito tempo, assim, não foi fácil de lidar.” (Mariana)



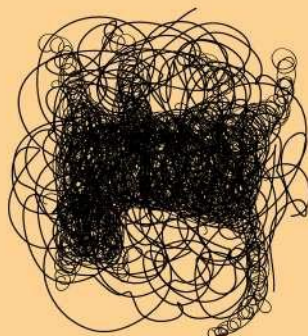
“mas o principal insight que eu tive é que é muito louco esse exercício de contar a própria história da forma que quiser, porque tu começa a se olhar de outra forma, sabe? E a cada investigação eu encontro um novo fio que me liga” (Mariana)



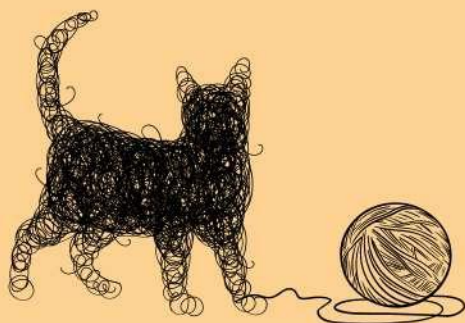


*“falar é existir absolutamente para o outro”
(Fanon, p. 31, 2020)*

“realmente funciona, é uma estratégia, quando tem um monte de linha inosada, se você se concentra em um fio, é muito mais fácil de você conseguir resolver, porque você às vezes olha e pensa, cara, tem que cortar, não tem o que fazer aqui. Mas tem como.” (Mariana)



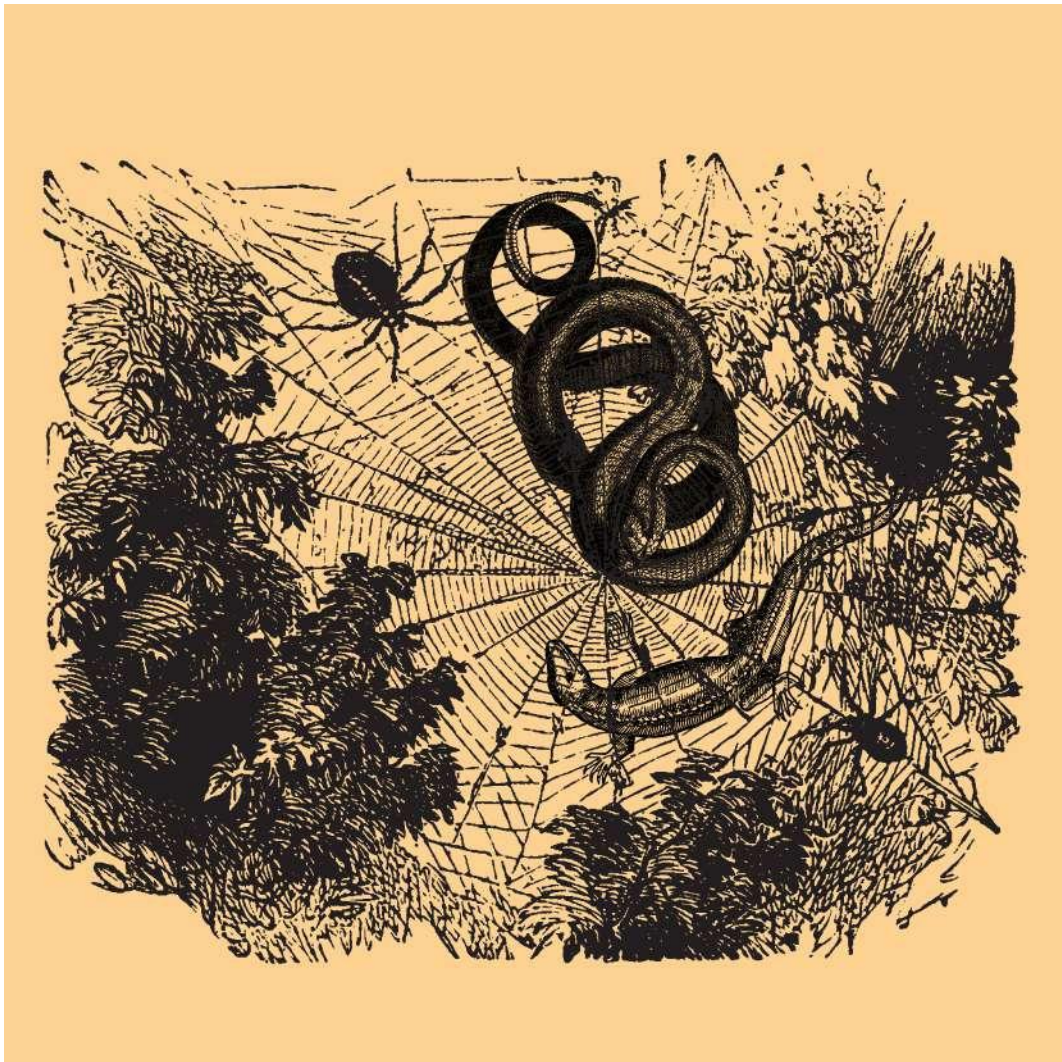
"E aí, usando essa metáfora, eu acho que eu tava com o fio errado. Eu tava, assim, focando num fio que não tava me ajudando a desfazer o nó, sabe? E eu fui mudando, assim, a minha perspectiva desse fio, porque..." (Mariana)





Pelo avesso

mas pode chamar de sobre o livro ou concepções possíveis:






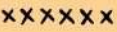



Algum bordado, não acabado, como o que aprendi a fazer durante o processo de composição. Esse é um livro didático? Pode ser. Um livro de perguntas sem respostas ou gabaritos? Que ideia mais estranha, só poderia vir dessa cabeça estranha que é a minha, cheia cheia de tantas coisas estranhas, cobras, lagartos e aranhas. Poderia ter mais cabelo, como os que já tive... e vivem caindo pelos caminhos... decidiram cair, sem autorização prévia, e caem muito. No lugar deles, brotaram essas ideias, acadêmicas...pedagógicas, em grupos...Só me coube aceitar.

Algumas sugestões não restritivas para uso deste que apresentei. O ponto nuclear é o estímulo criativo daqueles que se propõem à escuta e formação psicoterapêutica, a m p l i a r, é a palavra proposta, com carinho, cuidado e delicadeza. Pode ser usado como exercício prático na clínica psicológica, pode. Pode ser usado com disparador em grupos, oficinas e trabalhos integrativos, pode. Dinâmica pedagógica em grupos escolares e/ou empresariais, pode. Como um jogo, pode. Não gostaria que virasse uma lista de perguntas, ordenadas, duras, engessadas e amarradas, formando nós impossíveis de serem tecidos, costurados, quem sabe um macramê, pode?

Temos nossos avessos, a vida é assim. Nesse emaranhado pode acontecer uma infinidade de coisas, muitas produções. Olhando pra formação profissional em psicologia "devemos pensar em uma educação para a morte no geral. A morte faz parte da vida e pensar na morte, pensar no sofrimento decorrido dela, é pensar na vida" (Silva, 2013). Como psicóloga clínica me considero uma escutadora de histórias, uma escuta dor a. Ou uma escuta a dor. Escutar é verbo, "classe de palavras que, do ponto de vista semântico, contêm as noções de ação, processo ou estado, e, do ponto de vista sintático, exercem a função de núcleo do predicado das sentenças" (Oxford University Press, 2024). Há um cruzamento entre o que é dito (em suas mais diversas formas narrativas), o que se escuta, e a interseção, encontro de duas linhas ou de dois planos que se cortam; cruzamento (Oxford languages). Se pensarmos numa encruzilhada, cruzamento, temos tanto o centro como encontro, ponto de inter seção, como a ampliação de caminhos possíveis. Logo, tanto união como possibilidade de expansão. O próprio sinal da cruz é um signo, também, de adição. Podendo assim, metaforizar a escuta profissional, clínica ou não, num lugar de potencialização de criação de caminhos. Com uma proposta teórica de abordagem que transgressora da lógica colonial onde o signo da cruz edifica o projeto dominatório, praticando-a como campo de possibilidades (Simas & Rufino, 2018).

Às vezes, também, contadora de histórias, conta dor a, conto as dores. Não só, mas também. E essas dores que conto, re conto, contabilizo, dou conta ou não, ressonam por vezes com quem as escuta. E, inter agem por si, numa mágica humana, a tal criatividade, potência infinita e natural. Nas palavras de Jung, "o homem é distintivamente dotado de capacidade de criar coisas novas no verdadeiro sentido da palavra", e ainda designa, "a força criativa como sendo um fator psíquico de natureza semelhante a do instinto" (Jung, p. 54, 2009). Vimos com esse app (referência aos aplicativos de smartphones atuais) em nosso sistema original, no entanto, algumas vezes ocorre um bloqueio e demoramos a descobrir a senha...



Agradecimentos mil



As sementes não surgiram do nada, acho que ando virando jardineira também, além de costureira e cozinheira, ah sim, também sou mãe, psicóloga, filha, amiga, irmã e mais algumas outras coisas, provavelmente.

Catei sementes de muitos lugares. Nessa busca direcionei o olhar para baixo, para dentro, jardinagem e plantio se fazem na terra. Vida é corpo, corpo é feito de comida, não há comida sem plantio (Bispo, 2023). Qual a terra mais fértil? Quem busca a vida precisa revolver, adubar, capinar, podar.

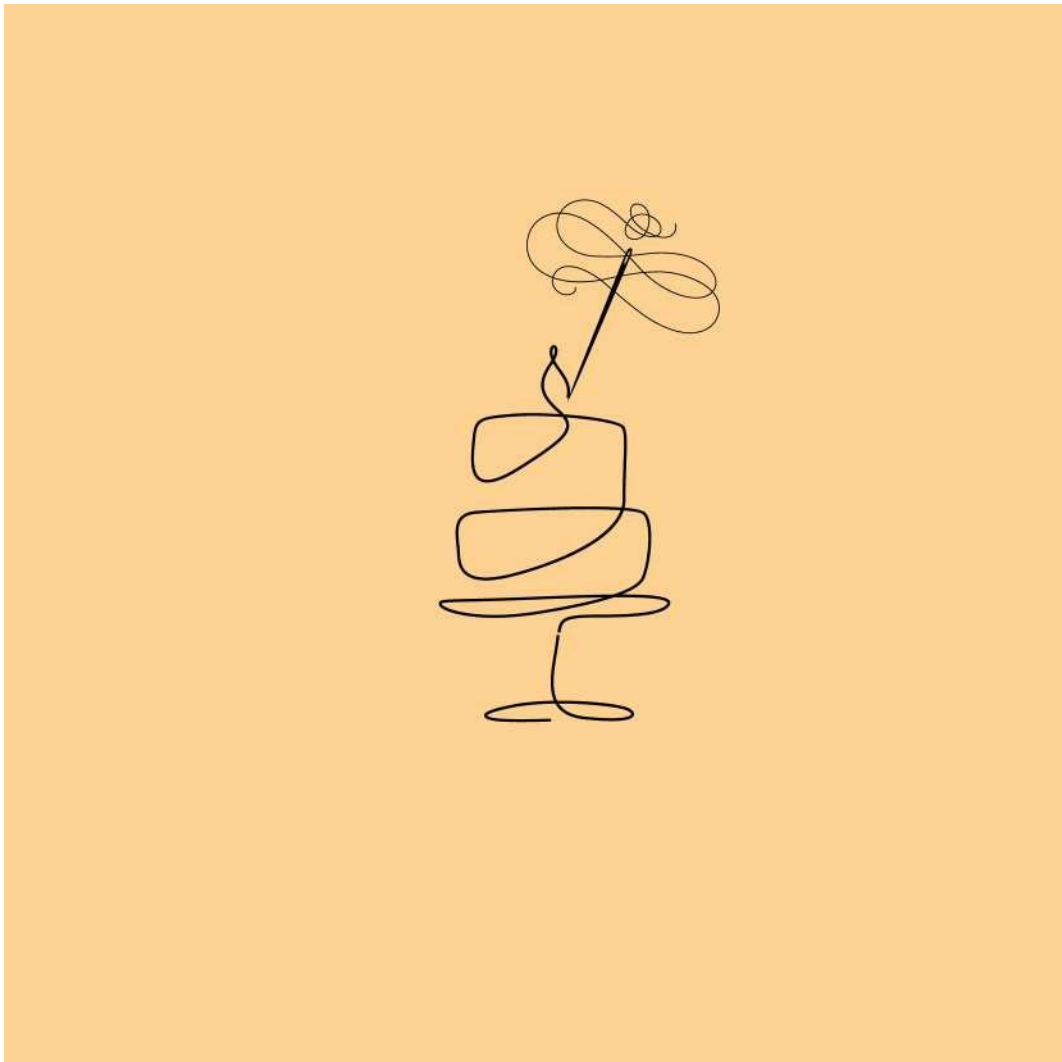
As perguntas vieram de livros, de aulas, de atendimentos, de vivências. As aulas em cooperação internacional com o prof. Tassat sobre a América Profunda e nossas raízes estão aqui representadas de muitas formas. Já peço desculpas àqueles que não mencionei diretamente em agradecimento. Teria que escrever uma enciclopédia inteira só para isso. Não apareceu livro por geração espontânea, nem obra e graça divina, ou talvez seja (não quero encrenca com as divindades, certeza de que teve mão deles também). Difícil até dizer que é meu, é nosso como tudo. Mas eu trouxe aqui à minha maneira, do meu jeito atual. Coloco alguns dos que estão por agora, nas referências temos mais nomes de árvores de onde colhi.

Também tenho meus fios emaranhados. Meus nós que demoram por desembolar. Por vezes consigo costurar algumas coisas, esperando que sirvam a mais alguém além de mim mesma. Sigo querendo conexão e fazer coisas bonitas. Gosto de fazer, gosto de aprender; tem gosto bom.

Assim sendo, alguns nomes a quem agradecer por existirem, por estarem, por terem cruzado meus caminhos, pelas risadas, pelas lágrimas, por toda generosidade, por me agüentarem tantas vezes embolando e desembolando.

Vou tentar seguir o fio e não perder a meada. Por ordem alfabética não de importância, não saberia mensurar e dar o justo crédito: Alice, Ana Luisa Teixeira de Menezes, Clarisse Ivo, Fabio Araujo, Fabiana Araujo, Jerto Cardoso da Silva, Maria Clara Araujo, Mariana, Nemo, Pedro Araujo Barreto, Prof. Tassat (Pepe). Toda a equipe do PPGPsi da Unisc. Minhas 3 mães (que estão do lado de lá).





Referências:



Bispo, Antonio dos Santos (2023). *A terra dá a terra quer* (1a. ed.). Ubu Editora.

Fanon, Frantz (2020). *Pele negra, máscaras brancas* (S. Nascimento, Trad.). Ubu Editora.

Jung, Carl Gustav (2009). *A natureza da psique* (M. R. Rocha, Trad., 7ª ed.). Vozes

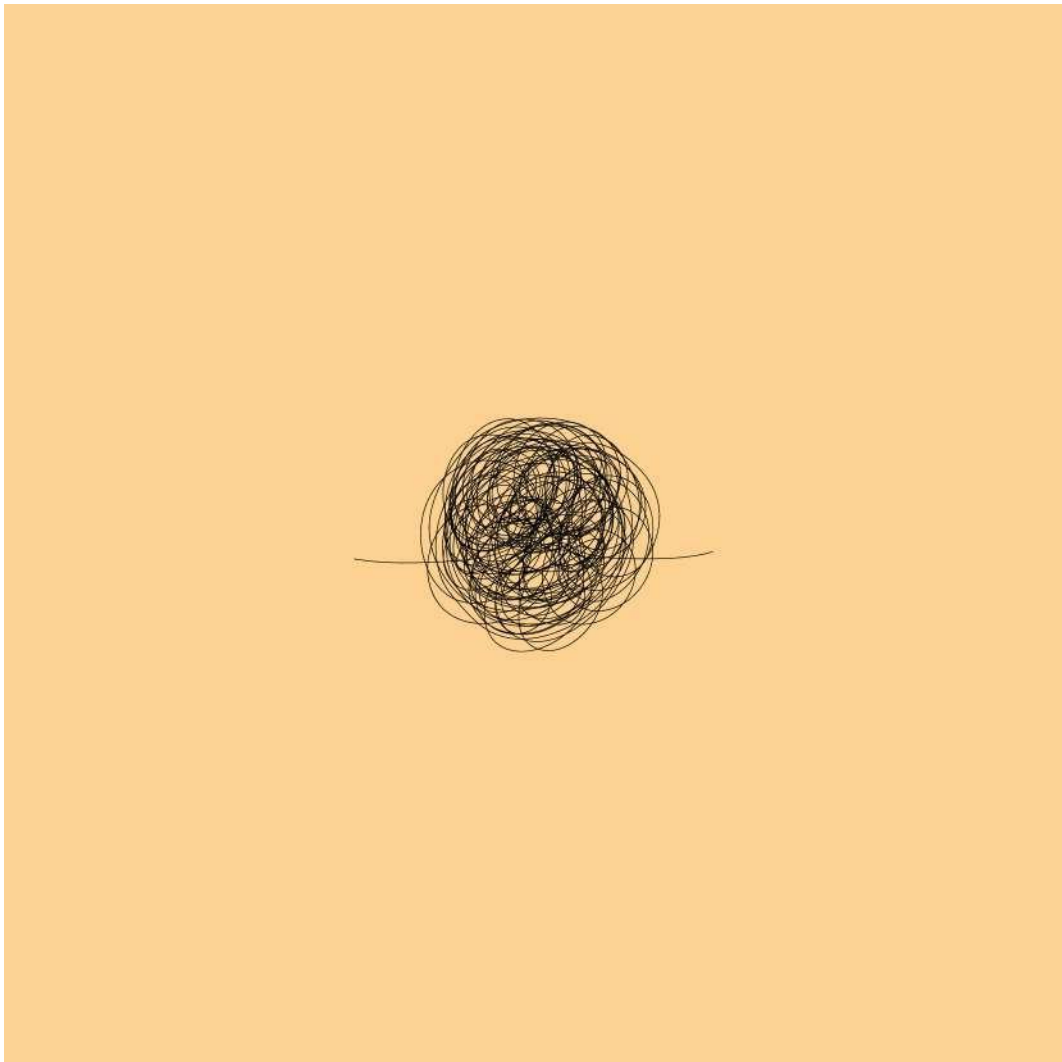
Oxford University Press. (2024). *Oxford English Dictionary* (3ª ed.). Oxford University Press. <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>

Conselho Federal de Psicologia (CFP). (2013). *O suicídio e os desafios para a psicologia*. Conselho Federal de Psicologia.

Simas, Luiz Antonio e Rufino, Luiz (2018). *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas* (1ª ed.). Mórula.

-MÃE, Valter Hugó [1971-]. *Serei sempre teu abrigo*, texto e ilustração Valter Hugó Mãe, 1ª. Ed., Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2021.







APÊNDICE B – FORMULÁRIO DE DADOS BIOSOCIODEMOGRÁFICOS

<https://forms.gle/5YbTPhGLDE1q31xC6>

Nome Fictício:

Idade:

Sexo:

Gênero:

Etnia:

Escolaridade:

Local de nascimento:

Filiação:

Estado Civil:

Tem filhos?

Sim

Não

Se tem filhos; quantos, com quem moram, qual idade?

Organização familiar (com quem mora; quantas pessoas vivem na casa)

Situação sócio econômica (se trabalha, como é a organização dos custos familiares)

APÊNDICE C – PERGUNTA CHAVE

Pode compartilhar um pouco sobre sua experiência de vida e o que trouxe até aqui?

APÊNDICE D – QUESTÕES NORTEADORAS:

- Sentimentos antes da tentativa de suicídio, no momento, nos dias e semanas seguintes;
- Mudanças percebidas na vida desde então;
- Principais desafios nesse processo;
- Jornada de reconexão com a vida após uma tentativa de suicídio.

APÊNDICE E– TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Prezado(a) senhor(a),

Você está sendo convidado/a para participar como voluntário do projeto de pesquisa intitulado “*Refazendo fios da existência: Investigação sobre significados emergentes após tentativas de suicídio em jovens universitários*”, que pretende investigar os conteúdos simbólicos da reconexão com a vida após tentativa de suicídio em jovens universitários de 18 a 29 anos, vinculado ao mestrado profissional em psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. A pesquisadora responsável por este Projeto de Pesquisa é Alexandra Araujo, que poderá ser contatado a qualquer tempo através do número 21-99238-9286 e do e-mail araujoalexandra@mx2.unisc.br.

Sua participação é possível pois você atende aos critérios de inclusão previstos na pesquisa, os quais são ser estudante universitário com idade entre 18 e 29 anos, ter tido um episódio de tentativa de suicídio. Sua participação consiste em narrar sua história de vida, em no mínimo 5 encontros, em formato de entrevistas abertas, online, realizados pela plataforma do Google Meet, realizados 1 vez por semana, com data e horário previamente agendados, com duração de 50 minutos cada, os áudios serão gravados, e guardados em pasta com senha no computador pessoal da pesquisadora, com todo cuidado para que se mantenha o sigilo e se resguarde a identidade do participante. Poderá ser solicitado algum material gráfico como desenho, pintura, ou outro, de forma livre, caso haja interesse do participante em realizá-lo. Ao finalizarmos os encontros, os áudios das entrevistas serão transcritos e discutidos entre o participante e a pesquisadora. A partir de então, a pesquisadora fará uma análise buscando identificar conteúdos no intuito de tentar responder sua questão de pesquisa.

Por ser uma pesquisa com coleta de dados de forma online, existem riscos característicos do ambiente virtual, como o hackeamento dos dados. Com o intuito de preservar a confidencialidade dos dados e a proteção e segurança dos voluntários da pesquisa, após completada a coleta, será realizado download das entrevistas gravadas para o computador pessoal da pesquisadora. Os dados serão armazenados em uma pasta protegida por senha. Os registros da plataforma Google Forms serão excluídos e migrados para a pasta com senha.

Nessa condição, é possível que alguns desconfortos de ordem emocional aconteçam como, sentimentos de angústia, ansiedade, tristeza, vergonha, medo, estresse, receio de quebra de sigilo ou identidade reveladas, dentre outros. Os riscos/desconfortos, se ocorrerem, serão minimizados da seguinte forma: O formato de escuta clínica individual, como é o caso da pesquisa relacionada, já por si proporciona um possível acolhimento psicológico necessário. Se houver necessidade, em caso de urgência e emergência, a pesquisadora se propõe a escuta interventiva pontual e emergencial, assim como o encaminhamento para atendimento médico/psicológico posterior no SUS. Por se tratar de temática sensível, será solicitado um contato de emergência de escolha pessoal do participante. Por outro lado, a sua participação trará benefícios, como a construção de uma nova narrativa subjetiva sobre a própria vida, e a

possibilidade de ajudar outras pessoas que se encontrem na mesma situação através do material gráfico que será produzido.

Para sua participação nessa pesquisa você não terá nenhuma despesa com transporte, alimentação, exames, materiais a serem utilizados ou despesas de qualquer natureza. Ao final da pesquisa você terá acesso aos resultados através da publicação do trabalho da pesquisadora sendo informado sobre sua entrega, possível publicação e demais eventos acadêmicos ligados à pesquisa.

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, _____ RG ou CPF _____ declaro que autorizo a minha participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado/a, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos que serei submetido, dos riscos, desconfortos e benefícios, assim como das alternativas às quais poderia ser submetido, todos acima listados. Ademais, declaro que, quando for o caso, autorizo a utilização de minha imagem e voz de forma gratuita pelo pesquisador, em quaisquer meios de comunicação, para fins de publicação e divulgação da pesquisa, desde que eu não possa ser identificado através desses instrumentos (imagem e voz).

Fui, igualmente, informado/a:

- a) da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- b) da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuação de meu cuidado e tratamento;
- c) da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa;
- d) do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo; ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando;
- e) da disponibilidade de tratamento médico e indenização, conforme estabelece a legislação, caso existam danos a minha saúde, diretamente causados por esta pesquisa; e,
- f) de que se existirem gastos para minha participação nessa pesquisa, esses serão absorvidos pelo orçamento da pesquisa.

O presente documento foi assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

O Comitê de Ética em Pesquisa responsável pela apreciação do projeto pode ser consultado, para fins de esclarecimento, através do seguinte endereço: Av. Independência, 2293, Bloco 13 - Sala 1306; ou pelo telefone (51) 3717-7680; ou pelo e-mail cep@unisc.br

Local:

Data:

Nome e assinatura do voluntário

Nome e assinatura do responsável pela
apresentação desse Termo de Consentimento
Livre e Esclarecido

<https://forms.gle/5YbTPhGLDE1q31xC6>

APÊNDICE F – CARTA DE APRESENTAÇÃO CEP



Santa Cruz do Sul, 25 de setembro de 2023.

Ao
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP
Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Sr. Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa
Prof. Renato Nunes

Encaminho para avaliação deste Comitê de Ética em Pesquisa, o projeto "Refazendo fios da existência: Investigação sobre significados emergentes após tentativas de suicídio em jovens universitários" tendo como pesquisador principal Alexandra Motta de Araujo Barreto a ser realizado no(a) UNISC, de maneira remota, via Google Meet. Trata-se de um Projeto de Pesquisa-Intervenção apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, que envolve seres humanos.

O resultado desta pesquisa retornará aos pesquisados através reunião individual com os participantes da pesquisa para divulgar o resultado da pesquisa, apresentação dos resultados em seminário institucional, com convite para os participantes da pesquisa (pesquisados) assistirem, e envio do resultado da pesquisa ao participante da pesquisa por e-mail.
Aguardando avaliação de parecer deste Comitê, coloco-me à disposição para maiores esclarecimentos.

Atenciosamente,

Nome do Pesquisador Principal: Alexandra Motta de Araujo Barreto

Departamento do Pesquisador principal: Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Instituição do pesquisador Principal: Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

Assinatura do pesquisador Principal:

ANEXO A – CARTA DE ACEITE INSTITUIÇÃO SIS

Santa Cruz do Sul, 25 de setembro de 2023.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Santa Cruz do Sul, CEP-UNISC

Prezados Senhores,

Declaramos para os devidos fins conhecer o projeto de Projeto de Pesquisa e Intervenção intitulado: "Refazendo fios da existência: Investigação sobre significados emergentes após tentativas de suicídio em jovens universitários", desenvolvido pela mestrandia Alexandra Motta de Araujo Barreto do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional de Psicologia, da Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, sob a orientação do/a professor Prof. Dr. Jerto Cardoso da Silva, bem como os objetivos e a metodologia da Pesquisa e Intervenção e autorizamos o desenvolvimento no Serviço Integrado de Saúde (SIS) da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.

Informamos concordar com o parecer ético que será emitido pelo CEP-UNISC, conhecer e cumprir as Resoluções do CNS 466/12 e 510/2016 e demais Resoluções Éticas Brasileiras e a Norma Operacional 001/2013. Esta instituição está ciente das suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de Pesquisa e Intervenção e no seu compromisso do resguardo da segurança e bem-estar dos pesquisados nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para tanto.

Atenciosamente,

Nome do responsável na instituição: Isma do Bate Somavilla

Cargo do responsável na instituição: Coordenador Ético

Assinatura do responsável na instituição: Isma Somavilla

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Refazendo fios da existência:
Investigação sobre significados emergentes após tentativas de suicídio em jovens universitários

Pesquisador: Alexandra Motta de Araujo Barreto

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 75219223.2.0000.5343

Instituição Proponente: Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.556.606

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo denominado "Refazendo fios da existência: Investigação sobre significados emergentes após tentativas de suicídio em jovens universitários", apresentado ao PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO Stricto Sensu - MESTRADO EM PSICOLOGIA da UNISC pela pesquisadora Alexandra Motta de Araujo Barreto, sob orientação do professor Jerito Cardoso da Silva. O projeto de pesquisa pretende "Investigar os conteúdos simbólicos da reconexão com a vida após tentativa de suicídio" (objetivo primário). As informações foram retiradas do próprio projeto e do arquivo Informações Básicas do Projeto "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2075489".

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos estão presentes e são claros. São os seguintes:

Objetivo Primário:

- Investigar os conteúdos simbólicos da reconexão com a vida após tentativa de suicídio.

Objetivo Secundário:

- Investigar a produção de sentidos após a tentativa de suicídio em jovens universitários de 18 a 29 anos.

- Entender as reconstruções simbólicas das narrativas desses sujeitos.

As informações foram retiradas do arquivo Informações Básicas do Projeto

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306
Bairro: Universitario **CEP:** 96.815-900
UF: RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL
Telefone: (51)3717-7680 **E-mail:** cep@unisc.br



Continuação do Parecer: 6.556.606

"PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2075489".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A avaliação dos riscos e benefícios está presente e é clara. É a seguinte:

Riscos:

As pesquisas envolvendo pessoas podem gerar algum desconforto e risco emocional, a pesquisadora disponibilizará seu telefone celular pessoal para contato dos participantes, assim como possibilidade de acolhimento e encaminhamento a atendimento com profissional adequado, médico, psicólogo, ou outro, do Serviço Integrado de Saúde da Unisc, de acordo com o código de ética vigente na regulamentação do profissional de psicologia.

Benefícios:

a pesquisa possibilitará a aquisição de benefícios subjetivos e objetivos, uma vez que cada participante terá um momento delimitado para uma construção narrativa de sua própria história, possibilitando, de acordo com a própria metodologia proposta, o sujeito de se reapropriar de sua história, de mobilizá-la, na relação com a esfera social, posicionando-se no presente, na produção de sentido, a força do método, na forma como se estabelece com o sujeito de pesquisa uma relação de não assujeitamento, oferecendo a ele, portanto, um produto dessa experiência (Nogueira et al, 2017).

As informações foram retiradas do arquivo Informações Básicas do Projeto "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2075489".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A metodologia proposta será de pesquisa intervenção, qualitativa biográfica, Histórias de Vida, tomando como base a Amplificação Simbólica Junguiana para análise dos conteúdos emergentes. A pesquisa qualitativa na psicologia, e nas ciências sociais, se justifica por possibilitar a observação e análise de realidades que não podem ser quantificadas, por terem um universo próprio de significados subjetivos, onde valores,

crenças, motivações, desejos, aspirações e ações representam um âmbito mais profundo dos liames, dos meios, dos fenômenos que não podem ser reduzidos, nem comparados, em operacionalizações de variáveis. Pois, sob a perspectiva sócio-histórica, têm como foco a análise do particular como parte integrante da totalidade social. O objetivo principal é compreender os sujeitos envolvidos em suas emoções em seu contexto, buscando

entender suas vivências e significados. Essas experiências e suas interpretações não são pré-determinadas pelo mundo externo, nem se limitam a circunstâncias individuais. Ao contrário, são construídas através da interação complexa entre o indivíduo e o ambiente social, que são

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306
Bairro: Universitário **CEP:** 96.815-900
UF: RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL
Telefone: (51)3717-7680 **E-mail:** cep@unisc.br



Continuação do Parecer: 6.556.606

permeadas por contradições e sobreposições (Minayo, 2002). Essa metodologia de pesquisa propõe uma construção de conhecimento se produz através da relação específica entre os sujeitos pesquisador e pesquisado. Segundo Lévy (2001), o método a partir do encontro singular se dá entre aquele que pesquisa e a pessoa que confia sua história, endereçando sua narrativa ao ouvinte, que é o pesquisador, e através do vínculo de confiança mútua, da relação estabelecida através desse encontro, é criada uma história própria. A escolha por entrevistas abertas como ferramenta se deu no intuito

de preservar o particular de cada história. Para Minayo (2010) a entrevista aberta é uma conversa com fins definidos, que possui um roteiro que não o tradicional, pois não há uma definição prévia das questões na narrativa dos entrevistados. Busca-se elementos significativos que possibilitam o aprofundamento da entrevista, ferramenta que possibilita a descrição tanto casos individuais quanto a concepção das especificidades dos grupos

sociais e a comparação entre casos. Permite, ainda, obter um conhecimento não categorizado sobre a experiência do entrevistado, proporcionando uma relação intersubjetiva entre quem pesquisa e quem relata sua história. Permitindo suas expressões particulares no momento do encontro, já que são atores da situação estudada, com objetivo conhecer as experiências e os sentidos que os entrevistados produzem de suas vivências.

Assim, o terreno da experiência é estudado e sua ênfase é a história pessoal, à pesquisadora caberá manter o entrevistado norteado sobre a temática central e quando necessário aprofundar alguns aspectos. Possibilitando obter dos participantes suas interpretações, sua visão de mundo, os desafios que enfrentam e suas alternativas (Becker, 1997). Assim, essa metodologia se apresenta alinhada à pesquisa e intervenção por se caracterizar por uma dupla dimensão, descrição dos fatos e busca de sentido (Nogueira et al 2017). É uma proposta pelo viés do singular em diálogo com da teia social. A amplificação simbólica junguiana como metodologia de análise dos conteúdos, segundo Penna (2003), nos propõe a investigação dos conteúdos arquetípicos e simbólicos, pensando sua perspectiva inconsciente e consciente, tendo em vista a possibilidade

interventiva, trazendo vivificações míticas, através de ritos, onde as emoções são acolhidas e há pertencimento. Dinamizando narrativas subjetivas e singulares, onde através da partilha e acolhimento das emoções, estas encontrem um sentido coletivo e individual. No intuito de amplificar o olhar, a atuação, possibilitando que “então, aquilo que aparece como impulsos regressivos possa revelar suas qualidades positivas” (Hillman, 2011). Assim poder, de alguma forma, “tirar os véus e desvendar um fenômeno material ou imaterial para integrar conhecimento

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306
Bairro: Universitário **CEP:** 96.815-900
UF: RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL
Telefone: (51)3717-7680 **E-mail:** cep@unisc.br



Continuação do Parecer: 6.556.606

sobre o fato" (Silva, 2021).

Tamanho da Amostra no Brasil: 5

As informações foram retiradas do arquivo Informações Básicas do Projeto "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2075489".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos obrigatórios foram apresentados.

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Protocolo APROVADO e em condições de ser executado conforme documentos anexados à Plataforma Brasil e validados pelo CEP-UNISC.

Considerações Finais a critério do CEP:

PROTOCOLO APROVADO e em condições de ser executado conforme documentos anexados à Plataforma Brasil e validados pelo CEP-UNISC.

Alerta-se o pesquisador responsável para a necessidade de realizar e encaminhar ao CEP-UNISC, via Plataforma Brasil, os Relatórios Parciais de Acompanhamento da Pesquisa e o Relatório Final de Acompanhamento da Pesquisa. Os formulários para os relatórios estão disponíveis no link do CEP-UNISC (<https://www.unisc.br/pt/pesquisa/comite-de-etica>), aba Documentação, Arquivo "Modelo de Relatório Parcial ou Final de Pesquisa". É o mesmo formulário para ambos os relatórios (as marcações no próprio formulário é que diferem, a depender da natureza do projeto).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2075489.pdf	30/11/2023 15:48:38		Aceito
Outros	cartarespostadependenciaassinadapdf.pdf	30/11/2023 15:47:27	Alexandra Motta de Araujo Barreto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	refazendofiosdaexistenciaalteracoes.pdf	30/11/2023 15:46:17	Alexandra Motta de Araujo Barreto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLAlteracoes.pdf	30/11/2023 15:45:47	Alexandra Motta de Araujo Barreto	Aceito

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306

Bairro: Universitário **CEP:** 96.815-900

UF: RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL

Telefone: (51)3717-7680

E-mail: cep@unisc.br



Continuação do Parecer: 6.556.606

Justificativa de Ausência	TCLAlteracoes.pdf	30/11/2023 15:45:47	Alexandra Motta de Araujo Barreto	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	23/10/2023 17:02:02	Alexandra Motta de Araujo Barreto	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	17/10/2023 14:44:44	Alexandra Motta de Araujo Barreto	Aceito
Outros	cartadeconhecimentodoconteudodoprojeto.pdf	17/10/2023 14:27:16	Alexandra Motta de Araujo Barreto	Aceito
Outros	termodeconfidencialidadeparausodedados.pdf	17/10/2023 14:23:54	Alexandra Motta de Araujo Barreto	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	cartaparaapresentacaodoprojeto.pdf	17/10/2023 14:22:11	Alexandra Motta de Araujo Barreto	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	17/10/2023 14:21:30	Alexandra Motta de Araujo Barreto	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA CRUZ DO SUL, 05 de Dezembro de 2023

**Assinado por:
Renato Nunes
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. Independência, nº 2293 -Bloco 13, sala 1306
Bairro: Universitario **CEP:** 96.815-900
UF: RS **Município:** SANTA CRUZ DO SUL
Telefone: (51)3717-7680 **E-mail:** cep@unisc.br


ANEXO C – ATESTADO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA E INTERVENÇÃO

ATESTADO


Atestamos para os devidos fins que a mestranda Alexandra Motta de Araujo Barreto realizou sua pesquisa e intervenção junto ao SIS (Serviço Integrado de Saúde) da UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul), perfazendo um total de 153 (cento e cinquenta e três) horas, conforme descrição de atividades abaixo:

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO	CARGA HORÁRIA
Reuniões de orientação	30 horas
Revisão de literatura – artigo	15 horas
Elaboração do artigo	20 horas
Revisão do artigo	10 horas
Finalização e submissão do artigo	10 horas
Contato inicial para apresentação da pesquisa com cada participante	3 horas
Total de horas de entrevistas dos 3 participantes	15 horas
Contato de retorno com cada participante	3 horas
Transcrição e revisão do material das entrevistas	5 horas
Análise dos dados coletados	15 horas
Elaboração do produto técnico	15 horas
Formatação elaboração produto técnico	10 horas
Apresentação final	2 horas
Total de horas	153 horas

Santa Cruz do Sul, 14 de janeiro de 2025

Documento assinado digitalmente
 ALEXANDRA MOTTA DE ARAUJO BARRETO
 Data: 15/01/2025 15:44:09-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Alexandra Motta de Araujo Barreto (mestranda)

Documento assinado digitalmente
 JERTO CARDOSO DA SILVA
 Data: 15/01/2025 15:39:30-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dr. Jerto Cardoso da Silva (orientador)

ANEXO D – ATESTADO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA E INTERVENÇÃO SIS



ATESTADO

Atestamos para os devidos fins que a mestranda Alexandra Motta de Araujo Barreto realizou sua pesquisa e intervenção junto ao Serviço Integrado de Saúde – SIS da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, perfazendo um total de 56 (cinquenta e seis) horas.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO	CARGA HORÁRIA
Roda de conversa (sentidos de vida) - SIS	2 horas
Preparação para roda de conversa – SIS	2 horas
Curso (Reflexões sobre comportamento suicida) – SIS	16 horas
Elaboração curso (Reflexões SIS)	15 horas
Orientação/Supervisão do curso (Reflexões – SIS)	15 horas
Reunião com estagiária Raphaela (preparativos para o curso e certificados)	2 horas
Reunião devolutiva estagiários – SIS	2 horas
Reunião com estagiários – SIS (apresentação da pesquisa e solicitando indicação de participantes)	2 horas
CARGA HORÁRIA TOTAL	56 horas

Santa Cruz do Sul, 14 de janeiro de 2025

Documento assinado digitalmente

gov.br ALEXANDRA MOTTA DE ARAUJO BARRETO
Data: 17/01/2025 19:13:09-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Alexandra Motta de Araújo Barreto (mestranda)

Documento assinado digitalmente

gov.br JERTO CARDOSO DA SILVA
Data: 23/01/2025 21:09:16-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dr. Jerto Cardoso da Silva (orientador)

Documento assinado digitalmente

gov.br VERA ELENEI DA COSTA SOMAVILLA
Data: 22/01/2025 10:11:38-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Dra. Vera Elenei da Costa Somavilla (coordenadora – SIS)

